

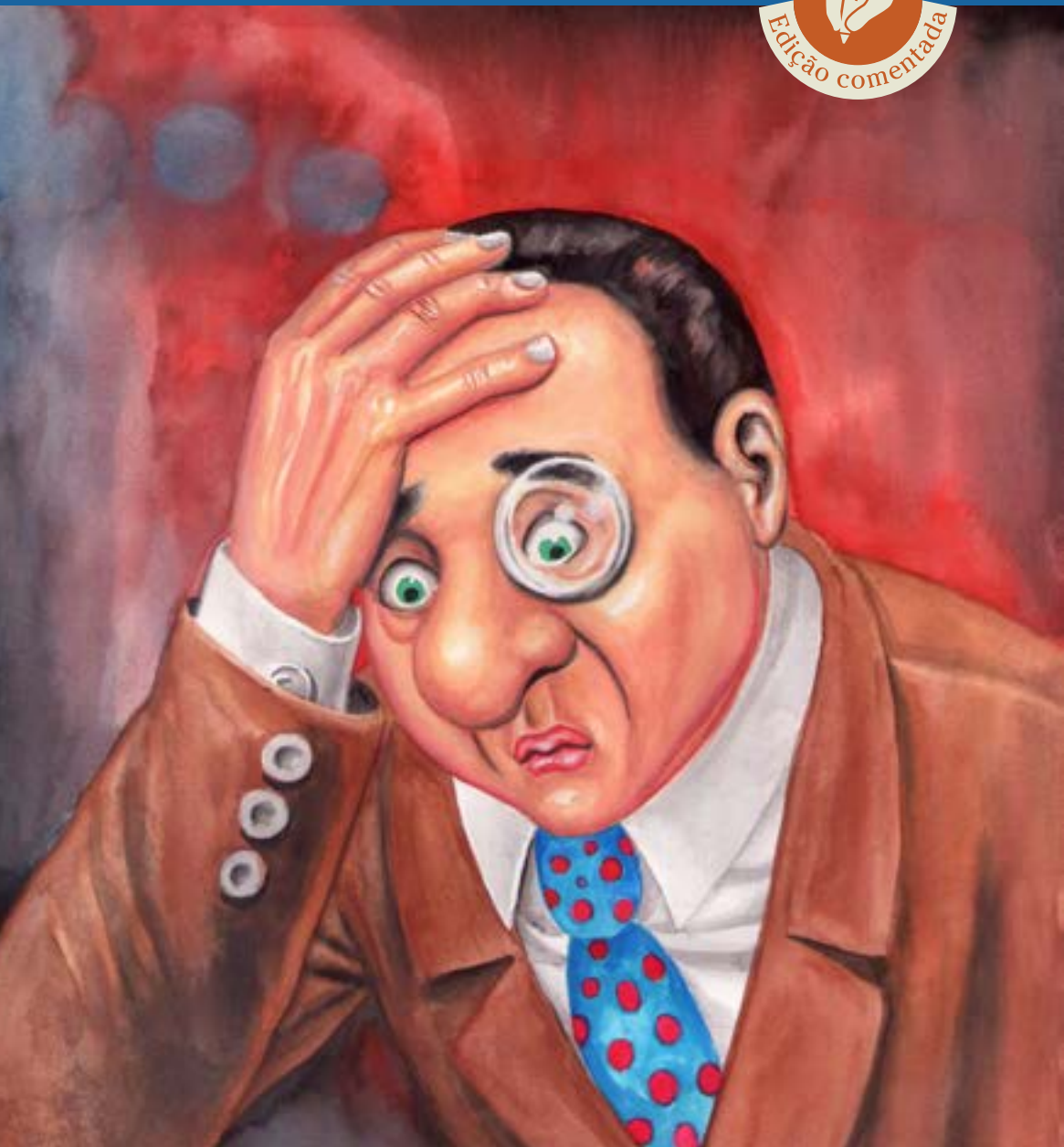
Clássicos da Literatura Brasileira

Numa e a Ninfa

Lima Barreto

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Numa e a Ninfa

Lima Barreto

Numa e a Ninfa

Lima Barreto

Ilustrações

Eduardo Schloesser
Lourdes Saraiva

Editora

lêda Rocha

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial

Editora Prazer de Ler

Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680

CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2017

Impresso no Brasil

Q3n Queiroz, Malthus, 1976-
Numa e a Ninfa / Lima Barreto; leitura, adaptação e
revisão de Malthus Queiroz; ilustrações Eduardo Schloesser.
– Recife : Prazer de Ler, 2016.
208p.: il. – (Clássicos da literatura brasileira)

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL — PERNAMBUCO. I. 2. BAR-
RETO, LIMA, 1881-1922 – BIOGRAFIA. I. Barreto, Lima, 1881-1922.
II. Schloesser, Eduardo. III. Título. IV. Série: Clássicos da
literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-93
CDD 808.899 282

PeR – BPE 16-790

ISBN: 978-85-8168-489-5

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Numa e a Ninfa

a Irineu Marinho
“Cette nation (l’Egypte) grave et sérieuse
connut d’abord la vraie de la politique,
qui est de rendre la vie commode et les
peuples heureux”¹ BOUSSET

I

O grande debate que o projeto de formação de um novo Estado na federação nacional provocara na Câmara apaixonou não só a opinião pública, mas também (é extraordinário) os profissionais da política.

Em torno do projeto, giravam interesses de todo tipo. Um grande número de cargos políticos e administrativos seriam criados; e, se bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, subchefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus protegidos.

De resto, além desse resultado palpável do projeto, havia nele outro alcance que só os profissionais da política enxergavam. Com a criação de um novo Estado nasceria, naturalmente, uma nova bancada da representação nacional no Senado e na Câmara; e o partido dominante, republicano radical, temia não eleger a totalidade dela.

Bastos, o seu poderoso e temido chefe, que detinha o domínio político do País, hesitava em apoiar ou contrariar francamente o projeto e, a respeito, só tinha frases vagas e gestos de duvidoso sentido. Os seus seguidores, os muitos que lhe obedeciam cegamente, sem a palavra devida, não sabiam o que dizer; e os mais atarantados eram os seus jornalistas e parlamentares. Uns, apoiavam; outros combatiam; outros, ainda, ora apoiavam, ora combatiam.

¹ “Esta nação (Egito) grave e séria / conheceu primeiro a verdade da política, / que é tornar a vida conveniente / e os povos felizes.”

Essa desordem nos arraiais políticos, essa interrupção do trilho guiador, excitava os ânimos dos legisladores, preocupados, todos, quer combatessem, quer apoiassem, em agradar o chefe e revelar que haviam descoberto o pensamento oculto de Bastos — porque o Congresso era todo deste, a não ser uma reduzida minoria que, no afã de combatê-lo, ora dizia não, ora sim, conforme supunha que Bastos queria ou não a criação de uma nova unidade federal.

Houve deputados que cortaram as relações amistosas, apenas porque, no calor da discussão, um deles teria proferido um comentário mais agressivo, quase sem reflexão.

Dizia-se pelos cantos que o projeto tinha por fim aumentar a representação federal de maneira que, na próxima legislatura, tivesse o Congresso os dois terços necessários para rejeitar o “veto” ao projeto de venda de um dos mais importantes bens nacionais.

Cochichavam que tal influência receberia tanto; que tal outro já havia recebido metade da gratificação prometida; que a esposa de um diplomata também tinha interesse no negócio, além de apontarem outros padrinhos, já conhecidos por todos, como protetores de tais cambalachos.

Ao certo, o que havia em torno da proposição parlamentar, o público geral não sabia, e que ela podia trazer no bojo tudo o que se dizia, era admissível. A imitação do regime político dos Estados Unidos não ficou restrita à Constituição; aos poucos, como **consequência**, ou não, conscientemente ou sem pensamento anterior, a imitação se estendeu aos seus obscuros processos de traficâncias de votos e medidas de governo.

A massa, a população interessava-se pelo debate, pesava argumentos, sem suspeitar que tanto esforço de inteligência escondesse uma vulgar comercialização ou um arranjo de políticos.

Fosse a importância do assunto ou fossem os interesses subalternos em jogo, o certo é que ocuparam a tribuna os mais mudos deputados e os mais céticos foram ainda encontrar, no fundo deles mesmos, ardor e vigor combativos.

Entre as revelações parlamentares que surgiram no momento, uma causou espanto. Era quase desconhecida da Câmara, e completamente do público, a existência do Deputado Numa Pompílio de Castro.

Apesar de nome tão adequado para o ofício de legislador, os próprios contínuos não guardavam com facilidade nem seu nome nem seus traços fisionômicos. Durante muito tempo, chamaram-no de Nuno; e, nos primeiros meses de seu mandato, **frequentemente** impediram a entrada em certas dependências, a menos que o fizesse pela porta por onde penetrara na véspera. Reconhecido e empossado, não deu sinal de si durante o primeiro ano e meio de legislatura. Passou todos esses longos meses esquecido na sua bancada, pouco conversando, enigmático, votando automaticamente com o líder e designado pelos informados como “O genro do Cogominho”. Era o deputado ideal; já se sabia de antemão a sua opinião, o seu voto, e a sua presença nas sessões era certa. Se, na passagem de algum projeto, anteviam dificuldades na obtenção da maioria, contavam logo com o voto do “genro do Cogominho”.

“Ele vota conosco”, diziam os cabalistas, “a questão é saber o que o Bastos quer e o líder manda”.

A sua colaboração, por esse tempo, para a felicidade nacional, se não foi fecunda, foi das mais discretas de que se há notícia.

O deputado Pieterzoon, um gordo descendente de holandeses, mas cuja malícia não tinha nem o peso do seu corpo, nem o da sua raça, disse certa vez: “Numa ainda não ouviu a Ninfa; quando o fizer — ai de nós!”.

O deputado Salvador, que ouviu a frase, indagou: “Ele é fauno?”. O homenzinho tinha visto um quadro — *Ninfas e Faunos* — e não havia meio de se separar na sua inteligência uma coisa da outra. Pieterzoon respondeu: “Não sei, meu caro, mesmo porque não se está bem certo de que os faunos fossem mudos”.

Foi, portanto, com extraordinária surpresa que se viu o deputado Numa tomar a palavra e fazer um discurso valioso. Parecia um milagre ver aquele sujeito tão mudo, tão isolado, tão aparentemente sem **ideias**, lidar com as palavras, organizá-las convenientemente, exprimindo-se com bastante lógica.

A sua argumentação foi até das mais perfeitas e eruditas, sem que a erudição perturbasse o encadeamento, a seriação lógica da tese a demonstrar. Mostrou que a nossa federação não atendia a tradições locais de costumes, de língua ou de história; que não foram pequenos países que se uniram por ter um vínculo comum, mas, tão somente um imenso país que

se dividiu e procurou, com uma mais ampla autonomia local, perfeição administrativa: e, assim sendo, não se compreendia nem o “patriotismo estadual” nem a existência de desmedidos Estados, verdadeiros impérios.

Os representantes dos jornais, não contando com tão inesperada revelação, denunciaram o entusiasmo com calorosos elogios publicados nas suas folhas, ao dia seguinte.

Dizia *A Aurora*: “O debate sobre a formação do Estado de Guaxupé (projeto 244-A), se outro serviço não prestou, pelo menos teve a vantagem de ter revelado ao País um poderoso orador. O sr. Numa Pompílio, até agora considerado como uma perfeita aberração parlamentar, produziu ontem um discurso cheio de critério, em que se notam saber, elegância e propriedade de frases”.

O Intransigente noticiava: “Ontem, na Câmara, naquele indecente antro de caixeiros, de oligarcas abandalhados, houve novidade. O sr. Numa de Castro, que até o dia de ontem era tido por idiota, revelou-se um orador. É verdade que não pode emparelhar-se com os grandes oradores da Câmara. Faltam a ele imagens, o seu vocabulário é pobre, a sua construção é rasteira; fala como conversa, quase terra a terra, sem as imagens que tanto tornam notável o sr. Gracimundo Rocha. O seu discurso foi ouvido no maior silêncio e impressionou francamente a Câmara. Ainda bem que isso lhe desculpa um pouco o ser associado à deslavada oligarquia dos Cogominhos”.

Um outro jornal, que se tinha por neutro e, aqui e ali, encontravam-se nele opiniões bem firmadas, contava a **estreia** da seguinte forma: “O Sr. Numa Cogominho parece ter esperado o momento oportuno de se revelar. Até agora, depois de ter entrado para a Câmara, os trabalhos parlamentares têm se limitado a discussões corriqueiras de projetos pessoais, de questiúnculas políticas e mesmo do estafado orçamento. A sua cultura histórica e o seu saber sociológico pediam outros pretextos para se revelarem. Ontem, eles foram encontrados na discussão do projeto n.º 244-A. Toda gente sabe de que cuida esse projeto, mas o que toda gente não supôs era de que maneira elegante e sábia, ao mesmo tempo, ele podia ser tratado. O Sr. Numa fez isso e com muita discricção oratória, poucos usos de figuras retóricas, sem enfeites de frases. É simples a sua maneira de falar, calma e sóbria, sem nada daquilo que os latinos chamavam de asiático. Pode-se dizer dela o que

já se disse do estilo de Descartes: “il n’a que des idées et pas de style visible²”.

Antes que acabasse a semana, as revistas ilustradas *Os Sucessos*, *A Nota* e *O Mequetrefe* publicaram o retrato da nova glória parlamentar e a primeira, a sua biografia desenvolvida. A repercussão do triunfo foi tal que, quando, dias após, o Dr. Numa atravessou a Rua do Ouvidor, trazendo ao lado a mulher, era já uma notabilidade apontada e gloriosa. Aquela gente que a enche, gente habituada a respeitar as glórias retratadas nas revistas ilustradas e gabadas diariamente nos quotidianos, reconheceu-o e olhou-o com o alto respeito que se deve a um grande orador parlamentar.

Numa caminhava acanhado, de cabeça baixa, um tanto trôpego, mas a mulher, D. Edgarda, pisava com segurança, muito naturalmente e com a fisionomia cheia de alegria contida.

Esforçava-se por não perder o que diziam; e, ao menor comentário feito à glória do marido, procurava ver com o canto dos olhos no grupo quem o dizia. Os seus olhos, ao chegar aos cantos das órbitas, fulguravam um instante e rapidamente se punham na posição normal. Se parava para falar a um conhecido, a alegria contida arrebentava em demorados sorrisos e frases meigas, dirigidas às amigas ou aos filhos destas, se as acompanhavam; e nunca o seu longo olhar foi tão longo e tão líquido e nunca brilhou tanto o esmalte de seus dentes na concha rosada dos seus lábios.

Desceram assim os dois lentamente a rua, parando aqui e ali, gozando aos goles o licor inebriante do triunfo. Cumprimentos não faltavam. Numa era detido por este e aquele, mas, dos muitos que o cumprimentaram, um ele apreciou sobremodo. As palavras do Inácio Costa foram ao fundo de sua alma. A mulher não as ouvira bem, ficara atendendo outro conhecimento, e Costa passara a dizer:

— Meu caro Dr. Numa, gostei imensamente do seu discurso. Para mim, achei nas suas palavras um remédio **tranquilizador** e patriótico. Estávamos voltando muito ao carrancismo³ egoísta dos conselheiros monárquicos. Os princípios republicanos estavam sendo esquecidos. Precisamos sempre reavivá-los. Ao mais digno! — é o meu pensamento.

²“Há apenas **ideias** sem estilo visível.”

³ Pessoa que vive presa ao passado, às tradições.

Uma Brasileira



SCHLESSEER

Este Costa era funcionário público e fora da Escola Militar, donde trouxera fórmulas positivistas e uma forte crença nos efeitos milagrosos da palavra *república*. Havia no seu feitio mental uma grande incapacidade para a crítica, para a comparação, e fazia depender toda a felicidade da população numa simples modificação na forma de transmissão da chefia do Estado. Passara pelos jacobinos, florianistas e tinha a intolerância que os caracteriza e a ferocidade política que os caracterizou.

Feroz e intolerante, com o apoio do positivismo autoritário, a sua concepção de governo se materializava na ditadura e daí deslizava para o despotismo militar. Não se dirá que não fosse sincero; ele era, embora houvesse nos seus intuits alguma mescla de interesse de melhoria na sua situação burocrática.

Julgava-se com a certeza; e, firmado na ciência, pois tirava toda a sua argumentação do positivismo, todo ele baseado na ciência e **consequência** dela, principalmente da matemática, condenava os adversários à fogueira.

É desnecessário dizer que pouco sabia de matemática e falava por fé. Era um crente que tinha a revelação da certeza política.

Numa prezou muito a sua opinião por dois motivos. Costa escrevia nos jornais e era ouvido com atenção pelo poderoso chefe Bastos.

Esta última razão era por demais ponderável, porque Bastos tinha a mesma formação mental de Costa; e julgava imprescindível a manutenção da República, necessária à integração do Brasil no regime político da América. Não se sabe bem por que isso seja necessário, pois é perfeitamente sabido que, antes de nós, os argentinos, nos quais essa espécie de gente encontra modelo, quiseram lá implantar a forma monárquica.

Costa e Bastos eram crentes, fanáticos com a mania de catequese de qualquer jeito e não discutiam a sua fé.

Numa viu nas palavras de Costa a aprovação do grande chefe — o que consolidava o discreto elogio que este último lhe fizera: “Sr. Numa, o senhor é um republicano!...”.

Numa Pompílio de Castro, a recente glória da tribuna política nacional, cuja biografia ocupou quatro páginas da revista *Os Sucessos*, não tinha história nem interessante nem longa. Filho de um pequeno empregado de um hospital do Norte, fizera-se bacharel em Direito à custa das maiores privações. Logo menino, não lhe solicitaram os lados extraordinários da vida.

Embora humilde, não foram os locais mais altos da vida que ele viu. Viu a formatura, o doutorado, isto é, ser um dos brâmanes privilegiados, dominando sem grande luta e provas de valor, pois, com ele, afastava uma grande parte dos concorrentes.

O filho do escriturário, desprezado pelos doutores, percebeu logo que era preciso ser doutor fosse como fosse.

Arranjou daqui e dali os preparatórios; e, durante o curso, levou a mais miserável vida que se pode imaginar. Alimentava-se dias inteiros de café e pão, dormia em cima de jornais, mas não deixava jamais de ir às aulas, de sentar-se ao banco da música, de fazer perguntas ao mestre e prestar exames.

De vez em quando, arranjava um emprego efêmero, lições e munia-se de roupa.

Formou-se aos vinte e quatro anos, tendo vivido desde os dezesseis por si mesmo.

Parecia que uma energia dessas se devesse empregar em altos intuitos; há aí, porém, uma questão de ponto de vista. No seu entender, o máximo escopo da vida era formar-se, e **formou-se** com grande esforço e persistência.

Não que houvesse nele um alto amor ao saber, uma alta estima às matérias que estudava e das quais fazia exame. Odiava-as até. Todas aquelas complicações de direitos e outras disciplinas pareciam vazias de sentido, sem substância, puras aparências e mesmo sem grande utilidade e significação, a não ser a de constituírem barreiras e obstáculos, destinados à seleção dos homens.

O jovem Numa não separava o conceito das disciplinas dos da formatura; Economia Política, Direito Romano, Finanças e Medicina Legal não respondiam a certas necessidades da comunhão humana; e, se tais matérias foram criadas, descobertas ou inventadas, o foram tão somente para fabricar bacharéis em Direito. Com as outras carreiras, acontecia o mesmo.

Tal **ideia** pautava e regia o seu curso; instantes depois de acabado o exame, Pompílio esquecia a disciplina.

Demais, pode-se dizer que nunca vira um livro. Todo o seu curso fora feito estudando nas apostilas, cadernos e pontos, organizados por outrem. Decorava aqueles períodos mastigados, triturados e os repetia palavra por palavra ao mestre. Prevenia-se para a prova, imaginando as perguntas do professor, e organizava as respostas, citando autoridades de vários países.

Foi sempre dos primeiros estudantes e, se não foi o primeiro ao fim do curso, deveu à nota baixa que tirou em Medicina Legal. Vale a pena contar o caso. O mestre lhe perguntou:

— Qual a quantidade de arsênico que pode ser encontrada nas glândulas tireoidianas?

Respondeu logo:

— Dezesete gramas.

Houve um grande espanto por parte do examinador, e o estudante surpreendeu-se com o espanto do mestre.

Não fora a sua ignorância que o fizera dizer semelhante dislate; foram os cadernos. O primeiro estudante escrevera certo; o copista que se seguira atrapalhara-se na vírgula dos décimos e, de copista em copista, de erro em erro, a apostila levava Numa a repetir tão imensa tolice nas bochechas dos seus sábios professores.

O seu rival no curso aproveitou a descaída e tirou o prêmio. Foi a única amargura da sua vida. Nascido pobremente, tendo passado toda espécie de privações e necessidades, nada o fazia sofrer profundamente. Logo que se viu formado partiu para a sua terra natal e lá andou um ano inteiro a receber homenagens, sempre estranhando que alguns dos seus companheiros de colégio não o chamassem por doutor.

Vendo que nada obtinha, deixou o lar paterno e veio em busca da fortuna. Em breve tempo, graças à sua insistência junto a um dos potentados da República, Numa foi despachado promotor de uma comarca de Estado longínquo. Aos poucos, com aquele seu faro de adivinhar onde estava o vencedor — qualidade que não vinha de uma sagacidade natural própria, mas de uma ausência total de emoção, de imaginação e orgulho inteligente —, foi subindo até juiz de Direito.

Durante toda a sua passagem pela magistratura, Numa adquirira fama de talento.

Fundava jornais onde escrevia elogios aos chefes, organizava bandas de música e animava representações teatrais. Não representava, mas ensaiava esse pequeno repertório da roça, velhas comédias que têm o único propósito de fazer rir, e, aos poucos, as grandes cidades as banem e vão refugiar-se no interior — *Os Trinta Botões, A Senhora Está Dormindo, O Bilontra*.

Aos atores improvisados ensinava a entonação, a gesticulação, marcava a peça melhor que o próprio autor.

Fazendo de sua vara de juiz espada de emir⁴ obediente aos desígnios de Neves Cogominho, não estranharam que, eleito este presidente do Estado, Numa fosse feito chefe de polícia.

O novo presidente vivera sempre afastado do Estado, desde a proclamação da República. Sucessivamente deputado e senador, deixava-se ficar nas margens da Guanabara dominando o feudo por intermédio de delegados e aliados.

Não conhecia bem Numa, embora o tivesse recomendado para obter a primeira nomeação; e o aceitou como chefe de polícia para satisfazer os chefes locais.

Cogominho sabia que esse seu afastamento do Estado não era bem visto pelos **semirrebeldes** do seu domínio. Uma vez ou outra, acusavam-no nos jornais oposicionistas de ter um imenso desprezo pela terra natal e só se lembrar dela para obter vantagens políticas.

No intuito de calar esse murmúrio, Cogominho se elegeu governador, embora fosse grande a diferença de salário entre aquele cargo e o de senador; e foi para Itaoca, a capital.

Não foi só; e, para mais completamente demonstrar o seu amor à terra natal, levou para o Estado toda a família. Deixou o filho que andava pelos estudos no Rio de Janeiro; e instalou-se no palácio com a filha, uma velha tia e os serviçais de confiança que levava. Era viúvo desde muito, e a chegada da família ducal⁵ muito alegrou os itaoquenses. As festas foram as mesmas com que se recebiam ali os governadores, a alegria foi a mesma, os discursos foram os mesmos, as boas-vindas as mesmas e a dúvida de sua estabilidade no domínio de Sepotuba foi a mesma no ânimo de Cogominho.

Numa esforçara-se muito para provar ao grande sepotubense o seu talento e a sua dedicação. Discursara ao desembarque, ao jantar, e notou com especial agrado que a filha de Cogominho não era de todo indiferente à sua oratória.

Habilmente, o juiz se mantivera até então solteiro. Esperava, com rara segurança de coração, que o casamento lhe desse o definitivo empurrão na vida. Aproveitara sempre o seu estado civil para seguir carreira. Ora ameaçava casar com a filha de Fulano e obtinha isto; ora deixava transparecer que gostava da filha de Beltrano e conseguia aquilo; e, se estava chefe de polícia, devia ao fato de o Coronel Flores, poderosa influência

⁴ Governante de certa tribo muçulmana.

⁵ Relativo a duque.

do município de Catimbao, ter julgado que Numa pretendia casar-se com a filha dele.

A presença da menina Cogominho fê-lo pensar mais alto e relembrar as suas desmedidas ambições casamenteiras. Não que ele fosse belo e galanteador, mas perfeitamente sabia que essas coisas não são indispensáveis para um bom casamento, desde que o noivo não viesse a fazer má figura no terraço dos diplomatas e outras pessoas exigentes da representação interna e externa do Brasil.

Com toda firmeza, com aquela firmeza que empregou para se formar, Numa tratou de casar-se com a filha de Cogominho e não viu diante dele obstáculo algum, como aquele não vira quando tratou de casar-se com a filha do capitalista Gomes.

Edgarda era bem mais moça, mas já tinha passado dos vinte anos e viera para Itaoca cheia de uma curiosidade constrangida. Nascida e criada no Rio, tendo vivido sempre nas rodas senatoriais e burguesas, tinha ilusões de nobreza. Acompanhava o pai com certa repugnância; ao mesmo tempo, porém, era atraída pela existência “dessas cidades” que não são o Rio. Encontrava no bacharel quem lhe informasse sobre a vida do Estado, a sua história, a sua indústria, as suas cidades; e as pedia com o espírito de uma marquesa ao intendente dos seus domínios.

Esta concepção de nobreza viera da educação das irmãs de caridade e da defeituosa instrução que recebera e não pudera ajudar à sua real inteligência a corrigi-la.

Não pensara que a nobreza supõe domínio efetivo e perpetuidade na família desse domínio, garantida por privilégios, soberania, tradições de raça e sangue; e a ilusão que as irmãs fizeram nascer em seu espírito aos dezesseis anos ficou sempre no seu subconsciente.

Como castelã, sonhara sempre com casamentos excepcionais; e, a todos que se insinuavam a ela, certos rejeitava por achá-los comuns; e outros, por serem desproporcionados. Talvez iludisse a si mesma; talvez já tivesse achado um que era do seu amor, mas não era de sua condição. A castelã mais uma vez se fizera burguesinha...

Nunca supôs que aquele bacharel esguio, amarelado, cabelos duros, com um grande queixo, vestido com um apuro exagerado de provinciano, premeditasse casar-se com ela; mas o ócio provinciano, a falta de galanteadores, a vontade de matar o tédio fizeram-na esquecer a artificial representação que tinha

de si mesma e aceitou as homenagens do chefe de polícia de seu pai.

O governador via com bons olhos a aproximação dos dois e pareceu a ele que o casamento de ambos seria útil à sua política. Conhecendo a fama do rapaz no Estado, a sua influência, o seu atrevimento, o seu despudor em fazer do seu cargo judicial instrumento das ambições políticas do partido e de opressão para os adversários, Cogominho percebeu bem que era melhor tê-lo por aliado, antes que se unisse a Flores, quase sempre disposto a não lhe obedecer totalmente.

Era bom separar um do outro para que ambos, mais tarde, não lhe dessem o que fazer e mesmo o “tombo”. O descaramento judiciário de Numa dava medida do que ele seria capaz de fazer quando o solicitassem grandes ambições e tivesse o apoio familiar de Flores.

O processo da “Boa Vista” indicava bem a alma do seu chefe de polícia. Flores, o Coronel, por uma questão de gado, invadiu certa vez a estância do rival, matando suas filhas, filhos e criados e deixando que a horda que o acompanhava saqueasse casas, moinhos, currais e estrebaria. Até portas trouxeram.

Devido à discussão que o caso levantou no Rio, houve processo, e Numa, apesar das testemunhas, apesar de todas as provas, anulou a sentença de Flores e seus capangas.

Como esta, eram muitas as causas em que o juiz se fizera criatura do coronel e seu casamento com a filha deste iria lhe dar uma força extraordinária na política do Estado. O braço iria se juntar à cabeça...

Pouco depois de eleito deputado estadual, Numa Pompílio de Castro casara-se com a filha de Neves Cogominho sem surpresa para ninguém, nem mesmo para Flores, que apadrinhara o antigo chefe de polícia.

Quando se fizeram as eleições federais, o genro do presidente foi feito deputado federal e, como tal, partiu para o Rio, apressado em tomar assento na Câmara Federal.

Tinha poucas relações, e o seu desembarque não foi concorrido como era o do seu sogro. Contudo, alguns conhecidos da mulher vieram, entre os quais um primo de que ele tinha notícia como extravagante. Numa, então, conheceu-o; tratou-o com a educada seriedade de suas virtudes judiciárias e admirou-se da satisfação com que sua mulher o acolheu e do olhar doce e curioso que o cobriu todo.

Neves Cogominho ficou em Itaoca acabando o mandato de presidente; e, durante o primeiro ano, o genro foi fazendo com cautela a sua iniciação de deputado e de bacharel bem casado. Não faltava às sessões, conversava pouco, não adiantava opiniões e guardava de cor as de Bastos, a cuja casa não deixava de ir em obediência às recomendações do sogro.

Não se demorava na rua, mas pouco conversava com a mulher; dava os passeios e fazia as visitas necessárias.

A vida de ambos era, entretanto, calma como a de um velho casal. A mulher lia, lia muito, e ele, a princípio, admirou-se muito com aquela leitura. Para quê? Não sabia bem que prazer pudesse ela encontrar nos livros com os quais só lidou por obrigação... Nada disse, no entanto; ambos se entenderam e ele mesmo, as mais das vezes, se prontificou a trazer este ou aquele volume.

Os observadores que o viam entrar nas livrarias, adquirir livros e revistas, começaram a tê-lo como estudioso e homem de bom gosto. No fim de poucos meses, era conhecido dos comerciantes, e o deputado Numa Pompílio de Castro continuava a ser obscuro. Os diários não falavam nele e, mesmo quando aparecia nas festas, as seções mundanas dos jornais não davam seu nome.

A mulher, em que o casamento já começava a pesar, aborrecia-se com essa obscuridade. Não o amava, não o achava inteligente, mas havia não sei que de organizado nele, de médio, de segurança de processo, que esperou sempre que a política o fizesse pelo menos conhecido; mas, assim não o queria, e o seu enlace era um desastre sem desculpa aos seus olhos.

Queria-o na Câmara barulhento, discutindo, e ele vivia calado; esperava-o atacado pelos jornais da oposição, e eles não diziam nada; esperava-o conhecido de todos, e ninguém o conhecia, até mesmo as suas amigas. Ainda há dias a Hortênsia não lhe tinha perguntado: “Edgarda, teu marido é deputado?”. Precisava animá-lo; fazia-se necessário isso.

De volta do enterro de uma parenta, a mulher de Numa vinha satisfeita. Nem sempre isso acontece, mas muitas vezes se dá, apesar de nós. Não se colhem bem os motivos, as razões profundas de se ter passado de uma emoção a outra, o certo é que se tem como que um alívio na alma, a impressão que se diminuíram os nossos pecados; ficamos melhor diante de nós mesmos, mais de acordo com Deus e com o Mistério.

Ficara Edgarda até o fim, voltara e jantara muito contente com o marido e o primo Benevenuto, que raras vezes os visitava. À tarde, passaram excepcionalmente comunicativos; e, muito ternos, marido e mulher, recolheram-se à hora do costume.

O dia amanheceu lindo, transparente, **tranquilo**; e os galos se esqueceram das horas e foram cantando pela manhã afora. As alturas destacavam-se na tela fina do azul infinito; o Corcovado curvava-se curioso sobre a casa em que habitavam e as janelas tiveram pressa em se abrir.

Numa conservava os seus hábitos de estudante. **Erguia-se** da cama cedo, tomava banho e cedo procurava o café e os jornais. A mulher, que se demorava mais no leito, naquele dia acompanhara o marido. Ela ainda tomava o café quando já o esposo lia os jornais.

O deputado buscava imediatamente o que, nas folhas, se dizia dos debates, os comentários, os artigos de fundo; e, ao ler um dos jornais, não pôde deixar de dizer à mulher:

- Que elogio ao Caldas!
- Que Caldas? O Eduardo?
- Sim.
- E o que fez ele?
- Um discurso ontem.

A mulher serviu-se novamente de café, açucarou-o bem, arrepanhou o roupão que estava deixando muito à mostra o colo rosado e disse:

- Você, por que não faz um, também?
- Sem deixar o jornal, Numa atendeu, sacudindo os ombros:
- Ora!

Edgarda, depois de levar a xícara aos lábios, sorver um gole e descansá-la, observou:

- É preciso aparecer, Numa!
- Com preguiça e mansidão, o marido disse:

— Para quê, Edgarda? Para quê? Há lá tanta gente inteligente que não preciso me incomodar.

— Eu — fez ela —, se estivesse no seu lugar, por isso mesmo é que me incomodava. Você tem vergonha?

— Não, ao contrário; sou até desembaraçado, mas... mas... preciso estudar.

— Pois então estude! Que dificuldade há? Você por que não experimenta? Não se discute a tal questão do novo Estado?

- Discute-se.

— Por que você não fala?

— É... É... Mas...

— Precisa estudar, não é?

— É.

— Eu ajudo.

— Como? Você sabe?

— Não. Vejo os livros, pergunto a papai; você indica outros, tomo notas e depois você as redige. Lê alguns discursos e o resto se arranja.

— Não vai sair a coisa com algumas inconveniências?

— Ora! Passo a limpo e você leva a papai, para ver o que há.

A peça oratória foi assim composta; e, na redação final, Numa ficou muito contente com a habilidade da mulher. Encontrou muitas modificações felizes, muitas frases bonitas, e, cheio de intensa alegria perguntou:

— Você já escreve há muito tempo, Edgarda?

— Não, nunca escrevi. Por quê? — respondeu a mulher com algum tremor na voz.

— Por quê?... Porque tem muita coisa que você escreveu melhor do que eu.

— Pois você pode ficar certo de uma coisa: escrevi o que está no teu rascunho, modificando uma ou outra coisa, naturalmente.

Obtida a aprovação do sogro, Numa estudou o discurso como se fosse um papel de teatro. Não era sem antecedentes o processo; e ele o soube empregar magnificamente, pois a Câmara admirou-o, e o seu sucesso foi grande e notado em toda a cidade.

Quando terminou, recebendo abraços, ouvindo aqui e acolá comentários, a sua lembrança ia para a casa paterna, lá no seu estado longínquo; e agora, passada a emoção da **estreia**, colecionando parabéns e olhares admirativos, naquela rua que sagra as celebridades nacionais, as recordações voltavam a ele mais vivas e mais cheias de ternura.

Recordou-se bem da casa de seu pai, das suas dificuldades, das suas ânsias e sobressaltos para se prevenir contra os chefes políticos que queriam sempre tirar seu emprego. Subia um partido, descia outro; os Castriotos reconciliavam-se com os Cíceros; os Cíceros deixavam os Castriotos e iam para os Coimbras; e sempre seu pai tinha que adivinhar essas marchas, essas reconciliações e separações, para manter o seu emprego, sem poder ficar neutro, obrigado a tomar partido para a sua

própria segurança.

Lembrava-se bem da casa, caiada, meio de telha vã, meio forrada, com um largo quintal, tendo, aqui e ali, uma árvore, um cajueiro e os urubus teimosos misturados com as aves domésticas. E agora? Habitava um palácio, no meio da fartura, ao lado de uma linda mulher bem educada, aonde iria... Muito pôde a formatura! Se ele não se fizesse doutor, que seria?... Bem lhe pareceu desde menino que a carta era a chave da riqueza, uma chave mágica a abrir todas as fechaduras da vida, suavemente, docemente, rapidamente, sem o mais leve ruído. Uma gazua⁶...

Tinha saber? Não sabia. Tinha talento? Não sabia. Que é que sabia ao certo? É que era formado. Examinou toda a sua vida de juiz e as hesitações surgiram com afiada nitidez.

Devia ter procedido de outra forma? Devia, mas que lhe adiantava? Ficar lá pelo interior a vegetar em lugarejos. O que ele sentia bem, o que lhe tocava, o que penetrava nele não eram as faltas no cumprimento dos seus deveres; era a sensação de que estava em uma grande cidade, que tinha uma casa, que o dia de amanhã estava garantido e para viver não precisava esforçar-se. De resto, discursando hoje, falando amanhã, a ascensão era certa; e ele que quisera algum tinha muito; e ele, que não ambicionara a celebridade, era célebre; e ele, que não procurara os livros, os livros o elevavam.

Olhou um pouco a mulher, e alguém, quando passavam, disse perceptivelmente: o triunfo é dele, mas a glória é dela.

Edgarda, distraída da multidão, olhando aqui e ali sem ver, continuava a caminhar com segurança e com uma grande alegria em todo o rosto. Em breve estavam em uma saleta pretensiosa, onde é de bom gosto tomar chá. Era um luxo novo da cidade, um luxo bem nosso, barato e cauteloso.

Lá, após o passeio, encontravam conhecidos; e, como sempre, achavam-se já sentados a uma das mesas Mme. Forfaible, esposa do general do mesmo nome, acompanhada de uma amiga, e o primo Benevenuto.

— Não sabe — foi logo dizendo este último — como me agradou o teu discurso. Há muito pensamento nele, muito estudo...

O deputado sorriu convencido e respondeu:

— Muito obrigado! Muito obrigado!

Mme. Forfaible concluiu:

⁶ Tipo de gancho usado para abrir fechaduras.

— O doutor deve levar em conta a opinião do Dr. Benevenuto. Ela é desinteressada, perfeitamente desinteressada... Não é de oficial do mesmo ofício.

— Sei bem, minha senhora. Sei bem.

A Numa seguiu-se Edgarda:

— Como vai o General, Anita?

— O General! Vai bem, vai bem.

Benevenuto indagou, então:

— Não foi para o Supremo?

— Que nada! — disse a mulher. — Que nada! Eu não dizia até agora que a coisa pior deste mundo é oficial do mesmo ofício? Pois bem: meu marido é um dos generais mais ilustrados e de mais serviços no Exército. Até hoje, até hoje, ainda não o fizeram marechal nem ministro do Supremo Tribunal. É isto! Entretanto nomearam o Castelo, que escreve corneta com “qu”.

— Minha senhora, posso garantir-lhe que me interessei muito...

— Olhe, Anita — disse Edgarda —, não havia dia em que não lembrasse a Numa, que não deixasse de recomendar teu marido a papai.

— Sei bem — disse Mme. Forfaible — que a culpa não é dos civis. É dos colegas, doutor; é dos colegas... Bem fez o Dr. Benevenuto que não quis ser nada.

— Não sou eu quem não quer, minha senhora; são os obstáculos. A minha vocação não é para esse “steeple-chase”⁷ de pistolões, choradeiras, casamentos, intrigas, abdições, pedidos, mofinas... Para isso, há uma raça especial... Eu...

Numa interveio:

— É mesmo um tormento! E as injustiças? Já no meu curso, não me deram a medalha. Mas tenho trabalhado para subir. Esta sabe bem.

A mulher foi ao encontro do marido, dizendo angelicamente:

— A questão é esperar. Paciência... Não é só um caminho que leva a Roma.

— O doutor — disse então Benevenuto — pode gabar-se de ter muita paciência. As injustiças não lhe atingem.

— Já estou habituado com elas.

— É uma grande vantagem na nossa vida — continuou o primo. Sem esse hábito, não se ia para diante... Eu sei que, às

⁷ Corrida de cavalos com obstáculos.

vezes, a gente se revolta...

— Eu! — exclamou Numa. — Eu! Não me revolto nunca. Trabalho, trabalho e consigo.

A amiguinha de Mme. Forfaible falou por aí, timidamente:

— Quem tem talento, como o doutor, consegue tudo.

— Não é tanto assim, menina! — fez Mme. Forfaible, com alguma irritação. O talento serve muito, não há dúvida; mas é para ajudar os outros.

Calaram-se e puseram-se a tomar o chá que esfriava nas xícaras.

II

O ar estava translúcido e fino. A manhã ia adiantada, mas tinha ainda um pouco do encanto das primeiras horas. Botafogo é, dos lugares do Rio de Janeiro, aquele em que mais agradável é o amanhecer. A proximidade do mar e a vizinhança das altas montanhas, cobertas de vegetação, quando o sol é meigo, aí pelas primeiras horas do dia, casam-se, unem-se, fundem-se sob a luz macia e o céu azul, de tal forma que o encanto da manhã é inesquecível.

Esquecemo-nos da áspera e violenta atmosfera das outras horas e mesmo de certas manhãs; deixamo-nos envolver na tênue e carinhosa gaze azulada do momento, totalmente, inteiramente, corpo e alma, **ideias** e sonhos, como se nos preparássemos para suportar os outros bravios instantes do dia.

Aquele dia amanhecera soberbo, e quem andasse pelo bairro pouco notaria as pretensiosas fachadas das casas, os gradis presunçosos dos jardins, o movimento da criadagem, dos banhistas, para só aspirar o ar, aspirar e vê-lo e também as flores daqueles prudentes jardins minúsculos que bem medem a nossa riqueza, a nossa magnificência e o nosso luxo. As palmeiras farfalhavam suavemente na Rua Paissandu, levando o mar para as montanhas e trazendo a montanha para o mar; as árvores estremeciam na atmosfera e todos pareciam contentes. Os criados tagarelavam em grupos, cestos ao braço, mais animados para o árduo serviço; os caixeiros olhavam as cozinheiras com a ternura da manhã; os colegas caminhavam brincando para as



SCHLOSSER

escolas; as patroas não tinham no rosto o enfado necessário do matrimônio, e os maridos, de volta do banho de mar, tiritavam alegres, sorridentes, esperançados nos seus negócios. A alegria da manhã gotejava nas pessoas e nas coisas.

O diretor do *Diário Mercantil*, muito interessado no negócio da venda da Estrada de Ferro de Mato Grosso, tinha resolvido procurar Numa Pompílio, naquela manhã. Procurava a casa do deputado, sem notar a inocência e a bondade do momento e da paisagem, preocupado com a transação, desprezando as árvores, o ar, as montanhas, as flores e a gente.

Fuas Bandeira era português de nascimento e desde muito se achava no Brasil, metido em coisas de jornal. Homem inteligente, não era nem ignorante, nem instruído. Tinha a instrução e a inteligência de homem de comércio e pusera na sua atividade jornalística o seu espírito e educação comerciais. Escrevia, mas escrevia como um contador hábil. A influência da “correspondência” sentia-se bem na sua redação econômica de pontos, períodos longos, procurando dizer tudo sem suspender a pena.

Emigrado de Portugal, por motivos suspeitos, tendo recebido unicamente os princípios da educação secundária, Fuas foi durante muito tempo um interesseiro sem felicidade.

Sucessivamente contador, gerente de casa de jogos, professor de montar em velocípedes de que era alugador, editor de pequenas revistas, concessionário de patentes que escondiam jogos de azar, um belo dia a bondade de um patrício o fez empregado da gerência do *Diário*, mais tarde gerente e, quando o proprietário foi à Europa, deu-lhe procuração em causa própria para tratar dos negócios da empresa; e Fuas se serviu do instrumento para se apossar dos bens do protetor, não só dos que giravam na empresa, como dos particulares que ele soube, com a mais requintada má-fé e com a ousadia de ladrão profissional, arrancar à inexperiência de uma velha parenta do seu benfeitor e amigo, sob cuja guarda estavam.

Voltando precipitadamente o proprietário, que fora prevenido dos desvios dos seus bens, levado a efeito pelo procurador infiel, reclamou imediatamente a restituição do que lhe pertencia, sob pena de queixar-se à polícia. Fuas foi falar com o chefe de Estado, que ordenou ao Tesouro fornecer-lhe os fundos necessários. Daí em diante sua fortuna estava feita e os seus processos de jornalista firmemente estabelecidos. Nunca mais lhe faltou dinheiro, e muito sempre obteve, por este ou

aquele meio obscuro e cínico. Apesar disto, a sua folha sempre andava em falência, devendo ao pessoal; o que, a todos, causava admiração, pois Fuas, ao que diziam, tinha até aí recebido de vários governos do Brasil cerca de três mil contos. Não é de espantar, quando se considera que, só da vez que em que se viu atrapalhado com o antigo proprietário do *Diário*, ele conseguiu em dias, graças às ordens do Presidente da República, obter quase mil e quinhentos contos. Todo esse dinheiro que ele cavava empregava em aparentar largueza, peitar disfarçadamente os influentes e mais depressa perdia **cinquenta** contos no jogo do que pagava, dos três em atraso, um mês à reportagem. Era preciso não perder a linha...

Encarava todo o debate jornalístico como objeto de comércio ou indústria e estendera esse critério aos casos políticos, às pretensões de qualquer natureza. Dizia o mesmo francamente e francamente agia, embora, quando acusado publicamente, se defendesse indignado.

Fazia uma vida brilhante: gastava, jogava, presenteava, mas a sua generosidade era sempre interesseira. Ele a tinha com os poderosos da indústria, do comércio, da política e dos negócios; e, nos apertos, não sacrificava um centavo de suas despesas, para atender o pagamento dos salários dos seus próprios criados.

O seu caráter corrupto provinha de um ceticismo inconsciente quanto ao valor da política, da ação do governo, mas o curioso é que ceticismo ele só o tinha quanto ao Brasil. No que toca à sua pátria de origem, era crente e desinteressado, esperando resultados fecundos dos atos acertados do governo.

Seguia a política, advogava este ou aquele partido, gabava tal ou qual personagem sem remuneração alguma, até com prejuízo. Fazia sistematicamente, porém, ente nós, a indústria do jornal e não havia empreendimento ou obra, por mais útil que fosse, representando emprego de grandes somas de dinheiro e lucro para os empreiteiros de que não se procurasse tirar a sua parte.

Não acumulava dinheiro, talvez não sentisse vontade de voltar à terra de origem e tinha o Brasil na conta de mina inesgotável, que, para dar-lhe lucro, precisava estar à vista. Conhecia todos os poderosos, os que se faziam de poderosos, os que se iam fazendo e prometiam sê-lo, e a nenhum se acanhava de pedir isto ou aquilo. À proporção que subiam, subiam os seus pedidos;

e, dessa forma, quando no auge podia pedir-lhe o que quisesse.

Lendo os jornais, fumando teimosamente, sem sentir a agradável fragrância dos jasmims e a rua pitoresca, Fuas chegou à residência do parlamentar.

A casa do deputado Numa Pompílio ficava pelas bandas de Humaitá, por aqueles lados de Botafogo, onde Darwin morou, e ao anoitecer punha-se a ouvir encantado o hino que a Natureza, por intermédio das rãs humildes, entoa às estrelas distantes. Era um casarão comum, sem movimento, quer na fachada, quer na massa toda do edifício. Muito simplesmente um paralelepípedo, com largas aberturas de portas e janelas, tinha um só pavimento, mas o porão era tão alto que bem se podia contar como outro.

Vasto de fato era, e as seis janelas da frente e a situação ao centro do jardim, mais amplo que os comuns, com velhas fruteiras nodosas, corrigiam de algum modo a simplicidade de sua arquitetura. Tinha certa imponência e, demais, com o fundo para a escarpa verde-negra dos contrafortes do Corcovado, o casarão ressaltava, saía, adquiria certa distinção de nobreza entre as jovens e acanhadas edificações dos arredores. Não era novo; pertencera aos avós da mulher de Numa e fora edificado aí pelos meados do século passado.

O velho Gomes (assim fora conhecido o avô de Edgarda) era português de origem humilde, traficara, enriquecera e se fizera, com os anos, uma potência comercial na cidade.

Quando edificou aquele casarão, Botafogo ainda era roça, e o fizera amplo e franco como uma casa de campo. Viveu muito e enterrou quase todos os descendentes, exceto a filha, que se casou com o Dr. Neves Cogominho.

O genro, graças à previdência do velho negociante, não pudera desbaratar os haveres da mulher; ele mesmo não precisava disto. Médico, novamente formado, só necessitava de representação para ganhar fortuna na clínica; não teve tempo, porém de o fazer, porque, antes de cinco anos de casado, proclamara-se a República e a política ofereceu-lhe campo mais vasto e menos trabalhoso para a vida abundante.

Lembrou-se de que era republicano, e seu tio, o Coronel Fortuna, amigo íntimo de Deodoro, tomou conta do seu Estado natal e ele foi feito deputado, enquanto os seus primos, concunhados, sobrinhos, seguidores e afins ocuparam outros cargos no Estado, implantaram nele o domínio dos Cogominhos de que ele se fez chefe por morte do venerando Fortuna.

A mulher não viu sua ascensão na política; morrera pouco depois de proclamada a República, deixando para ele uma filha de dois ou três anos que foi criada por uma velha tia do pai.

Cogominho não abandonou o casarão de Botafogo e só deixou de habitá-lo continuamente quando casou a filha. Assim mesmo tinha nela aposentos, mas dera para ficar em Petrópolis, onde antigamente costumava passar só três ou quatro meses.

Seu genro, no começo, custou muito a habituar-se à velha casa. Achava-se deslocado, julgava-a exageradamente grande; era como se tivesse vestido a roupa de um gigante. Aquelas amplas salas, grandes quartos e longos corredores, quase sem habitantes, só com móveis, a maioria das vezes fechados, pareciam a ele povoados de duendes. Habitado às pequenas casas, órfãs de trastes e outros adereços, Numa esforçava-se por entrar na significação e necessidades daquelas colunas, sofás e divãs. Achava os sofás estufados baixos demais e as cadeiras frágeis; o que o aborrecia muito era a falta de escarradeiras⁸.

O cunhado estava na Europa e grande parte da casa vivia fechada, só vindo a conhecer algumas dependências quando a velha tia de Cogominho, D. Romana, voltou de Sepotuba. A velha fazia abrir, varrer e espanar tudo aquilo diariamente e movia-se dentro do casarão com a liberdade de quem conheceu daqueles como centro de léguas quadradas de uma fazenda.

Era de supor que Numa esperasse por tudo isso, mas não pedia tanto a sua ambição de posição e dinheiro. Nela, não havia necessidade interna de grandeza, de luxo, de comodidade, de magnificência; havia tão somente preguiça, preguiça física e mental, vontade de ficar a salvo dos vaivéns da sorte, das “rebordosas”, o pavor nacional do dia de amanhã.

Ficou estranho à casa, aos utensílios e continuou com os seus hábitos medíocres.

Após o café e a leitura dos jornais, viera o deputado até a sala de visitas espaiar um pouco. Vinha ver pelas janelas a rua que ficava em frente da casa. Antes de espiar o movimento matinal do bairro, quis o acaso que examinasse um pouco os adornos da sala. Aí, parou um pouco, convidado por esse ou aquele móvel. Julgou uns antipáticos, gostou dos antigos, pesados e amplos; examinou os bibelôs e demorou-se a considerar uma estatueta de bronze. Sentada em êxedra⁹, de marfim, uma

⁸ Recipiente em que se escarra; escarrador, cuspidreira.

⁹ Local onde se reuniam antigamente os filósofos.

mulher tinha os braços abertos sobre os ramos da cadeira. O busto estava nu, a parte inferior coberta, e, aos pés, uma coroa de louros. Viu seu olhar atento, a expressão do rosto de serena imaterialidade, a atitude geral de suspensão. Olhou-a ainda demoradamente e descobriu qualquer coisa naquele pedaço de bronze que até ali não tinha sentido nunca. Afastou-se um pouco, examinou uma porcelana, um outro bronze; mas sempre aquela mulher em expectativa, à espera não sei de que atraía o seu exame.

Teve medo de apanhá-la; afinal, o fez. Leu alguma coisa na base; não decifrou bem ou não teve confiança na leitura. Apesar da manhã muito clara, devido às cortinas, a luz entrava escassamente e a sala estava em uma meia penumbra. Trouxe-a bem junto à janela e leu claramente: “Histoire — História!”.

Numa não captou bem a relação entre a estatueta e a lenda, mas ainda assim olhou o bronze, o modo natural de seus braços abertos, a sua serenidade total, quando lhe avisaram que havia uma pessoa que queria falar com ele. Leu o cartão e mandou que fizessem entrar para a saleta o Sr. Fuas Bandeira, diretor do *Diário Mercantil*.

Apurou melhor a roupa matinal e foi ao encontro do jornalista, depois de ter ao acaso lançado o olhar sobre o retrato do avô de sua mulher, enquadrado em uma grande moldura dourada.

Fuas Bandeira desculpou-se por ter vindo incomodá-lo tão cedo e expôs com franqueza o objeto da sua visita. A rejeição do “veto” oposto ao projeto de venda da Estrada de Mato Grosso devia ser posta em ordem do dia e Fuas esperava que Numa votasse pela rejeição.

O legislador afastou da lembrança a figura da estatueta e respondeu:

— Qual é a opinião de Bastos?

— A mim, meu caro doutor, ele já me disse que não tinha opinião firmada. Dá mesmo a entender que é questão aberta...

— Mas não disse claramente?

— Não, não disse. O doutor sabe como é o doutor Bastos. Ele não costuma dizer, quando se trata de insignificâncias. Penso assim ou não. Ele acha que dizer algo sobre a sua opinião é insinuar que os seus amigos votem com ele. O doutor Bastos já está tão farto de ouvir dizer que ele violenta a consciência dos seus amigos, que é um ditador, que é a sua vontade que domina

a dos outros, que ele é o partido. Ora, doutor, quando se trata dessas insignificâncias, ele evita falar para que os republicanos votem como entendam.

— Mas no caso do Peixoto...

— Ah! doutor! O caso aí é outro. Tratava-se, é verdade, de uma licença, mas Peixoto é inimigo do partido, inimigo de peso. Com o caso da Estrada, não há nada disso, posso lhe garantir!

— E o povo?

— O povo! O povo! Que tem o povo com estas questões? Por acaso ele pode raciocinar sobre finanças? Creio que não, meu caro doutor. Não é a sua opinião?

— Dizem que o governo gastou cem mil contos e vai vender pela metade.

— Não é certo; mas, se o fosse, valia a pena contar também com o prejuízo que ela dá. A operação, meu caro doutor, traz desafogo para o governo, não só para já, como para o futuro. O meu interesse como republicano é facilitar meios de vida à república e também educar o Brasil no caminho da iniciativa particular. Se até agora ela não se tem efeito na economia do País, é devido à timidez dos senhores diante da algazarra dos caluniadores.

A teimosa fragilidade da estatueta passou de novo pelos olhos do antigo juiz de Catimbao.

Fuas Bandeira acendeu o charuto e continuou de pé:

— O doutor, certamente, conhece bem a questão?

— Pouco.

— Pois se quer... Ah!

— Que procuras, Sr. Fuas?

— A minha pasta... Está no automóvel.

Numa chamou o criado para buscá-la e dela o jornalista tirou um folheto explicativo sobre a vantagem da operação. Ainda falaram sobre outras questões; Fuas não aceitou o almoço e despediu-se recomendando:

— Leia, doutor! Leia! Quanto à opinião do doutor Bastos, não se incomode, pois ele dá toda a liberdade a seus amigos.

Quando Numa voltou em direção ao interior da casa, ainda olhou distraído a estatueta que continuava repousada, serena, na meia penumbra do salão.

A vida do casal continuava a ser a mesma. Viviam um ao lado do outro, sem grandes ternuras, sem ódio, sem também a perfeita e mútua penetração que o casamento supõe. Pareciam

habituaados àquele viver desde muito tempo; e D. Edgarda costumava tomar conta e animar a carreira política do marido, maternalmente.

Era a sua ambição que se realizava na celebridade do marido. Educanda das irmãs de Botafogo, ela não queria ficar atrás das outras e lembrava-se do que lhe dissera certo dia a irmã Teresa, com sua voz macia e aquele olhar inteligente que dava tanta vida à sua pele de pergaminho.

— Veja só, Edgarda, quase todos os homens importantes do Brasil têm casado com moças educadas aqui. A mulher do Indalécio, o Ministro da Justiça, foi nossa discípula; a Rosinha, que se casou com o Castrioto, do Supremo Tribunal, também; e a mulher do almirante Chavantes? e a Laurentina? Como era bonita, meu Deus! Coitada! Essa morreu cedo, mas o marido foi longe. É rara, minha filha, a educanda nossa que não leva o marido longe.

Nunca havia se esquecido do que lera naquele palimpsesto¹⁰ debaixo de tais palavras; e casara, certa de que Numa ia fazer o seu nome ecoar por todo o País. Era preguiçoso, descansado; mas já dera o primeiro passo e a questão estava em continuar. A sua satisfação foi grande quando o viu elogiado, apontado, caminhando para a notoriedade; mas, era necessário que não ficasse ali. Precisava insistir, ter o seu nome em todas as bocas, ser falado diariamente pelos jornais, como era o marido da Ilka, sua antiga colega.

Ela notava que a celebridade do marido começava a esfriar, a ser esquecida; e ficava contrariada quando lhe diziam nas lojas, aqui ou ali, que não o conheciam. Fizera o marido comprar muitos números da *Os Sucessos* e mandar para o Estado; insistira com o pai para que a biografia fosse transcrita no órgão oficial do partido em Itaoca. Esforçava-se por adivinhar os golpes que ele pudesse levar e só os via por parte de Salustiano, um contraparente do pai, que parecia não ver com bons olhos o domínio de Cogominho.

Tinha nascido no Estado, ocupava um bom emprego e todo o desejo dela era tê-lo sempre afastado de Sepotuba, para não obter influência direta, ficar sempre na dependência de Cogominho e não fazer valer em proveito próprio a tradição do pai dele, Salustiano.

¹⁰ Pergaminho que teve o texto raspado para que se escrevesse outro texto nele.

Recomendava muito ao marido que fosse gentil com ele, que o convidasse a jantar, que perguntasse pela família; mas Numa tinha uma pequena implicância com o parente, por saber que sempre o tratava como “o genro do Cogominho”. Dissera mesmo isso à mulher; ela, porém, recomendara a ele que não desse atenção e conquistasse sua boa vontade.

Edgarda lembrou-se naquela manhã de insistir com Numa para que ele aparecesse na tribuna. A visita de Fuas a fez adiar seu propósito e ocupou toda a manhã em coisas caseiras. Foi ao jardim, correu à chácara, viu bem a horta, porque era ela unicamente quem se interessava por aquelas dependências da casa.

O marido, apesar de ter nascido em cidade pequena do interior, não as apreciava; e se ia por ali, passava por sobre os canteiros um olhar distraído e indiferente. Só uma mangueira despertava seu interesse e era de antipatia. Ele não notava a beleza da fruteira, os seus grandes ramos alongados como braços, a sua sombra maternal e piedosa; Numa antipatizava com a árvore porque não dava frutos.

A mulher era quem se interessava por aquelas silenciosas e consoladoras vidas, que sugeriam a ela recordações de menina, de moça, da mãe, do avô.

D. Romana, a tia-avó, ficava no interior e tinha pelos velhos trastes, pelas velhas terrinas rachadas, por tudo quanto era móvel velho ou utensílio antigo, um interesse de depositária do passado. Não deixava pôr fora um móvel bichado, um bule sem tampa, só se de todo não lhe fosse possível esconder em qualquer buraco da casa.

Entre as duas, a velha tia e a sobrinha moça, havia esse acordo tácito de tratar uma do exterior e a outra do interior do velho casarão do falecido Gomes.

D. Edgarda viu com prazer a visita de Fuas. Estava no fundo do quintal, mas de lá mesmo pôde reconhecê-lo pelo automóvel. Continuou, porém, na chácara e não notou a saída do jornalista. Até quase a hora do almoço ficou vendo as hortaliças, os preparativos do chacareiro para protegê-las do verão; e, quando deixou a horta, já a mesa estava posta.

Numa empregava o tempo vestindo-se lentamente. Sempre fizera isso com lentidão e vagar; desde os tempos de pobreza, que ele dava ares de cerimônia ao vestir da calça, ao abotoar os punhos e estudava bem ao espelho o atar da gravata.

À mesa, sentaram-se, como de costume, ele, a mulher e a

Numa e a Ninfa

velha D. Romana.

No começo, antes de desdobrarem o guardanapo, Edgarda perguntou:

— Numa, não foi o Fuas quem esteve aqui?

— Foi.

Numa respondeu e, sem alongar a resposta, começou a servir-se. A mulher insistiu:

— Que queria ele?

O parlamentar reprimiu um pouco o aborrecimento que a insistência da mulher lhe causava e respondeu:

— Nada! Um negócio de venda de uma estrada de ferro.

— Que estrada? A de Mato grosso?

— É, Edgarda.

— Você prometeu o voto?

— Disse que ia pensar.

— Pensar? Você já sabe a opinião de Bastos?

— Não, mas dizem que ele não faz questão.

— É preciso cuidado.

Arrependeu-se o marido do mau humor com que recebera as perguntas da mulher e indagou com afeto, olhando-a demoradamente:

— Se ele não faz questão e é coisa de dinheiro, quer dizer...

— Quer dizer...

— Quer dizer; quer dizer... o quê?

— Quer dizer que você deve aproveitar, seu tolo!

— Como?

A mulher riu gostosamente e a velha ficou espantada com a atitude da neta e o espanto de Numa.

— Como?! — fez Edgarda. — Eu sou deputado, por acaso? Por que não pergunta aos seus colegas... Veja como o Cristiano está rico! Quando foi eleito, tinha alguma coisa? Tinha nada, seu tolo! Tinha nada!

Houve entre os dois um silêncio; e, aproveitando uma ausência do copeiro, Numa refletiu:

— Esse Fuas não é coisa muito boa.

A mulher descansou o garfo, serviu-se de vinho e disse devagar:

— Em política, nessas coisas, a gente não tem muito o que escolher. Se uns não são amigos dos outros, uns têm necessidade dos outros e as coisas vão passando. Você deve saber disso.

— É, mas esses homens de jornal... estrangeiro...

— Olhe, papai diz sempre: ninguém cospe no prato em que comeu; e papai já é antigo na política, é muito considerado... O que você deve fazer é aparecer, é falar, dar pareceres...

— Não tenho tido ocasião...

— Há sempre ocasião, desde que...

O copeiro interrompeu-os e avisou o patrão de que estava ali o Lucrécio que queria falar com ele.

Lucrécio, ou melhor: Lucrécio **Barba de Bode**, por apelido, que de forma tão intempestiva interrompia o almoço do deputado Numa Pompílio, não era propriamente um político, mas fazia parte da política e tinha o papel de ligá-la às classes populares. Era um mulato moço, nascido por aí, carpinteiro de profissão, mas de há muito não exercia o ofício.

Um conhecido, certo dia, disse-lhe que ele era bem tolo em estar trabalhando que nem um doido; que isso de ofício não dava nada; que se metesse em política. Lucrécio julgava que esse negócio de política era para os graúdos, mas o amigo lhe afirmou que todos tinham direito a ela, estava na Constituição.

Já o seu amigo fora manobreiro da Central, mas não quis ficar naquela “joça” e arranjou coisa melhor. Dinheiro não lhe faltava e mostrou-lhe vinte mil-réis: “Sabes como arranjei?”, fez o outro. “Arranjei com o Totonho do Catete, que trabalha para o Campelo.”

Lucrécio tomou nota da coisa e continuou a trabalhar as tábuas, de mau humor. “Que diabo? Para que esse esforço, para que tanto trabalho?”

Fez-se eleitor e alistou-se no bando do Totonho, que trabalhava para o Campelo. Deu em faltar à oficina, começou a usar armas, a habituar-se a rolos eleitorais, a auxiliar a soltura dos conhecidos, pedindo e levando cartas deste ou daquele político para as autoridades. Perdeu o medo das leis, sentiu a injustiça do trabalho, a inutilidade do bom comportamento.

Todo o seu sistema de **ideias** e noções sobre a vida e a sociedade modificou-se, se não se inverteu. Começou a desprezar a vida dos outros e a sua também. Vida não se fez para negócio... Meteu-se numa questão de jogo com um rival temido, matou-o e ficou conhecido como valente. Foi a júri, e, absolvido, por isto ou por aquilo, o Totonho fez constar que o fora por empenho do Dr. Campelo. Daí em diante se julgou cercado de um escudo de impunidade e encheu-se de processos. Quando voltou a noções mais justas e ponderou o exato poder de seus mandantes, esta-



SCHLOSSER

va inutilizado, desacreditado, e tinha que continuar no papel...

Vivia de expedientes, de pedir a este ou aquele, de arranjar proteção para vícios em troca de auxílios disfarçados. Sentia necessidade de voltar ao ofício, mas estava desabituaado e sempre tinha a esperança de um emprego aqui ou ali, que haviam vagamente lhe prometido. Não sendo nada, não se julgava mais operário; mesmo os de seu ofício não o procuravam e se sentia mal no meio deles. Passava os dias nas casas do congresso; conhecia seus regimentos, seus empregados; sabia dos boatos políticos e das manobras eleitorais. Entusiasmava-se nas divisões por ofício e necessidade. Era este o Lucrécio que, ao entrar, fez com jovialidade:

— Bons dias.

Todos responderam e ele esperou que lhe perguntassem a que vinha.

Esperou com muito acanhamento e respeito. Respondeu:

— O doutor Neves manda dizer a V. Exa. que não deixe de ir logo à tarde ao Senado.

— A que horas?

— Aí pelas três horas.

Edgarda voltou-se para Lucrécio e indagou naturalmente:

— Você sabe de alguma coisa?

— Eu, minha senhora, não sei bem, mas ouvi falar.

— O quê?

— Não sei... mas parece... eu não sei... A questão é do novo presidente. O Dr. Bastos...

— Ele sabe?

— Homem, minha senhora, ele é o macaco fino...

— Quem é o novo? Não é o Xisto?

— Não sei, mas se há encrenca é porque não é do gosto do “velho”.

Numa pôs fim à conversa mandando que ele fosse almoçar. Lucrécio conhecia a casa e os criados, com os quais era familiar. Almoçou na copa com todo o desembaraço, como fazia na casa deste ou daquele parlamentar. O copeiro perguntou-lhe:

— Que há, Lucrécio?

— Olha: não digas nada. A força não quer o Xisto. Não digas nada. Querem pôr lá o ministro deles, o general Bentes... Não digas nada!

A saída do **Barba de Bode** não fez com que a conversa fosse retomada. Marido e mulher calaram-se. Pairou sobre eles uma

atmosfera de apreensões e pressentimentos. As novidades do emissário, as suas meias palavras, o vago de suas informações, a imprecisão delas escondia algo tenebroso para as suas ambições. Viam obstáculos na estrada, viam-na interrompida bruscamente, violentamente. Sentiam a proximidade do imprevisto e esse sentimento se engolfava, avolumava-se, crescia neles, perturbava suas sensações e **ideias**, misturava umas com as outras, baralhava as lembranças; a consciência não as regulava, não as encadeava; a personalidade perdia os pontos de referência. Era a catástrofe próxima, a catástrofe jamais esperada.

O dia ainda continuava lindo, fresco e **tranquilo**; o chá foi servido quase em silêncio; a velha Romana olhava um e outro e não tinha nada a dizer. As breves palavras do serviçal e as que lhe eram dirigidas morriam no silêncio, como se não fossem pronunciadas. O próprio copeiro servia sem desembaraço; parecia novo no ofício, constrangido. O ruído das xícaras era logo abafado. De vez em quando, o marido olhava a mulher, e esta aquele; e aos dois, com um olhar examinador, cheio de esforço de adivinhar, a velha D. Romana, tia-avó de D. Edgarda.

La assim o almoço já ao fim, quando a cadelinha apareceu na sala. Correu para junto da dona, demonstrando muito contentamento; festejou-a e a moça a afagou, dizendo:

— Olha a minha pobre Lili.

Apanhou-a ao colo, abraçou-a, dizendo:

— Coitadinha! Coitadinha dela! Onde estiveste, meu bem?

Levantaram-se da mesa e D. Edgarda pôde dizer:

— Não deixe de ir ver papai. Essas coisas não se adiam.

Ela continuou a afagar a cachorrinha; Numa acendeu o charuto que teimava em apagar-se e respondeu com firmeza:

— Não deixo, não deixo!... Sei bem, muito bem, que é preciso ouvi-lo.

As mulheres afastaram-se, enquanto Numa, sentado à cadeira de balanço, fumava, vendo desfazer-se a mesa do almoço. Essas reviravoltas, esses movimentos contrários na política, ele ainda não sabia adivinhar. Às vezes, estava na votação de um projeto; outras vezes, na notícia de um jornal; outras vezes, em um boato, de forma que não sabia se devia atribuir essa falta de acuidade para descobri-las à sua inexperiência ou a outra coisa qualquer. Ainda ontem saíra da Câmara e nada vira, nada notara de extraordinário, a não ser um tenente do seu Estado conversando à parte com um deputado veterano. Vira-os, lembrava-se

de que quase sempre confabulavam; mas agora é que notava os repetidos encontros de ambos e o cuidado que tinham em falar baixo, quando se acercava deles. Haveria uma revolução? Mas não podia haver! Deviam estar satisfeitos os militares! A recomendação era dar tudo a eles.

Não tinham? O auxílio financeiro das filhas que deviam perder ao casar não ficava com elas depois do matrimônio? Queriam mais postos? A reforma não se fizera? As suas viúvas não viviam em casas do Estado sem pagar aluguel? Os seus filhos não tinham um luxuoso colégio de graça? Mas seria mesmo revolução?... Quem seria vencedor, se houvesse uma? Era preciso adivinhar. Mas como adivinhar, meu Deus? Quem estava garantido em um país desses? Quem? O imperador, um homem bom, honesto, sábio, sem saber por que, não foi de uma hora para outra tocado daqui pelos batalhões? Quem podia contar com o dia de amanhã? Ele, Numa? Julgara isto até ali, mas via bem que não. Só havia uma coisa a fazer: ir para fora e esperar que as coisas se decidissem, aderindo então ao vencedor. Seria bom.

A sua vontade era esta, mas... o seu sogro havia de indicar o caminho a ele. Tinha experiência dessas coisas.

O copeiro acabava de tirar a toalha e sacudiu pela janela as migalhas que tinham ficado nela. Numa reparou a operação sem nenhum pensamento, esquecido um instante de suas apreensões. A **ideia** da revolução voltou novamente a ele e dirigiu suas ideias para o governo. Que fazia ele? Não sabia? Então o governo não tem tanta força que o País paga para mantê-lo — como não tinha tomado providências? Para que servia a Polícia, os Bombeiros? Que poder?! E a Constituição? Lembrou-se Numa que era também poder, poder Legislativo; e a revolução podia atingi-lo. A mulher apareceu:

— Pensei que você já tivesse ido.

— Não. Que é que há?

— Eu sei lá!

— Deve haver alguma coisa, porque...

— O melhor é você fingir que não sabe nada.

— É o que vou fazer.

— Outra coisa, Numa: você vê se os meus livros já vieram.

O deputado, com essas incubências da mulher, já ganhara certa prática dos livros e matara um pouco em si a aversão que sempre sentira por eles. Só julgava perdoáveis aqueles que serviam para sua carreira, os outros julgava que deviam ser

queimados.

Passava **frequentemente** pelas livrarias, comprava um e outro, dava-os à mulher, que sempre tivera o hábito de ler. E ela lia poetas, lia os romances, e foi alargando o campo de leitura. Deste e daquele modo foi completando a sua instrução, adquirindo essa segunda que as mulheres, no dizer de Balzac¹¹, só adquirem com um homem. Apanhara bem a relação que há entre a vida que não vivera e o livro que lia: entre a realidade e a expressão.

Numa tinha o cuidado de não dizer aos indiscretos que os livros eram para a mulher; e gostava daqueles encargos, admirando às vezes as estantes da esposa com íntimo orgulho.

O marido fora atender uma visita; ela abriu o livro que trazia marcado e seguro em uma das mãos e pôs-se a lê-lo sentada à mesa de jantar.

Numa, que estava completamente preparado para sair, não demorou em ir à sala. Nela encontrou uma elegante senhora de quarenta anos, luxuosamente de luto, irrepreensivelmente vestida de espartilho, muito alva, com uns lindos olhos negros que mais se encheram de brilho e sedução quando disse:

— O Doutor vai me desculpar tê-lo incomodado agora, mas...

— Não, minha senhora. Prefiro mesmo ser procurado a esta hora, porque à tarde, ou mesmo à noite, estou quase sempre ocupado com estudos, assinando pareceres... Faça o favor de sentar-se... Os deputados trabalham muito, minha senhora.

Os dois sentaram-se, e a dama tomou uma posição natural e irrepreensível, como se posasse para o retrato.

— Sei bem, Doutor. Sei perfeitamente. Meu marido já me dizia isso.

— Seu marido foi deputado, minha senhora?

— Não, Doutor. Sou viúva do Sr. Lopo Xavier.

— Oh! Conheci muito...

— Era amigo dele?

— Não. Conheci-o de nome, era um belo talento. Queira aceitar os meus pêsames.

— Obrigada, Doutor.

Calou-se um instante; com o dorso da mão esquerda, assentou melhor a blusa na cintura delgada e continuou a viúva mais melodiosa.

¹¹ Honoré de Balzac, escritor francês.

— O Doutor sabe que ele não deixou nada. Morreu pobre. Só deixou a casa em que moramos, o auxílio, muito pequeno, e quase nada mais... Não nos é possível viver com isso, tudo está tão caro, Doutor, que requeri ao Congresso uma pensão.

Pronunciou as últimas palavras adoçando as sílabas com uma leve entonação de sofrimento.

Numa perguntou:

— Muitos filhos, minha senhora?

— Um, uma filha.

— Achei que fossem mais. Os jornais, se não me engano, disseram...

— São do primeiro casamento. Estão maiores, os filhos; e a filha, casada.

A senhora alongou o busto e explicou imediatamente:

— Não é justo, Doutor, que o governo deixe na miséria a viúva e a filha de um homem que tanto trabalhou pela pátria. Foi propagandista da República, bateu-se pela abolição...

— Sei bem disso, mas esse negócio de pensão... esse negócio de pensão... A senhora já falou com o senador Bastos?

— Já. Ele me disse que dava o voto dele.

— Vou ver.

— Dão-se tantas. Não deram à viúva de um oficial que morreu no incêndio de um navio de guerra? Meu marido foi um juiz íntegro...

— Não há dúvida, minha senhora; mas houve grande dificuldade em dar-se à viúva daquele general...

— Ah! Doutor! A previdência militar é muito grande; não é como a nossa, viúva de civis.

Numa passou o olhar pela sala e demorou-se um instante olhando o retrato do avô de sua mulher. Notou nele a expressão de energia, a agudeza do olhar e considerou depois a espessa moldura dourada. O legislador ia falar, mas a viúva tomou a palavra.

— É de toda a justiça, Doutor, o que peço.

— Não há dúvida, minha senhora! Não há dúvida! Conte comigo, minha senhora.

A viúva levantou-se e, estendendo a mão irrepreensivelmente enluvada, despediu-se:

— Obrigada, Doutor. Obrigada. E, sem querer incomodá-lo mais, desde já lhe agradeço muito o favor que vai me prestar.

Encaminhou-se para a porta e a marcha fez que ondas de

essências caras envolvessem o doutor carinhosamente.

Ao pisar no patamar da escada, levantou gentilmente as sedas da saia, voltou-se e cumprimentou, sorrindo, o deputado, que a levava até a porta da entrada.

Edgarda tinha continuado, na sala de jantar, a leitura do seu querido Anatole France. Relia o volume e se detivera na frase em que um velho acadêmico, depois de cochilar um tanto, afirma: “Rassurez-vous, madame: une comète ne viendra pas de si tôt heurter la terre. De telles rencontres sont extrêmement peu probables!”¹².

Lembrou-se bem do fim do almoço e ficou segura de que o fim do mundo estava indefinidamente adiado.

Tendo-se despedido da viúva, Numa voltou à sala de jantar, já com o chapéu na mão, para sair. A mulher perguntou.

— Quem era essa senhora?

— É a viúva do Lopo Xavier.

— Que queria ela?

— O meu voto para que lhe fosse concedida uma pensão que requereu.

— Prometeste?

— Prometi.

— E o Bastos?

— Não se incomoda.

— Tu a conheces?

— Não.

— Pois saibas tu de uma coisa: ela é rica, não muito, mas tem com que viver.

— Quem te disse?

— Todos sabem. O pai deixou dinheiro e o marido alguma coisa. O que ela quer é luxar... Não precisa... O que tem dá e sobra.

Os dois se calaram, e Numa ficou um instante parado, hesitando em despedir-se da mulher. Não achava nenhuma gravidade na promessa. Que podia ser? Trezentos ou quatrocentos mil-réis por mês. Adiantou-se para beijar a mulher, quando esta lhe perguntou de repente:

— Numa, vocês já votaram a pensão para a viúva daquele bombeiro que morreu num incêndio da Saúde?

¹² “Acalme-se, minha senhora: um cometa não virá tão cedo bater no chão. Essas reuniões são extremamente improváveis.”

- Que bombeiro?
— Homem, não sabes? O presidente pediu até em mensagem especial... Não te lembras?
— Ah! É verdade!
— Então?
— Ainda não. A comissão ainda não deu parecer.
Beijaram-se e Numa saiu para a sessão da Câmara dos Deputados.

III

O general Manoel Forfaible almoçava cedo e logo procurava a sede da sua comissão. Presidia a comissão de inventário do material bélico inutilizado e avaliava o aproveitamento provável de algumas peças pelas listas que os sargentos lhe enviavam. Era uma comissão técnica, e os outros seus auxiliares tinham também conhecimentos sólidos de ciência e artes militares que aplicavam nas listas, a exemplo do chefe.

Sua jovem mulher empregava o ócio matrimonial fazendo visitas, correndo lojas, assistindo a sessões cinematográficas. Havia entre ambos uma efusiva simpatia. Não eram bem marido e mulher; eram pai e filha. Mais do que a diferença de idade, cerca do dobro entre os dois, determinava esse aspecto de suas relações a diferença de temperamento. O general era bonachão, simplório, lento de espírito, já um tanto desmilitarizado; a mulher, porém, era viva, convencida dos bordados do marido e das prerrogativas que os dourados lhe davam.

Ela o via a cavalo passando revista às tropas, elegante, ereto na sela, com um olhar de batalha; ele se via sempre em chinelas, lendo os jornais na varanda da casa.

Desde muito que D. Ana Forfaible não visitava a sua amiga Mariquinha. Era terça-feira, dia morto para a rua do Ouvidor; os cinemas não tinham mudado de programa; ela vestiu-se e resolveu ir ver a amiga. Certamente estava em casa, pensou ela; Mariquinha é caseira, tem filhos; demais, o marido ainda é tenente e não pode andar em passeios. Não tinha muito que esperar para melhorar, pois as coisas iam mudar. Mme. Forfaible desejava ardentemente a prosperidade do marido da sua amiga.

Numa e a Ninfa

Ele era engenheiro militar, tinha um bom curso, sabia bem matemática, não podia ficar lidando com soldados, fazendo serviço de quartel. O seu lugar era ocupar uma boa comissão, dessas que os civis têm, esses civis que não sabem nada...

Muito bem vestida, enluvada, fechou o rosto na sua importância, radiou a patente de seu marido e seguiu para a casa da amiga. Chegou.

— Não sabes — disse ela suspendendo o traje — como tenho andado atarefada... Não tenho podido te visitar... Também tu não vais lá em casa?

— Não tenho podido, Anita; o Descartes anda só doente e...

— Não ficou no colégio?

— Não. Aquele idiota do comandante mandou-o para casa... Se fosse filho de um coronel...

— Isso tudo vai mudar, Mariquinhas. Tem paciência...

— Que paciência, minha filha! Aquele colégio é assim mesmo. Já nos exames é o diabo. Perseguem o pequeno... Álvaro vai lá, fala, mas o que queres?

— São os civis?

— Que civis, minha filha! São os colegas mesmo do Álvaro...

— Vai melhor?

— Vai... lá está bom.

— E a Heloísa?

— Muito bem. Está no colégio. Não queres tomar café?

Foram para a sala de jantar. Sentando-se à mesa, Mme. Forfaible descansou a bolsa, tirou as luvas, juntou tudo — lenço, luvas e carteira — e pôs do lado esquerdo. A dona da casa começou a colocar as xícaras; ia e vinha do guarda-louça para a mesa, conversando.

— Estou sem criada, Anita. Um inferno!

— As minhas também não param.

— Não há leis...

— Esses civis, esses deputados não servem para nada.

— Não há quem cuide disso. Ganham um dinheirão...

— Se fossem militares...

— Tenho certeza de que vão acabar.

— Olha, queres saber de uma coisa: o Xisto não vai.

— Comenta-se isso.

— Pois eu lhe digo que sim. Está tudo preparado... Bastos ainda não deu o sim, mas quem vai é o Bentes.

— Ouviste dizer isto?

— O Manoel não te disse nada?

— Nada. E o Álvaro?

— Álvaro não diz coisa com coisa, mas ouço as conversas deles... Quem vai mesmo é o Bentes... Quem fez a República não foram eles? Então fizeram a República para os outros? Não achas?

— Certamente. Não tem adiantado nada para nós. Os civis tomaram os lugares, os bons, e nos deixaram os ossos. Uma ova!

— Vê tu o que ganha o Álvaro. É salário de um oficial, de um engenheiro? Qualquer civil aí, que não sabe o que ele sabe, ganha contos de réis! Não tem lugar nenhum!... É um desaforo!

— Mas Bentes quer?

— Bentes quer, mas tem medo. Sabes bem que quem o faz querer não é ele, é o Gomes.

— Os militares sempre provam bem.

— E são honestos!

— O que era preciso, minha filha, era melhorar também a previdência.

— De tudo isso, eles vão tratar; e agora é que são elas!

— Se o “velho” não quiser, como há se der?

— Contra a força não há resistência, Anita. Sabes bem disso.

O café foi servido e ambas deixaram um instante de conversar.

Mme. Foirfable perguntou:

— Quem será o Ministro da Guerra?

— Não sei; mas Álvaro não pode deixar de ser promovido. Agora é por tempo de serviço e merecimento. O Supremo já disse... Queres ver o Almanaque?

— Não é preciso... Sei bem... Não vai ser ministro o Costa?

— Que Costa? Costa está barrado.

— Não sabes nada?

— Nada.

— Se fosse o Manoel?

— Era bom... O Álvaro estava feito... Mas ele não quer lugar no ministério, quer civil.

— Isto se arranja.

— Tudo vai ser militar.

Acabaram de tomar café e Mme. Forfaible ainda pediu que D. Anita se interessasse junto a Neves Cogominho pela nomeação de um parente. Como se fosse hora adequada, Mme. Forfaible

dirigiu-se ao Senado. Não estava certa de obter, mas servia à amiga e podia ver o que havia. Não foi para ela difícil falar ao pai de Edgarda, que prometeu se interessar; sobre política, porém, nada pôde adiantar. Observou as fisionomias dos contínuos, dos solicitantes, dos jornalistas e parlamentares; notou o tom das conversas aos cantos da janela, e pareceu a ela que havia alguma coisa de anormal. Esses rumores, esses cochichos, ela os ouvia desde muito tempo; mas agora, depois das revelações da amiga, Anita já sabia do que se tratava. Era preciso aproveitar. O marido devia esforçar-se para ser ministro e viu na coisa uma promoção. Não tinha intenção de vir, mas as sombras, as vitrinas, a agitação da rua do Ouvidor atraíam-na como para um afago. Mergulhou nela sentindo a volúpia de um banho morno. Já pisava de outra forma, já olhava sem tédio; sentia-se bem no seu elemento. Não demorou a encontrar conhecimentos. Parou um pouco para falar com o poeta Albuquerque, um poeta curioso, só poeta nas salas, só conferencista nas salas, teimoso em sê-lo por toda a parte, mas mesmo os que o conheciam nos salões não admitiam que o fosse fora deles. Mme. Forfaible gostava de falar com ele e gostava de seus versos, mas os compreendia melhor quando os recitava nas casas de família, entre moças e senhoras, de casaca ou *smoking*, com o seu grande olhar negro quase parado, sem fixar-se em nenhuma fisionomia.

Sabendo como julgavam a sua poética, Albuquerque fazia o possível para desmentir esse julgamento. Empenhava-se para publicar os seus sonetos, nos grandes jornais, aos domingos; aderiu às revistas chiques e das quais se dizia redator. Todos, porém, nas rodas de literatos, como fora delas, não se conveniam de que fosse outra coisa que um poeta de salas e festas burguesas.

A sua elegância era procurada e o seu falar todo cheio de sibilos¹³, de chiantes, que sublinhavam gestos demorados e quase sempre impróprios. A sua inspiração, a sua versificação de colegial, as suas imagens talvez fossem muito do gosto das nossas salas; mas, à luz do dia, nas revistas e jornais, provocavam risos e galhofas. Apesar de rico, era delicado e atencioso com os pobretões dados a versos, e todos perdoavam o seu fraco, não debochavam dele publicamente, e ele vivia com a sua infantil ilusão e o seu grande olhar negro que achava ser fascinador.

¹³ Assobios.

Albuquerque ofereceu chá e foram tomar na saleta chique.

— Tenho, minha senhora, uma nova produção. Creio que vai gostar muito dela.

— Não a recite na rua, senhor Albuquerque. Podem pensar que sou também literata...

— Não havia mal nisso. Guardarei, entretanto, para dizê-la ao nos servirmos do *tea*¹⁴; e, entre um *gâteau*¹⁵ e outro, poderei contar-lhe, minha senhora, a “história primaveril dos meus amores”.

— É do soneto?

— É, minha senhora.

— Logo vi.

No caminho, encontraram Benevenuto, o primo de D. Edgarda, que os cumprimentou e continuou a caminhar. Albuquerque disse por aí a D. Anita:

— Dizem que este moço tem talento... Ele faz versos, a senhora sabe?

— Sr. Albuquerque, penso que poeta aqui é o senhor...

— Não, minha senhora. Não! Perdoe-me... Ouço sempre dizer que ele tem muito talento e me informava simplesmente.

Benevenuto não fazia versos nem coisa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer nada. Não tinha isso como sistema e até estimava que os outros o fizessem. Era o seu modo de viver, modo seu, porque se julgava defeituoso de inteligência para fazer qualquer coisa e inútil fazê-la desde que fosse defeituoso. Gastara uma parte da fortuna em prodigalidades e ações vulgares e ganhara a fama de extravagante. Moço, ilustrado, a par de tudo, rico ainda, podia bem viver fora do Rio, mas dava-se mal fora dele, sentia-se desarraigado, se não respirasse a atmosfera dos amigos, dos inimigos, dos conhecidos, das tolices e bobagens do País. Lia, cansava-se de ler, passeava por toda a parte, bebia aqui e ali, às vezes mesmo embebedava-se, ninguém conhecia seus amores e as confeitarias o tinham por literato. Não evitava conversas, tinha relações em toda a parte e, por sinal, depois de passar por Mme. Forfaible e Albuquerque, encontrou o Inácio Costa, com quem foi tomar café.

A estranha mania do Costa era a política. Estava sempre a par dos reconhecimentos, das manobras, das intrigas. Benevenuto, que não lia essas coisas, que passava os olhos distraídos

¹⁴ Chá, em inglês.

¹⁵ Bolo, em francês.



SCHLESSEK

pelas sessões parlamentares dos jornais, a não ser quando se tratava de Numa, gostava da sua conversa por lhe informar a respeito desse aspecto de nossa vida que ele não prezava absolutamente.

— Acabo de saber que o general Bentes quer mesmo; o Bastos não se opõe, pois acha a candidatura do Xisto estranha.

Ele falava quase em segredo e o companheiro compreendia por alto o que dizia.

— Já mandei a minha adesão... O seu parente...

— Quem?

— O Salustiano.

— Não é meu parente. É parente do Cogominho e da minha prima, de quem sou parente por parte de mãe.

— Não quer dizer nada... Vamos ter um governo forte, um governo como o do grande Frederico, que conciliou a liberdade e a ditadura, realizando espontaneamente o voto sistemático de Hobbes¹⁶.

Costa esquecia-se muito de quem fora Frederico e de quem era o General Bentes; mas Benevenuto não quis lhe lembrar.

— Costa — disse-lhe este —, essa conciliação não te parece um tanto difícil?

— A ditadura não é isso que vocês pensam. É a ditadura republicana.

— Qual a diferença?

— Qual a diferença? A diferença está em suprimir, em diminuir as atribuições desse Congresso, dessa Justiça, que perturbam o regime.

— Mas, Costa, você não quer conciliação da liberdade com o governo?

— É o que diz o Mestre, o maior pensador dos tempos modernos, que completou Condorcet por de Maistre¹⁷.

— Sei; se você quer isso, deve querer Justiça e Congresso, porque assim se obtém a conciliação. Todo o pensamento em criá-los e fazê-los independentes não foi senão com esse fim. Você se lembre bem da história da revolução...

— Nada! Nada! Isso tudo entorpece a ação do governo...

¹⁶ Thomas Hobbes, matemático, filósofo e teórico político inglês.

¹⁷ Nicholas de Condorcet, matemático e político francês, conhecido por suas ideias liberais e participação na Revolução Francesa; e Joseph-Marie de Maistre, político francês **contrarrevolucionário**.

Numa e a Ninfa

Esses debates, essas manobras...

— Mas, Costa, você quer é um sultanato, um khanato¹⁸ oriental, e pior do que isso, porque nesses há ainda uma lei: o Corão; e, no teu, não há lei alguma. Como limitar a vontade do governo, como saber os nossos direitos e deveres?

— Que lei! Lei são as naturais, que são irrevogáveis.

— Nem tanto assim, meu caro, são também hipóteses possíveis...

— Como?

— São. Você deve conhecer a história das ciências. Há o exemplo muito curioso da queda dos corpos que têm tido diversas leis pelos anos afora, desde Aristóteles e outros muitos.

— Mas agora está certa?

— Quem afirma isso a você?

— Benevenuto, você é um metafísico!

Inácio Costa despediu-se e correu atrás de um amigo a quem desenrolou o manifesto para o qual pedia assinaturas.

Benevenuto tinha vagas notícias dessa candidatura presidencial de Bentes, mas, como toda a gente, não a levou a sério. Ouvira num bonde que fora levantada pela *A Cimitarra*, um jornaleco do interior, e não deu atenção ao caso. A agitação do Costa, o seu entusiasmo não lhe pareceram coisa boa. Sabia que o Costa passara pelo florianismo e essa concepção nacional de governo traz no bojo, no fim de contas, um grande desprezo pela vida humana.

Numa, com quem estivera, parecia amedrontado; e fora com insistência que perguntara pelo Salustiano. Não tinha dado o devido valor à insistência; mas, com os dados que ia colhendo, parecia que esse Salustiano tinha aderido ao candidato improvisado para subir e galgar posições políticas, talvez mesmo retirar Cogominho da chefia.

Ainda uma vez ele não compreendia esse negócio de política e ainda uma vez sentia bem que, ao contrário dos que abraçam uma profissão qualquer, os políticos não pretendem nunca realizar o que a política supõe, e isto logo ao começarem. Singular e honesta gente! Que se diria de um médico que não pretendesse curar os seus doentes?

Pôs-se a passear a esmo, a andar daqui para ali a ver as montras de joias, o vazio das fisionomias naquela constante

¹⁸ Território governado por um Khan, tipo de líder muito comum na Mongólia e na Ásia antigamente.

curiosidade aterrada que parecia dominá-las.

A satisfação que ele encontrou em Inácio Costa não era o sentimento que ele via na massa da população. Os boletins dos jornais eram lidos com atenção, embora insignificantes.

Os transeuntes¹⁹ paravam, amontoavam-se à porta dos jornais para ler a notícia de um simples falecimento. A cidade estava apreensiva e angustiada. É que ela conhecia essa espécie de governos fortes, conhecia bem essas aproximações de ditadura republicana. O florianismo dera-lhe a visão perfeita do que eram. Um esfacelamento da autoridade, um berço de tiranos; e, no fim, um tirano em chefe que não podia nada. A liberdade conciliada com a ditadura! Quem regulava essa conciliação, quem determinava os limites de uma e de outra?

Ninguém, ou, antes: a vontade do tirano, se fosse um, ou de dois mil tiranos, como era de esperar. Os moços, os que tinham visto os acontecimentos de 1893, quando meninos, no instante da vida em que se gravam bem as dolorosas impressões, previam as execuções, os fuzilamentos, os encarceramentos, os homicídios legais e se horrorizavam.

Benevenuto era desses, desses que aos doze anos viram as maravilhas do Marechal de Ferro, o regime de irresponsabilidade; e não podia esquecer pequenos episódios característicos do espírito de sua governança, todos eles brutais, todos eles intolerantes, além do acompanhamento de gritaria dos exaltados dos cafés.

Não supunha que a ressurreição fosse adiante, como profetizava Costa. Ele sabia bem que a principal função do governo é desagradar, e todos nós sempre estamos pedindo um rei; mas desta vez parecia que as rãs queriam o que estava e contentavam-se com o seu toco de pau de soberano, manso, fraco e inerte.

Continuou caminhando, cansou, não quis entrar em café conhecido. Procurou um fora da Avenida e da rua do Ouvidor. Comprou um jornal da tarde onde nada leu de novo. Era de maravilhar isto, pois corriam tantos boatos, tantas versões, havia tanta ansiedade, como as folhas não se apressavam em dizer alguma coisa? Calavam-se; calavam-se como se tivessem medo de despertar o monstro que cochilava.

O café não ficava longe, mas não era visitado pelos cientes da Avenida. Ocupava uma velha casa baixa, cujo andar térreo,

¹⁹ Pessoas que transitam a pé por algum lugar.

Numa e a Ninfa

tendo as paredes violadas em portas, aqui e ali, dava a entender que suportavam com esforço o pavimento superior. Não nascera para aquele destino, e as colunas de ferro mal dissimulavam a fadiga. Benevenuto sentou-se e emendou a leitura do jornal que tinha começado. Em uma mesa próxima, um grupo conversava. O recém-chegado não os examinou bem, mas ouviu a conversa deles.

— É melhor ser assim... Isso de estar com truques, não vale... Quem quer, quer mesmo!!!

— A história era o Bastos.

— Ora Bastos! Bastos é tutu? Todo o mundo tem medo do Bastos.

— Ora! Enquanto mulher parir, não há homem valente. Ele tem mesmo que engolir a espada.

— É dos nossos.

— Não podia deixar de ser assim... Este chefe não pode continuar. Não dá emprego à gente e não quer jogo... A gente tem que viver de quê?

— Se o general vier...

— Se vier?! Vem mesmo!

— É um modo de falar... Tudo muda. Vocês não viram o Floriano? Estava tudo barato. Agora?

— Ora! Paisano²⁰ não dá pra coisa.

Benevenuto ouvia a conversa, mas não se atrevia a examinar os vizinhos. Descansou da leitura, pôs-se a tomar café; e, por acaso, demorou o olhar sobre o grupo. Reconheceu nele Lucrécio **Barba de Bode** e foi reconhecido.

— Doutor, como está?

— Como está, Lucrécio?

Eram três e todos tinham um aspecto desembaraçado e descansado, de quem está habituado a encarar a vida em qualquer ponto de vista. Conheciam todas as misérias e todos os constrangimentos. Pareciam **tranquilos**, seguros de si e esperançados. A conversa entre eles continuou:

— Era mesmo preciso mudar... As necessidades aumentam cada vez mais... Você não viu, Lucrécio, o suicídio daquela moça?

— Foi coisa de amor... Ora, bolas!

— É, mas pelos domingos se tiram os dias santos.

— Não há dúvida! — disse o terceiro, um preto que mascava um charuto. Não há dúvida! O “velho” queria tomar conta

²⁰ Pessoa civil, que não é militar.

de tudo, não deixava ninguém agir...

— Ele mesmo é que motivou a tudo isso.

— Pra acabar! Você sabem de uma coisa: se nós não ganharmos, perder é que não perdemos... Vamos embora!

Lucrécio cumprimentou Benevenuto e seguiu com os companheiros em direção ao largo de São Francisco. Anoiitecia, e o largo tinha um maior movimento. Os sinos da igreja soavam Angelus; soavam quase sem ser ouvidos pelos passantes apressados, correndo atrás desse ou daquele bonde. A igreja, porém, continuava imóvel, a anunciar, como fazia há séculos e tanto, as Ave-Marias. **Barba de Bode** lembrou-se de ir para casa, jantar e voltar. Uma força estranha o prendia no centro da cidade. Não se cansava de andar deste para aquele ponto, de subir e descer as escadas da Câmara e dos escritórios, de estar de pé horas e horas; cansava-se da monotonia do interior, do sossego da sua rua pobre, sem bonde, sem trânsito algum, povoada à tarde pelas brincadeiras das crianças da vizinhança.

Não foi; ficou ainda. A noite foi fechando e pelas frestas abertas pelas ruas no horizonte ele viu, sem demorar-se vendo, um pouco do crepúsculo rosado.

Quando veio a noite, o largo tomou outro aspecto. Eram só mulheres, moças, às duas, às três, às quatro. Eram modistas, eram as costureiras. Quase todas, traindo o ofício no apuro do vestuário, fazendas pobres, mas bem talhadas e provadas; e todas elas falantes, bem enfeitadas, contentes, como se não tivessem trabalhado doze horas e não trabalhassem. As retardárias passaram e o largo ficou um instante vazio. Não vinham mais homens nem moças aos bandos, nem dos bondes desembarcavam levas de passageiros.

Havia passeantes solitários, homens e mulheres. Paravam nas vitrines, demoravam-se no ponto dos bondes, sempre marchando vagarosamente como se esperassem alguém. Por vezes um deles se encontrava com uma delas, trocavam breves palavras e o caminho de casa era encontrado. A igreja se escondia na sombra e a Escola Politécnica, muito alta, parecia dormir filosoficamente.

Lucrécio olhou o relógio e despediu-se dos companheiros. Não gostava daquela hora ali no largo, preferia-a na Avenida, onde sempre encontrava um conhecido ou outro que lhe oferecia algo para beber. De resto, precisava saber o “bicho” que

dera no jogo noturno; e não convinha, se tivesse ganhado, que os outros soubessem. Passou em uma casa de jogos e verificou. Tinha ganhado no grupo. Eram vinte mil-réis. Poderia levar alguma coisa para casa.

De que servia? Tinha tanta dívida... O melhor era aproveitar a “sorte”, a “maré”. Jantaria primeiro e depois arriscaria o restante. Tomou uma “abrideira”, um cálice de cachaça; e procurou um hotel onde jantou vagarosamente, e com apetite. Acabado o jantar, adquiriu um charuto barato e deu umas voltas e, dentro em pouco, arriscava as sobras no jogo. Houve alternativas de ganho e de perda. Por fim ganhou, e, em uma hora, estava em casa.

Lucrecio morava na Cidade Nova, naquela triste parte da cidade, de longas ruas quase retas, com uma edificação muito igual de velhas casas de rótula²¹, porta e janela, antigo charco, aterrado com detritos e sedimentos dos morros que a comprimem, bairro quase no coração da cidade, curioso por mais de um aspecto.

Muito baixo e comprimido entre as encostas e elevações de Santa Teresa e a cinta de colinas graníticas — Providência, Pinto, Nheco — ainda hoje as chuvas do estio teimam em encontrar depósito naquela bacia, transformam as vias públicas em riachos barrentos, saltam dos leitos das ruas, invadem, por vezes, as casas; os móveis **boiam** e saem pelas janelas ainda boiando, para se perderem no mar, ou irem ao acaso encontrar outros donos.

Irregular como é o Rio, não se pode dizer que fique bem ao centro da cidade; é, porém, ponto obrigado de passagem para a Tijuca e adjacências, S. Cristóvão e subúrbios.

O velho “aterrado” que conheceu atribulações de fidalgos em caminho do beija-mão de D. João VI é hoje o Mangue, com asfalto e meios-fios; mas, de vez em quando, manhosamente, o canal enche desde que o céu queira, para lembrar as suas origens aos que passam por elas nos bondes e nos automóveis.

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; não lhe deram tempo para que as águas trouxessem das alturas a quantidade necessária de sedimento: mas ficou sendo o depósito dos detritos da cidade nascente,

²¹ Casa de rótula, típica construção do período colonial, de características simples.

das raças que vão nos povoando e foram trazidas a estas terras pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade. A miséria uniu-as ou acamou-as ali; e elas lá afloram com evidência. Ela desfez muito sonho que partiu da Itália e Portugal em busca de riqueza; e, por contrapeso, muita fortuna se fez ali, para continuar a alimentar e excitar esses sonhos.

Para os imitadores, nas “revistas” de ano e nos jornais, de velhos e ultrapassados folhetins, a população da Cidade Nova é quase que inteiramente de cor, no que se enganam e em tudo o que mais se segue.

A Cidade Nova de França Júnior²² já morreu, como já tinha morrido a do Sargento de Milícias²³ quando França escreveu.

As mesmas razões que levaram a população de cor, livre, a procurá-la, há sessenta anos, levou também a população branca necessitada de imigrantes e seus descendentes a ir habitá-la também.

Em geral, era e ainda é a população de cor, composta de gente de fracos meios econômicos, que vive de pequenos empregos; tem, portanto, que procurar habitação barata, nas proximidades do lugar onde trabalha, e veio daí a sua procura pelas cercanias do aterrado; desde, porém, que a ela se vieram juntar os imigrantes italianos ou de outras procedências, vivendo de pequenos ofícios, pelas mesmas razões eles a procuraram.

Já se vê, pois, que, ao lado da população de cor, naturalmente numerosa, há uma grande e forte população branca, especialmente de italianos e descendentes. Não é raro se ver naquelas ruas valentes napolitanos a equilibrar na cabeça fardos de costuras manufaturados tão intensamente que se chega em casa; e a marcha esforçada faz os seus grandes argolões de ouro balançarem nas orelhas, esperar que chocalhem. Por toda a parte há remendões; e, de manhã, muito antes que o sol se levante, daquelas medíocres casas, daquelas tristes estalagens, saem os vendedores de jornais, com suas correias e bolsas a tiracolo, que são o seu distintivo, saindo também peixeiros e vendedores de hortaliças com os cestos vazios.

A nacional, branca ou não, é composta de tipógrafos, de impressores, de contínuos e serventes de repartições, de pequenos empregados públicos ou de casas particulares, que lá

²² Advogado, dramaturgo, jornalista e pintor carioca do século XIX.

²³ Referência à obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

moram por encontrar habitação barata e evitar a despesa de condução. Basta examinar um pouco para se verificar a verdade disso e é de admirar que os observadores profissionais não tenham atinado com fato tão evidente.

É de ver aquelas ruas pobres, com aquelas linhas de rótulas discretas em casas tão frágeis, dando a impressão de que vão desmoronar, mas de tal modo umas se **apoiam** nas outras que duram anos e constituem um bom emprego de capital. Porque não são tão baratos assim aqueles casebres e a pontualidade no pagamento é regra geral. A não ser aos domingos, a Cidade Nova é sombria e desconfiada, entre as suas montanhas e com a sua mediocridade burguesa. O namoro, como em toda parte, impera; é feito, porém, com tantas precauções, é cercado de tanto mistério, que fica tendo o amor, além de sua tristeza inevitável, uma nuvem de crime, de coisa defendida.

Por parte dos pais, dada a sua condição, há o temor de sedução, da desonra, e a vigilância se opera com redobrado vigor sobre as filhas; e, para vencê-la, há os processos antigos da linguagem das flores, dos gestos do leque e da bengala, e o geral, aos bairros, do “abarracamento”.

Não é verdade, como fazem crer os panurgianos²⁴ de “revistas” e folhetins, que os seus bailes sejam coisas licenciosas. Há neles até exagero de vigilância materna ou paterna, de preceitos, de regras costumeiras de grupo social inferior que realiza a criação ou a invenção. Mais do que neles, nos grandes bailes luxuosos teria razão o árabe de Anatole France.

Como em todas as partes, em todas as épocas, em todos os países, em todas as raças, embora se dê, às vezes, o contrário, sendo mesmo uma condição vital à existência e progresso das sociedades, os inferiores se apropriam e imitam os jeitos, a linguagem, o vestuário, as concepções de honra e família dos superiores. Toda invenção social é criação de um indivíduo e grupo particular propagado por imitação a outros indivíduos e grupos; e quem disso não tem que se aborrecer com os bailes da Cidade Nova ou fazer acreditar que sejam batuques ou sambas, que sempre há em todos os bairros, é exceção.

A Cidade Nova dança à francesa ou à americana e ao som do piano. Há por lá até o célebre tipo do pianista, tão amaldiçoado, mas tão aproveitado que bem se conclui que é ocultamente

²⁴ Panurgianos: que se refere a Panúrgio, personagem simpático e falante, porém sem dinheiro, de Rabelais, escritor francês, autor do romance *Pantagruel*.

querido por toda a cidade. É um tipo bem característico, bem função do lugar, o que vem a demonstrar que o “cateretê” não é bem do que a Cidade Nova gosta.

O pianista é o herói-poeta, é o criador estético, é o resumo, a expressão dos anseios de beleza daquela parte do Rio de Janeiro. É sempre bem-vindo; é, às vezes, até mesmo disputado. As moças conhecem os seus hábitos, as suas roupas e pronunciam seus apelidos e nomes com uma entonação de quase adoração amorosa. É o “Xixi”, o “Dudu”, o “Bastinhos”.

São mais apreciados os que tocam “de ouvido” e parece que eles põem nos “arranjos”, trinados e “passagens”, com que tramam as composições suas e dos outros, um pouco do imponderável, do vago, do indistinto que há naquelas almas.

Uma *schottisch*²⁵ tocada por eles ritma o sonho daquelas cabeças e põe no seu pensamento não sei que promessas de felicidade que todos se transfiguram quando o pianista a toca.

Afora a modinha tão amada por todos nós, são as valsas, as polcas, que saem dos dedos de seus pianistas a expressão de arte que a Cidade Nova ama e quer.

É assim aquela parte da cidade, bem grande e desconfiada, bem curiosa e esquecida, que fica entre aqueles morros e tem quase ao centro o palmeiral do Mangue que cresce no lodo e beija o céu.

Barba de Bode morava por uma rua daquelas em que os lajedos dos caminhos fazem montanhas russas e o macadame²⁶ da rua dá saudades do barro batido. Era a casa comum da Cidade Nova, uma pequena casa com a indefectível rótula, janela, dois quartos, salas, onde moravam ele, a mulher, uma irmã e um filho menor, além de um hóspede, um russo, o Dr. Bogoloff. Não era das mais povoadas, pois outras havia em que se amontoavam no seu estreito âmbito oito e dez pessoas.

A mobília era a mais reduzida possível. Na sala principal, havia duas ou três cadeiras de madeira, com recosto de grades, saindo de vez em quando do encaixe, ficando na mão do desajeitado como um enorme pente; havia também uma cômoda, com o oratório em cima, onde se acotovelavam muitas imagens de santos, e, cá do lado de fora, queimava uma lamparina e secavam em uma velha xícara ramos de arruda. Na sala de jantar, havia uma larga mesa de pinho, um armário com alguma louça,

²⁵ Gênero musical parecido com a polca.

²⁶ Tipo de calçamento de rua feito com pedra e areia submetida a compressão.

um grande banco e cromos e folhinhas adornavam as paredes.

De manhã, quando Lucrécio saiu do quarto, toda a família já estava de pé. A irmã lavava ao tanque, no quintal; a mulher já varrera a casa e preparava o almoço, e o filho fora em busca do *O Talismã*, famoso jornal de palpites do bicho, em que toda a casa tinha fé. Não havia dia que não o comprassem e bem duas horas levavam a decifrá-lo, a estudá-lo, para afinal jogarem aquelas pobres mulheres um cruzado²⁷, se tanto.

O jornal do bicho é procurado e lido; é o mensageiro da abundância, é a esperança de salvar dívidas e poderosamente concorre para a realização de casamentos e batizados. A nossa triste humanidade sempre pôs grandes esperanças no acaso...

Se uma viúva tem que casar a filha e não possui meios, só há um recurso: acertar no bicho, na dezena e centena, com o auxílio do jornal bem informado. Os redatores desses jornais vivem assediados de cartas, pedindo palpites nas dezenas e centenas; e, nestas cartas, os remetentes, em geral do sexo feminino, confessam as suas misérias e necessidades mais íntimas, segredos do coração.

O primeiro cuidado da mulher de Lucrécio e da irmã era comprar o jornal, e, muitas vezes, sem dinheiro para jogar, compravam por prazer e devoção.

A mulher de Lucrécio, Ângela, era mulata como ele, mas franzina, um pouco mais clara, feia, envelhecida precocemente e docemente triste; a irmã era forte, mas pesada de corpo, um rosto curto e nariz grosso e uns olhos empapuçados. Era casada, mas do marido não tinha notícias e perdera os filhos em pequena idade.

Lucrécio, depois de banhar-se, pediu à mulher que lhe desse de almoçar; queria sair cedo.

— Já está pronto o que há — disse ela.

Ele acabou de se vestir e se sentou logo à mesa do almoço. O filho voltou com o jornal; e, um instante, Lucrécio olhou a criança com o olhar mais preocupado.

— A benção, papai?

— Deus te abençoe, meu filho.

O pai viu ainda os olhos luminosos da criança, emergindo das escleróticas muito brancas e pensou de si para si: “que vai ser dele?”. Lembrou-se de dar-lhe dinheiro para os sapatos com que fosse à escola, mas estava atrasado na casa. A desordem de

²⁷ Antiga moeda brasileira.

sua vida; antigamente... “Que vai ser dele?” Bem, arranjaría um emprego, ia fazê-lo estudar, e havia de tomar caminho. “Que vai ser dele?” E logo lhe veio a descrença desesperada dos imprevidentes, dos apaixonados e dos que erraram; “há de ser, como os outros, como eu e muita gente. É sina!”. A mulher foi pondo os pratos na mesa e Lucrécio se foi preparando para comer.

— Não fizeste arroz, Ângela?

— Não. Para quê?

— Quero arroz — fez com azedume Lucrécio.

Havia entre os dois essa necessidade de rixa e parece que cada um deles queria por esse meio manifestar ao outro as desilusões que um causou ao outro. Às vezes, era o marido a provocá-la; em outras, a mulher; entretanto eles viviam unidos, trocando **heroicas** dedicações.

— Se você quer — disse a mulher — mande buscar.

— Por que você não mandou?

A irmã continuava a lavar no tanque e Lúcio, o filho de **Barba de Bode**, assistia encolhido a um canto à discussão entre os pais. Tinha as mãos entre as pernas e olhava um e outro quase ao mesmo tempo.

— Não mandei... Por que você não se levanta mais cedo e diz o que quer? Não adivinho!

À vista da insistência da mulher, Lucrécio fez-se calmo, pensou um pouco e disse ao filho:

— Lúcio, vai lá à venda e diz ao seu Antunes que mande um quilo de arroz. Ângela — ajuntou —, dá o caderno.

O pequeno ficou confuso e, embora se houvesse erguido, não moveu o pé; a mulher fez que não ouvia. Barba de Bode insistiu com fúria:

— Você não vai, rapaz? Não está ouvindo?

A mãe interveio:

— Sente-se aí!

— Como? — fez o pai.

— Então você não sabe que o Antunes não nos vende mais fiado?

— Por quê?

— Ora, por quê? Porque você não paga e não quero o pequeno ouvindo desaforos!

Lucrécio ergueu-se, com os olhos fora das órbitas, rangendo os dentes e falou:

— Aquele... Ele me paga!

Numa e a Ninfa

E dirigiu-se para o corredor; a mulher interveio:

— Que você vai fazer, Lucrécio? Você deve...

— Deixe-me! — disse ele.

A mulher insistiu:

— Não vá lá... Você tem um filho, homem de Deus!

Soltou-se da mulher; ela, porém, ainda o deteve na sala de visitas, quase chorando.

— Não vá lá, Lucrécio! Não vá!

— Deixe-me! Deixe-me! Vocês não sabem o que é ser mulato! Ora bolas!

Por aí a porta do quarto que dava para a sala de visitas foi aberta e apareceu o hóspede:

— Que é isso, Lucrécio?

— Não é nada, doutor. Não é nada!

Sentou-se a uma cadeira, pôs-se um instante com a cabeça inclinada segura entre as mãos, que se apoiavam nos joelhos; e, ao fim de algum tempo, perguntou à mulher, que estava de pé em frente dele, braços cruzados:

— Quantos meses devemos de casa?

— Três.

Pediu a conta da venda, considerou bem e disse para o filho, tirando o dinheiro do bolso:

— Vá pagar esse judeu, Lúcio! Doutor — fez para o hóspede, logo em seguida — vamos almoçar.

O doutor Gregory Petrovich Bogoloff era russo e tinha vindo para o Brasil como imigrante. Lucrécio conhecera-o na rua, num botequim; bebera com ele e, sabedor de que não tinha pouso, cederá-lhe um dos dois quartos de sua casa. Nesse tempo, o russo andava doente e tinha abandonado o núcleo colonial onde se estabelecera.

Com as melhores disposições para o trabalho honesto, imigrou, foi para uma colônia, derrubou o mato do lote que lhe deram, construiu uma palhoça; e, aos poucos, uma casa de madeira ao jeito das isbás²⁸ russas.

A colônia era ocupada por famílias russas e polacas, e enquanto os seus trabalhos de instalação não se acabaram Bogoloff não travou relações valiosas.

Ao fim de dois meses o doutor de Kazan tinha as mãos em mísero estado, se bem que o corpo tivesse ganhado mais saúde e mais força. Aos administradores da colônia via pouco,

²⁸ Casa de campo típica da Rússia.

SCHLOSSER



Numa e a Ninfa

e evitava vê-los, porque eram arrogantes, mas travou relações com o intérprete, que muito o orientou na vida brasileira. Havia neste certos tiques, certos gestos, que pareceu a Bogoloff ter o funcionário sofrido trabalhos forçados. Era russo, e pouco disse dos seus antecedentes. Um dia disse ao compatriota:

— És tolo, Bogoloff; devias ter-te feito tratar por doutor.

— De que serve isso?

— Aqui, muito! No Brasil, é um título que dá todos os direitos, toda a consideração... Se te fizesses chamar de doutor, terias um lote melhor, melhores ferramentas e sementes. Louro, doutor e estrangeiro, ias longe! Os filósofos do país se encarregavam disso.

— Ora bolas! Para que distinções se quero me anular? Se quero ser um simples cultivador?

— Cultivador? Isto é bom em outras terras que se prestam a culturas remuneradoras. As daqui são horrorosas e só dão bem aipim ou mandioca e batata-doce. Dentro em breve estarás desanimado. Vais ver!

Desprezando as amargas profecias do intérprete da colônia, pôs-se o imigrante a trabalhar na terra com decisão. Plantou milho e fez uma horta em que semeou couves, nabos, repolhos.

De fato, veio o milho rapidamente, mas as espigas, quando foram colhidas, estavam meio roídas pelas lagartas; a horta deu mais resultado; a rosca e o piolho, porém, estragaram grande parte dos canteiros.

Tentou outras culturas, a do trigo, a da batata-inglesa, mas não deram coisa que prestasse. Assim foi; e quer dizer que Bogoloff no “eldorado” continuava a viver da mesma forma atroz que no inferno da Rússia. Deitou-se com afinco à cultura da batata-doce, do aipim, da abóbora e mais não fez senão pedir à terra esses produtos quase espontâneos e respeitados pelos insetos daninhos.

A colheita foi tal que, pela primeira vez, teve lucro e satisfação. Começou a criar porcos que engordou com as batatas-doces e os aipins; e, embora não encontrasse mercados fáceis para os suínos, ganhou algum dinheiro e viveu assim alguns anos, adquirindo aos poucos os hábitos do cultivador do país. Não comia mais pão, mas broa de farinha de milho ou o aipim cozido; o açúcar com que temperava o café era o melaço da cana que obtinha em uma engenhoca tosca de sua própria construção. Desanimara de culturas mais importantes e a base da sua vida

era a batata-doce, o aipim, a cana e o porco.

A terra, a sua estrutura e composição, o seu determinismo enfim, tinha levado o doutor russo a esse resultado e só obedecendo a ele é que pudera tirar alguma renda.

Quem sabe se a vida no Brasil só será possível facilmente baseando-se no aipim e na batata-doce? Quem sabe se, por ter querido fugir a essa fatalidade da terra, é que o país tem vivido uma vida precária de expedientes?

Durante muito tempo, a fortuna do Brasil veio do pau de tinturaria que lhe deu o nome, depois do açúcar, depois do ouro e dos diamantes; alguns desses produtos, por isso ou por aquilo, aos poucos foram perdendo o valor ou, quando não, deixaram de ser encontrados em abundância remuneradora.

Mais tarde vieram o café e a borracha, produtos ambos que, por concorrência, quanto ao primeiro, e também quanto ao segundo, pelo adiantamento das indústrias químicas, estão à mercê de desvalorização repentina. Viu bem isso tudo.

A vida econômica do Brasil nunca se baseara num produto indispensável à vida ou às indústrias, no trigo, no boi, na lã ou no carvão. Vivia de expedientes...

Bogoloff cansou de sua vida de colono, que nunca chegaria à fortuna, daquele viver medíocre e monótono, fora dos seus hábitos adquiridos. Viu a cidade, quis fugir ao sol rigoroso, ao feudo em que estava. Liquidou os haveres e correu ao Rio de Janeiro. Foi professor aqui e ali, ganhando ninharias. Não encontrou apoio nem procurou. Passava dias nos cafés, conheceu toda a espécie de gente, caiu na miséria e foi socorrido por Lucrécio, quando doente e sem vintém, em cuja casa estava havia dois meses.

O almoço era parco e O russo tornara-se jovial. Lucrécio não se deixara contaminar pela alegria do hóspede e viu entrar seu filho com um olhar compassivo agradecido.

— Doutor, tudo isso vai mudar. O “homem” vem...

— Quem?

— O Bentes.

Bogoloff não tinha fé nem estima pela política e muito menos o costume de depositar nela os interesses de sua vida. Calou-se, mas **Barba de Bode** afirmou:

— Pode ficar certo que lhe arranjarei um emprego.

O russo olhou com um ingênuo espanto o rosto jovial do

antigo carpinteiro.

IV

O bonde ia agora atravessando os Arcos. Sob a luz de um dia brumoso, encoberto, um dia pardo, a cidade se estendia irregular e triste. Bondes, carros, pessoas passavam por debaixo dos arcos seculares. Jorravam, marulhavam, redemoinhavam como as águas de um rio. As casas eram vistas pelos fundos e os passageiros entravam um pouco na vida íntima dos seus habitantes.

Viam-se criadas lavando roupa, homens em trajes de banho, casais que almoçavam — todas essas cenas familiares iam sendo desvendadas pelo elétrico que rodava devagar, quase roçando as bordas do velho aqueduto do conde de Bobadela.

Foi um alívio quando penetrou pelo flanco da montanha de Santa Teresa, guinchando de forma barulhenta, vencendo a rampa que o levava morro acima. A cidade se foi vendo melhor.

Lá estavam as ruas centrais, cobertas de mercadorias; mais além a Cidade Nova; acolá a pedreira de São Diogo, cortada, esfolada e roída pela teimosa humanidade; a estrada de ferro, o mangue...

As torres das igrejas subiam aos céus com os seus votos e desejos. Da abóbada da Candelária, muito calma na sua curva suave, a pequena torre olhava tudo aquilo com superioridade e curiosidade e curiosa indiferença.

O mar parecia coagulado ou feito de um líquido pesado e espelhante; os navios estavam como incrustados nele e as ilhas pareciam borrões naquele espelho fosco.

A vista caía sobre um veículo, um carro, por exemplo, e, dali, poucos metros acima do solo, não se podia perceber se era um carro de luxo ou da Misericórdia, se era uma carroça de praça ou o Landau do presidente.

Não se separavam bem as pessoas e as coisas: o que se via era aquele ajuntamento, aquela aglomeração, que lá do alto parecia ser uma existência, uma vida, feita de muitas vidas e muitas existências. Não era o palacete ou o cortiço, não era o patrão ou o criado, não era o teatro ou o cemitério, não era o

capitalista ou o mendigo; era a cidade, a grande cidade, a soma de trabalho, de riqueza, de miséria, de dores, de crimes de quase quatro séculos contados.

O bonde chegou ao largo do Guimarães, e D. Edgarda se viu novamente mergulhada numa atmosfera urbana. Uma praça cercada de casas, trilhos a se cruzarem, bodegas, armarinhos, um cenário de praça de cidade pequena. O veículo continuou e agora ela começou a pensar para onde marchava aquilo tudo, para que fim, para que destino, se encaminhava o resultado de tanto trabalho e de tanta inteligência empregados na criação, na edificação daquela imensa **colmeia** humana. Pensava, mas não viu nenhum; o seu espírito, porém, não quis acreditar que tudo o que aquilo representava de inteligência, todo o amor acumulado ali, todo o sofrimento que transpirava daquelas paredes e se evaporava daqueles telhados não se destinassem a um plano maior, a um destino superior qualquer.

Contudo, no instante, a sua meditação se resumiu em sentir a inutilidade das nossas criações e teve a imensa visão do inútil dos nossos esforços para o bem e para o mal.

O bonde subia a montanha relinchando longamente, traindo o esforço que fazia, e aproximava-se da residência do Dr. Macieira Galvão, governador eleito do Estado das Palmeiras. Dentro de dias, ele e a família embarcariam para lá e D. Edgarda vinha fazer a visita de despedidas, na expectativa de não poder ir ao embarque.

Macieira tinha nas Palmeiras a posição que seu pai tinha em Sepotuba e admirava-se que a sua família concordasse com aquela partida, em vésperas de grandes acontecimentos políticos. Bentes já declarara pelos jornais que era candidato, deixando até o ministério. Xisto, o outro ministro que era candidato oficial, abria mão da candidatura; e, pelo que diziam, tratava de aderir a Bentes, como estava fazendo toda a gente, oposicionistas e governistas. Não julgava bom Macieira abandonar o Centro e deixar que Bentes fosse cercado pelos seus adversários. Não lhe diria nada. Que tinha com isso? Seu pai já devia ter tomado as precauções necessárias e era o bastante. Quanto ao marido, ela estava sossegada, pois o seu pai saberia escorá-lo. O terremoto não chegaria a abalá-lo; e ele, até ali tão assustado, vivia **tranquilo** e sem medo algum. Ainda agora, pouco antes de sair, tivera ocasião de verificar.

Vestia-se quando ouviu que a chamavam:

— Edgarda! Edgarda!

Ajeitou-se um pouco, escondeu entre as rendas da camisa seus ombros firmes e foi ver o marido no aposento próximo.

— Como é que se diz, Edgarda. É *talwég* ou *tálweg*?

Disse-lhe, e Numa continuou tranquilamente estudando o discurso que devia pronunciar brevemente. A mulher ainda se demorou um pouco a ouvi-lo, a apreciar o seu minucioso estudo da peça, que ele recitava, quase de cor, com a sua voz, às vezes áspera, mas volumosa, articulando nitidamente as palavras.

O bonde avizinhou-se mais: Edgarda saltou e desceu em pouco uma rua transversal que escorregava suavemente pelas abas do morro. Metros após descansava a sua longa mão enluvada no botão da campainha que brilhava, no portão de um amplo chalé risonho.

A casa toda era cercada pelo jardim, e a varanda ao lado desaparecia sob as trepadeiras. A mulher de Numa ficou à espera um instante. Antes que o criado viesse lhe atender, uma outra pessoa, um rapaz bem apessoado, bigodes encerados, surgiu à varanda como quem ia sair.

— Por aqui, D. Edgarda?

Desceu a pequena escada e veio abrir o portão que dava para a rua.

A visita pôde responder.

— É verdade, venho me despedir... D. Celeste não está. Doutor Felicianinho?

O moço, sempre sorrindo, afirmou que estava e levou-a até o interior da casa. Ainda não era doutor, mas estava no fim do curso. Sabia-se mal a origem da grande proteção que gozava aquele rapaz da família de Macieira. Vindo do interior, para estudar no Rio qualquer coisa; aí pelo segundo ano de engenharia, começara a frequentar a casa e dentro de seis meses nela se instalara completamente. Recebia da família tudo que necessitava — roupa, livros, dinheiro — e corria que isso obtivera devido à paixão que despertara na velha D. Alice, mãe de Macieira Galvão, de quem se fizera amante.

Ao encontrá-lo no portão, Edgarda pôs-se por instantes a imaginar como aquele moço de vinte e poucos anos, tão elegante, quase bonito, podia viver com uma velha de quase setenta, uma ruína, inteiramente escorada por postigos e ingredientes.

Via-o já formado, colocado, casado, subindo e compreendendo

deu então a natureza de seu amor e a razão de sua delicadeza.

Não era a primeira vez que ali vinha; e, da sala em que estava, conhecia bem as alfaias e móveis. Tudo era caro, senão de bom gosto; mas, da forma que estavam arrumados, não tinham nada de inteligente ou artístico. Gotejava de tudo uma exibição de riqueza, uma necessidade de provar fortuna, mas nunca um sentimento superior de luxo, de arte, de conforto ou gosto.

Não custou em vir ao encontro da amiga, D. Celeste. Entrou com aquela sua simpatia roceira, risonha, contente e foi toda aberta em alegria que falou à amiga. Havia cerca de vinte anos que passava pelas altas camadas, que comprimia o código de várias cerimônias de sociedade, mas guardava intatas todas as qualidades e defeitos de sua educação de fazenda. De gostos elementares sem compreensão para as altas coisas, com fraca energia de sentidos, D. Celeste era virtuosa e casta; tinha, entretanto, as ridículas arrogâncias de nossa nobreza campestre — uma dureza e um certo desdém em tratar os inferiores, um sentimento de propriedade sobre eles e um grupo de seguidores atozes de pequeninos preconceitos e superstições.

Apesar disso, era generosa e caridosa. Sendo assim, à primeira vista era simpática; e quem a analisasse cuidadosamente iria achá-la um pouco ridícula, mas sempre simpática. Em a examinando bem, sentia-se perfeitamente tudo o que ela tinha de mau e estreito dentro de si, tudo o que o seu feitio de espírito representava de peso morto na nossa sociedade; por momentos, porém, havia profundas modificações no seu caráter e ela se manifestava em grandes atos de verdadeira grandeza que brotavam da sua exuberância sentimental.

— Eu não esperava você hoje, minha querida Edgarda. Julguei que viesse nas vésperas...

— Desde a semana passada que quis vir, D. Celeste. Quando é o embarque?

— Minha filha, não sei bem... Esses negócios de política andam tão atrapalhados... Macieira está com pouca vontade... Quer ver em que param as modas... Por mim, não tenho grande vontade.

— É grande a capital?

— Nada! É menor que Niterói.

— É Niterói sem o Rio perto, não é?

— O quê? — fez D. Celeste sem compreender. — Quinze dias de viagem! Não há bondes, não há água...

Numa e a Ninfa

— Compete ao Doutor Galvão por isso tudo.

— Ora! Há tempo para isso? A política monopoliza tudo. É um coronel que quer isso, é um deputado que quer aquilo... Há as brigas. Demais, a renda é pequena, não dá...

— E é saudável?

— Lá isso é; mas não é a cidade que me aborrece. É aquela gente. Que gente!

E fechou a fisionomia cheia de desprezo e desgosto.

— D. Celeste, que tem a senhora com eles?

— Que tenho? Invadem o palácio... Aqui, ao menos a gente está isolada, não precisa estar a toda hora em contato com eles; mas lá não há outro remédio!

D. Celeste, após uma pausa, refletiu:

— Os deputados e governadores não deviam estar em dependência tão estreita desse povinho. Não acha você, Edgarda?

— Creio, mas... Dizem que eles devem ouvir todo o mundo, para bem representar a vontade do povo, por quem são eleitos.

— O povo! Eleitos! Nós é que sabemos como é isso, minha cara Edgarda; nós sabemos disso...

A mulher do senador Macieira riu sublinhando a frase; a visita, porém não a acompanhou inteiramente no seu ceticismo pelo nosso aparelho político.

D. Alice, a mãe do senador, vinha entrando, ereta, alta, lembrando ainda o gesto senhorial e distinto, a graciosidade que devia ter em moça. As mensagens não conseguiam disfarçar as rugas da velhice, mas as pinturas davam aos cabelos o vivo negror natural.

Contudo, havia nos olhos alguma coisa de moço; um certo calor, uns fortes reflexos luminosos que aqueciam a sua fisionomia que nevava. Ainda era uma bela velha, cheia de naturalidade, de gestos e encanto de maneiras.

Depois dos cumprimentos, D. Edgarda perguntou à velha D. Alice:

— Então, D. Alice vai também?

— Não, não posso. As viagens me fazem mal, não posso suportá-las... Demais o Felicianinho vai formar-se e eu não quero... não quero ir.

A nora falou:

— Você não imagina, Edgarda, a ternura que mamãe tem pelo Felicianinho... É Felicianinho para aqui, é Felicianinho para

ali... Nem para Macieira, que é seu filho, nem para mim, nem para o Orestes, que é seu neto, ela tem os mimos que tem para o Felicianinho.

— Ora! Vocês foram felizes; tiveram pai e mãe e fortuna... Ele é órfão e pobre; não acha que faço bem, Edgarda? Neste mundo, a falta de amor, de carinho, faz mais mal do que a do dinheiro, não é?

— Não há dúvida que sim, mas, às vezes, também estraga — disse Edgarda.

— Isso é quando se trata desse amor por aí — fez a velha — mas o da mãe, nunca é demais.

Quando na rua, a mulher de Numa hesitou em se firmar na natureza do sentimento da velha D. Alice. Às vezes, parecia um simples amor de mulher; em outras, um grande amor de mãe; mas, afinal, concordou que havia as duas coisas juntas, misturadas de tal forma que não se podia saber qual sentimento dominava o outro.

O que mais a impressionou não foi a certeza que ela teve de haver em D. Alice uma curiosa mistura ou combinação daqueles dois sentimentos tão diferentes; o que mais admirou foi o carinho e a inocência que a velha revelava falando daquele jeito dos seus sentimentos pelo rapaz.

Sentia-se desculpada, perdoada, não porque o amasse como mulher, mas porque amava também o rapaz como mãe; acompanhava seus estudos, socorria-o de todo o jeito, trazia para ele sempre diante dos olhos o futuro e a glória.

D. Edgarda já estava no bonde que parou um pouco adiante para dar entrada a um senhor alto, que todos os passageiros cumprimentaram. O senador Carlos Gerpes entrou no veículo com agilidade e elegância. Olhou com aquele seu fino olhar os circunstantes, olhar sempre para a frente, de quem beira precipícios. Não tardou em dar com Edgarda e veio colocar-se num banco, adiante, de modo que pudesse falar com ela.

— Já sei — disse ele — que o Numa, hoje ou amanhã falará sobre o orçamento do Exterior... Deve fazê-lo. É moço e convém aparecer... Hoje, a minha atividade está reduzida; mas, na idade dele, não perdia vasa... Foi ao Lírico?

— Ainda não. Numa não tem podido ir... O senhor sabe...

— Deve ir. Que propriedade, que naturalidade! Os papéis de amorosa então ela os faz muito bem... O amor moderno...

Não há aquelas exaltações, aquela paixão antiga... Oh! É perfeito!

Quem o visse falar assim e mesmo na tribuna, não suporia que toda a sua educação e instrução se fizera nos comícios, clubes eleitorais e assembleias políticas; e fora neles que aprendera desde as boas maneiras até finanças, desde noções de aritmética até literatura — o bastante para ser uma notabilidade política, com influência e vencendo todos os obstáculos à manutenção de sua situação.

D. Edgarda explicou melhor por que não tinha ido ver a famosa atriz:

— Numa anda muito atrapalhado... Muito trabalho!... Conferência com este e aquele... As coisas andam tão turvas...

— Turvas! Que turvas, minha senhora!

Sentou-se melhor no banco e continuou com toda a simplicidade:

— A senhora quer saber de uma coisa... Olhe, minha senhora, vou lhe contar uma história antiga, mas que tem muito ensinamento.

— Para a política?

— Para tudo, minha senhora. Para tudo! Quer ouvi-la?

— Pois não, senador!

— Um negociante voltava de longe, onde fora comerciar e trazia no navio em que estava embarcada toda a sua fortuna. De repente, arma-se uma tempestade; e, diante da ameaça do naufrágio, o negociante promete que se se salvar mandará rezar em todos os altares da primeira igreja que encontrar, missas em ação de graças aos santos respectivos, iluminando a igreja completamente. Feita a promessa, a tempestade amainou e é salvo. Chegando em terra, cumpre a promessa. Vai assistir às missas e repara que um canto escuro da sacristia não tinha vela. Chama o sacristão e pergunta por que não acendera o círio ali. O homem responde que ali era o lugar do diabo. Acenda assim mesmo, ordena o negociante. Foi feita a coisa e ele continuou a sua viagem. No meio do caminho foi roubado pelos salteadores que o deixaram, por muito favor, prosseguir a viagem. Desanimado, o pobre seguiu; em meio à jornada, porém, encontrou um cavaleiro que perguntou seu nome. Respondeu, e o desconhecido, sabendo que havia sido roubado, disse: “Não se incomode, venha comigo”. Daí a pouco estava senhor de sua fortuna. O desconhecido indagou: “O senhor sabe quem sou eu?”; “Não”, retrucou o negociante. “Sou o diabo”, disse o outro; e desapa-

receu. Compreendeu?

— Pois não, senador — fez a moça com um sorriso.

— Eu, minha senhora, não deixo nunca um canto sem vela; e creio que Cogominho faz o mesmo.

Gerpes não pode continuar a expor pitorescamente a sua filosofia política; outro grande da República veio tomar o bonde ao lado do colega.

— Como vais, Gerpes?

— Como vais, Martinho? Não conheces D. Edgarda?

O novo passageiro pôs o pince-nez e olhou a senhora com um frio olhar perscrutador, olhar de médico, de médico de consultório **frequentado**, e respondeu:

— Não tenho a honra...

— D. Edgarda, esposa do Deputado Numa.

— Ah! Bem!... Já sei que seu marido vai falar.

— É verdade — disse a moça.

— Não convinha alongar o debate — observou Gerpes.

— É... O Bastos quer mostrar que não são só os deputados do Estado dele que o defendem, mas o partido inteiro.

Abriu o *Diário Mercantil* e correu ligeiramente os olhos sobre a folha.

— Leste o artigo do Fuas Bandeira? — perguntou Gerpes.

— Li.

— Definiu-se.

— É um aviso seguro.

Nada mais disse, encolheu-se, pondo-se a ler o jornal que desdobrara. Martinho era uma das culminâncias da política republicana. Não era só a sua fama de talento e a grande reputação de clínico que lhe davam um grande prestígio; concorria também para isso a estranheza de suas vidas e dos seus gostos.

Sublimemente instalado em um casarão, vivia confortavelmente isolado, cercado de livros, de curiosidades e de sapos. Tinha uma coleção de batráquios²⁹ de todas as regiões do globo; sapos gigantes, sapos minúsculos, sapos com chifres, sapos com cauda, até um imenso e desmedido sapo, remanescente de uma idade morta, adquirido por alto preço a um paleontologista americano.

Em matéria de amor, era curioso. Não conquistava, não namorava, não flertava, não amava; comprava. A tal dama, se a desejasse, mandava dizer: dou tanto. Às vezes, era um encontro

²⁹ Sapos.

rápido, um cochicho; em outras, o capricho vinha e o caso se demorava meses.

Tinha em si o enfado de Tibério³⁰, mas sem ter a sua grandeza monstruosa. Faltavam a ele o tempo e o sentimento artístico, para selar seus atos com uma exuberância sensual.

Moço, trabalhara muito; e feio, vivera sempre à parte das mulheres. Chegando à grandeza, à riqueza, vingava-se, tratando a metade da espécie com mais desprezo que os sapos dos seus tanques.

Por vezes, sentia remorso do seu proceder e o arrependimento vinha todo carregado de ingênuas manifestações sentimentais. Foi talvez em uma dessas crises que, quando ministro, o fez determinar que o busto da República, mandado esculpir para o seu gabinete, tivesse a feição de uma das suas amantes mortas.

Gostava da fama de frio, de cético, de cruel, mas o que havia de mais exato era um cansaço, um esgotamento do seu forte sentir por muito tempo adormecido e nunca bem encaminhado.

Edgarda considerou um pouco aqueles dois homens. Martinho lia com a cabeça baixa, pescoço enterrado, jornal quase sobre os joelhos. Gerpes tinha o pescoço em pé e o pince-nez à altura dos olhos. Neste, a audácia espontânea; naquele, o cálculo laborioso.

A esposa de Numa ainda olhava a cidade que a esperava lá em baixo. O bonde caminhava e agora era o esforço para detê-lo na descida que o fazia guinchar nos trilhos.

O acaso que traçou a cidade parece ter deixado aqui e ali pequenas ruas, travessas, becos, próprios aos amores que não podem ser suspeitados.

Ao lado das ruas principais, o seu sossego e discrição dão asilo aos amorosos, evitando grandes rodeios e afastando as suspeitas de quem os vê por elas.

Casas há ainda mais favoráveis aos que amam fora da lei; são as que têm duas ou mais entradas para ruas diferentes. Essas, porém, só são achadas nas ruas centrais, onde o temor de encontrar conhecidos não permite que os apaixonados prudentes as procurem.

Contudo, os mais afoitos e menos cautelosos não as desprezam; e, das ruas centrais, escolhem aquelas mais compridas, as que se alongam até o Campo de Santana, em cujas proximidades,

³⁰ Imperador romano.



SCHLOSSER

então, armam seus ninhos amorosos.

Esses tipos de amorosos são os médios, aqueles que dispõem de pequenas fortunas ou razoáveis rendimentos; aqueles, porém, que têm maiores recursos fogem dos caminhos batidos, procuram asilos mais seguros e confortáveis.

Escolhem essas travessas mortas em ruas de pouco movimento e a pouca distância da cidade, e de onde, em dez minutos, possam voltar à rua do Ouvidor.

Há sempre uma velha ou um casal complacente, antigos funcionários da casa, protegidos da senhora ou do amante, que simulam à vizinhança serem donos da casa e acolhem generosamente o amor clandestino.

A nossa população é bisbilhoteira; os nossos vizinhos estão sempre a saber o que fazemos e nós, o que eles fazem, de modo que é preciso precauções de estrategista, planos de peles-vermelhas para despistar a vigilância gratuita dos curiosos e fazer calar as suspeitas de sua bisbilhotice idiota.

Quem visse D. Edgarda, após descer um pequeno trecho da ladeira de Santa Teresa, tomar um bonde do Rocio Pequeno, havia de julgar que ia apanhar condução que a levasse ao Rio Comprido ou à Tijuca, para fazer alguma visita. O seu ar natural, a sua atitude de inteira **tranquilidade** davam a entender que continuava a cumprir os seus deveres sociais de grande senhora; entretanto, antes que o veículo começasse a subir a ladeira que existe quase ao fim do velho caminho de Mata-Cavalos, ela saltou muito naturalmente, apanhou a calçada, dobrou esta e aquela rua e entrou com segurança em uma casa modesta, muito pobre de aparência.

Nem era preciso que ela desconfiasse e tomasse precauções, porque a rua estava deserta e silenciosa, como ocorre sempre a qualquer hora do dia e da noite. Ainda mais que a casa era conhecida e os seus habitantes sabiam perfeitamente que lá residiam uma velha moça e uma filha, que viviam de costuras, além do filho que trabalhava no porto.

A sala tinha uma pobre mobília e sobravam utensílios de costura. Havia máquinas, manequins, uma mesa para o corte, figurinos, e a mãe e a filha, uma na máquina e a outra à tesoura, trabalhavam distraídas.

Ambas não tiveram a menor surpresa ao ver Edgarda entrar; parecia que a esperavam e corresponderam com simplicidade ao cumprimento que lhes fez.

A moça costureira franziu um pouco a fisionomia, mas a velha tornou-se logo alegre e foi falar familiarmente com a mulher do deputado. Conhecera-a menina, criara-se na casa do avô e sempre encontrara na moça uma amiga, uma protetora para os seus tristes dias de viúva pobre.

— Benevenuto já veio, Carola?

— Já, Edgarda. Está lá dentro.

— Você acabou aquela saia?

— Cortei, mas não sabia se você a queria com pressa mesmo.

A filha, que até ali se mantivera calada, falou:

— É aquela *salmon*, mamãe?

— É.

— Pode ser provada. A senhora quer?

Não teve tempo de responder, pois a velha lhe perguntava:

— Edgarda, que barulho vai haver?

— Barulho?

— Negócio de política. Não é, Lívia?

— Dizem por aí... Não sei...

— A candidatura do general?

— Sim; mas dizem que o “velho” deixa.

— Deixa? Quem disse isso a você?

— Benevenuto.

— Vou falar com ele. Com licença!

Edgarda atravessou o corredor e foi à sala de jantar. A casa era pequena, não tinha mais que duas salas e dois quartos, dando um destes para a sala de jantar. Havia no meio dos aposentos uma área que iluminava mal tanto um como o outro quarto. Mas, assim mesmo, a casa bastava para o destino que ela tinha merecido.

O primo já estava no interior, quando Edgarda lá entrou. Ao vê-la, ele se levantou e um instante beijaram-se, sem dizer palavra.

Parentes próximos, conhecidos desde meninos, o amor só brotou neles depois do casamento da prima. Nunca se haviam conhecido bem, nunca se tinham compreendido; e, nela, o matrimônio como que lhe deu um outro sentido, uma antena que descobriu no primo o que lhe exigiram a imaginação e a inteligência.

Casada, um pouco das suas **ideias** de menina e de moça

evoluiu; se os desejos de notoriedade do marido não se foram também é porque neles havia muito de seu amor próprio pessoal, e o seu casamento fora determinado por esse mesmo sentimento.

Se o marido não quis no começo corresponder a esses desejos, era, entretanto, bastante plástico para ser modelado por eles; o primo, porém, com uma personalidade mais forte, em que sobravam tantas aptidões, não seria capaz de **moldá-los**; e sempre mostrara pelos políticos uma indiferença, senão um desdém superior.

O ambiente familiar, as preocupações do pai, as suas conversas, o modo por que, aqui e ali, se referia a ele, fizeram com que a menina Cogominho concordasse, partilhasse essa forma de ver do pai e mesmo o tornasse incompreensível a seus olhos. Tudo isso afastou-a do primo, e do pai, esse sempre vivera afastado, mas sem ódio nem rancor.

Referia-se o senador ao primo com condescendência de pai de filho pródigo.

“Bom rapaz”, dizia ele, “mas boêmio e extravagante”.

Nada mais dizia a respeito do parente e não parecia incomodar-se muito com as opiniões e ditos que proferia ou citava. Nunca se indignava, nunca o censurava e, se uma frase era mais atrevida, fechava a conversa com um “Ora! Você!...”, e emendava outro assunto. Certa vez não foi com ele mesmo, mas com um dos deputados, que Benevenuto dissera:

— Essa política é desonesta.

— Desonesta! Por quê?

— Por quê? Porque vocês se propõem a fazer a felicidade do país, coisa de que vocês estão convencidos que não fazem, nem tentam de modo algum fazer.

Essas e outras opiniões chocavam a moça, ameaçavam desmontar ou perturbar o seu sistema de **ideias**; e Edgarda evitou um pouco o primo, sem odiá-lo, sem aborrecê-lo, mas por temê-lo um pouco.

De volta de Sepotuba, esquecida ou já não tão dominada pelas suas primeiras concepções, acolheu o primo com grande efusão, admirou-o, apagando toda a ponta de diabolismo que encontrava nele, e amaram-se sem saber como, sem determinar o começo, ora parecendo amor antigo, ora um recente capricho.

Encontravam-se há quase um ano naquela casa discreta, graças à gentileza de uma velha conhecida, quase pessoa da família de sua mãe, que lhe prestava aquele serviço mais por dedicação do que por interesse de outra ordem.

Edgarda tirou o chapéu, foi se desabotoando com o auxílio do amante — tudo muito vagarosamente, com preguiça e sem nenhum ardor; Benevenuto disse-lhe:

— Sabes, Edgarda, que o “velho” vai renunciar?

— Não.

— Pois vai, se não renunciou já.

— Quem te disse?

— O Inácio Costa... Ele anda sempre informado, vive nos bastidores; ele e o seu primo Salustiano.

— Salustiano? Que tem ele com essas coisas?

De corpete, colete descansando na penteadeira, ela sentara-se a uma cadeira, uma perna sobre a outra, e deixara um instante de desabotoar as botinas.

— Que tem?!

— Você é que não adivinhou. Tola — disse ele, **beijando-a**. — Ele quer é deslocar teu pai.

— Como?

— É muito simples. Quem dá prestígio a teu pai?

— O partido... Os eleitores...

— Que eleitores! É o governo federal! Que faz Salustiano? Adere a Bentes, desde já; valiosa influência; Bentes fica amigo dele; faz-se presidente e transfere o apoio para Salustiano. Admiras que não tenhas visto isto logo!

— Desconfiava, mas...

— Pensavas que Bentes tinha que contar com seu pai?

— Era isso.

— Tinha, não há dúvida; mas não tem. Teria se fosse candidato normal, então trocariam favores; mas Bentes, de qualquer modo, sobe por uma revolução. Dispensa eleição, Congresso etc. É o que diz o Inácio Costa e é o que se está passando.

A visão daquela queda do pai pareceu a ela uma desfeita, um insulto; e, mesmo que ele pudesse abrir mão dos ganhos do cargo, viu no fato uma humilhação à idade e à respeitabilidade do pai. Tirou uma das botinas e exclamou com raiva:

— É um desaforo!

— Precisa manha, meu amor. O que teu pai deve fazer e os outros também é fingirem grande dedicação a Bentes, fazê-lo

Numa e a Ninfa

prisioneiro, simular admiração pelos seus talentos e convencê-lo de que é normal a sua ascensão. Mas, para isso, devem exagerar, exagerar tudo, o prestígio que têm.

— Como?

— Com telegramas, retratos nos jornais, artigos, manifestações... Queres saber de uma coisa?

— Que é?

— Desde já vocês devem tratar de organizar uma manifestação a teu pai.

— Como?

— Fala ao Lucrécio, ao Inácio Costa...

— Inácio!

— Sim. Ele quer é pôr o nome em evidência... Fala a eles...

Vamos tratar de outra coisa.

A moça já tinha tirado a roupa quase inteiramente e o seu colo nascia por entre as maravilhosas ondas rendadas da camisa. A preocupação não a deixava.

— Deita-te.

— Mas...

— Não pensa mais nisto. O fim do mundo ainda não chegou.

Ela quis afastar a obsessão, a teimosa ansiedade; mas voltava a sua **ideia** o “tombo” na influência paterna, enchia-se um momento de indignação sobretudo contra o tal Salustiano, um seu parente! Tomaria o lugar do pai? Como havia de olhá-lo? Já não quisera ridicularizar o marido?

— Ah! É verdade! Lembrou-se ela.

— Que é, meu bem?

— Já fizeste aquilo?

— Ora! Não te esqueças...

— Não se fala em outra coisa. Ainda agora, no bonde de Santa Teresa...

— Onde foste?

— À casa de Macieira. Por sinal vi o Felicianinho... Está bonito!

— Casa-te com ele.

— Só quando eu tiver setenta anos.

Riram-se brevemente e Benevenuto perguntou:

— Quem encontraste no bonde?

— O Gernes e o Martinho, que me falaram em Numa... Já fizeste?

— Edgarda, és muito egoísta!... Ainda não me beijaste e...

— Perdoa, meu bem! Tu sabes... É...
E os dois se beijaram longa e fartamente.

V

Bogoloff vivia ainda na casa de Lucrecio **Barba de Bode**. Esperava este que o seu partido subisse para colocar convenientemente o doutor russo. A sua esperança era cega; tudo marchava para tal desenlace. O velho presidente resignara o poder e o seu substituto subira à presidência hipotecado aos partidários de Bentes. A população não podia compreender aquele desmoronar de castelo de cartas; não entendia que o governo, pelo seu mais poderoso representante, estivesse assim exposto a uma despedida tão ultrajante; não atinava com o motivo por que um dos seus ministros se pusera, de instante para outro, em franca rebeldia contra o presidente; e não atinava por que a explicação não podia ser achada senão com o exame vagaroso dos detalhes.

Com os novos governantes, o pavor do começo transformou-se em uma falsa alegria de encomenda. Os jornais brotavam; nasciam e morriam, com a publicação do retrato do herói; os almoços, os banquetes eram diariamente anunciados, telegramas e cartas congratulatórias eram publicadas, e homenagens e biografias. Pelino Guedes fazia discípulos e eram legião. Todos riam, mas riam falso.

Houve a indústria das manifestações, e Lucrecio se aproveitou muito com ela, enquanto os seus serviços não eram encaminhados mais eficazmente. Havia necessidade de fazer crer que o povo, que a opinião desejava ardentemente a emissão do Messias nas rédeas do Estado, e o povo faz-se, graças à necessidade, graças à ilusão do Estado e à simplicidade dos esmagados.

Bogoloff pode ganhar algum dinheiro, escrevendo artigos para jornais de pouca vida; meteu-se aos poucos no torvelinho dos que se agitavam à espera do reino dos céus que Bentes vinha realizar sobre a terra; e o populacho, as crianças e mulheres sobretudo, fossem de que condições fossem, viam a agitação daqueles possessos como mau presságio. Essa gente não quer coisa boa; parece que tem o tinhoso no corpo, diziam.

A mulher de Lucrecio não se cansava de lhe dizer: “Toma cuidado, Lucrecio; esse homem não é bom. Olha o que ele fez com o ‘velho’”...

Lucrecio não ouvia a mulher, mas estremecia com a lembrança dela e fazia fugir a má profecia com argumentos tirados dos jornais da situação. O russo não se entusiasmava; vivia e por viver foi que prometeu ir à manifestação que se fazia a Neves Cogominho naquela noite. Inácio Costa, com quem travara conhecimento, era presidente da comissão e dissera:

— Doutor! Não deixe de ir! Precisamos acabar com os conselheiros, com a hipocrisia deles... A sã política é filha da moral e da razão... Vá! Há bondes especiais.

Ele começava a conhecer as atividades políticas, os seus bastidores, as suas curvas de fantásticas transformações.

Essas presenças, essas atenções, enfim, esse ritual de gestos e falsas demonstrações de amizade influem no progresso da vida política. Como havíamos de subir, ou pelo menos de manter a posição conquistada, se não fôssemos sempre às missas de sétimo dia dos parentes dos chefes, se não lhes mandássemos cartões nos dias de aniversário, se não estivéssemos presentes aos embarques e desembarques de figurões? Fora daqui as notícias desses atos têm grande repercussão e infinito alcance; e, de resto, às vezes, um bota-fora decidia uma reeleição. Vejam só o que aconteceu com o Batista. Estava nas boas graças do Carneiro; mas, no dia do embarque deste para Pernambuco, deixou de ir. Carneiro notou e, quando Bandeira quis incluí-lo de novo na chapa, opôs-se de maneira obstinada.

Os chefes não admitem independência, nem mesmo aos embarques. Os pequenos presentes mantêm as amizades; mas, na política, não são só os presentes que mantêm as relações; é preciso que os poderosos sintam que gravitamos em torno deles, que nenhum ato íntimo de sua existência nos é estranho, que o nascimento dos filhos, o aniversário de casamento ou formatura se refletem no movimento e como que perturbam a órbita da nossa vida.

Numa, que sabia bem disso tudo, foi alma das muitas manifestações que se realizaram naquela época. Sempre tivera a visão nítida desse feitio da vida política; nunca a vira pelo lado épico ou lírico, e estava no seu elemento. Concebera a existência por baixo e, graças a essa concepção, estava seguro na vida, rico pela fortuna da mulher e tratava de segurar-se

quanto à parte de deputado.

Desde menino, sentira bem que era preciso não perder de vida a submissão aos grandes do dia, adquirir distinções rápidas, formaturas, cargos, títulos, de forma a ir se extremado bem etiquetado, doutor, sócio de qualquer instituto, acadêmico ou coisa que o valha, da massa anônima.

Era preciso ficar bem endossado, ceder sempre às ideias e aos preconceitos atuais.

Esperar por uma distinção puramente pessoal ou individual era tolice! Se o Estado e a Sociedade marcavam meios de notoriedade, de fiança, de capacidade, para que trabalhar em obter outros mais difíceis, quando aqueles estavam à mão e se obtinham com muita submissão e um pouco de tenacidade?

Era preciso dominar e, na sua espessa mediocridade, esse desejo guiava todos os sentimentos e matava outro qualquer desejo mais nobre.

Que alcance o das manifestações com que os detentores da política contraminavam os ataques dos seus prováveis adversários, naquela hora de muitos enganos. Numa viu claro e organizou a que se fez ao sogro, com tal jeito, que ninguém suspeitaria da sua ação preponderante nela. Inácio Costa, aliado de Salustiano, sequioso de aparecer, de fazer gravar o seu nome na memória de Bentes, não tremeu em ir ao encontro das suas tenções; e, sem que o deputado lhe desse a mínima ordem, fez-se presidente da comissão organizadora, obteve os fundos num Ministério favorável e o público indispensável para as aclamações.

A homenagem a Neves Cogominho foi anunciada nas folhas com grande gasto de palavras campanudas. O Diário Mercantil, o jornal de Fuas Bandeira, publicou seu retrato num “cliché” de uma página e um artigo de Quitério Barrado mostrava perfeitamente a paridade que havia ente o senador de Sepotuba e o Coronel da Guarda Nacional americana Heatgold, caçador de onças e celebridade do momento. Quitério tinha gostos de Plutarco, mas de Plutarco atual; e procurava sempre estudar a vida dos poderosos em evidência, pondo em paralelo a de outros poderosos também em evidência. Neves nunca houvera caçado onças, a não ser nos arredores de Petrópolis, quando tomou parte numa partida venatória do fidalgo Clube do Santo Huberto.

A nobreza da cidade de Piabanha, nobreza bem documen-

tada por um d’Hozier³¹ ignorado, resolvera reunir-se para dar pasto ao aristocrático esporte dos seus maiores. É verdade que não tinham terras para caças, nem tapadas nos seus castelos, mas os fidalgos da serra substituíram-nas por um capoeirão de carvoeiro dos arredores. Não houve cão vagabundo que não fosse convenientemente amordaçado e a “malta”, fidalga, fidalgos, cavalos, piqueiros, monteiros, veadores e mais trem de caça grossa partiam a caçar javalis, lobos, onças e outras feras daqui e da Europa. Obedecidas todas as regras, coube a Neves Cogominho abater o javali ou o que fosse; e, ficando as esporas, foi esperá-lo na trilha que as trombetas dos monteiros indicavam como sendo da passagem do animal enfurecido. Atirou, desceu do cavalo para dar-lhe o tiro de misericórdia; e descobriu então que havia matado um bezerro manso que uma máscara intencionalmente transformara em onça.

Há nas antigas crônicas de caça narrativas da intromissão de gênios malfazejos para operar tão estranhas transformações; mas, daquela vez, não foram eles e sim a cautela e a prudência dos organizadores da partida para atender à falta absoluta da onça adequada.

Essa proeza de Neves foi notada e ele não a quis repetir para que não houvesse o desencanto. Cogominho era homem sério, cheio de responsabilidades do seu cargo, silencioso, olhava com doçura e segurança, e não lhe parecia bem arriscar-se assim aos dentes das feras — ele que esperava ocupar a presidência para a felicidade do País.

De resto, ganhara corpo, sua barriga crescera e juntou-se tudo isso ao masolucos, para se ver como ele era impróprio para montar a cavalo e repetir aquela proeza de caça.

Quitério, que tivera notícias dela, não a esquecera no seu artigo e foi a paridade encontrada por ele muito gabada pelos entendidos em psicologia, filosofia, semântica e escrituração por partidas dobradas.

O palacete do senador, inteiramente aberto e iluminado, fulgia no fundo do longo jardim. Perdidos na massa escura dos canteiros, glóbulos elétricos multicores brilhavam amortecidos, abafados.

As pessoas mais chegadas, os chefes políticos e os seus subordinados, os admiradores e os últimos amigos já lá estavam esperando a manifestação.

³¹ Referência a Charles-René d’Hozier, historiador francês.

Erravam pelas salas da casa os nomes mais em evidência na política nacional e seus adeptos. Até o Clodoveu Rodrigues, que se julgava um futuro opositorista, lá estava. Era curioso esse Clodoveu, no físico e no moral. Muito alto e esguio, tinha um semblante triste e pensativo. O seu longo nariz de corte aquilino não fazia lembrar uma águia, mas uma cegonha, em postura meditativa de estampa, à qual houvessem cortado uma grande porção do bico.

Rico, talvez, solteiro, cheio de dourados e posições, de filigranas e enfeites, temia as aventuras amorosas do seu mundo. Fosse por timidez natural ou medo do comprometimento, o certo é que não se murmurava nada a respeito de sua atividade sentimental. Agia cautelosamente...

Na sua concentrada tristeza, havia algum mistério de coração, que não tomava a proporção de um cínico desafio às convenções e aos preceitos, porque o deputado abafava o homem.

A presença de Clodoveu ali causava certa surpresa, pois as suas ligações com o presidente descaído obrigavam-no a ficar na oposição; no entanto, ele passeava de uma sala para outra, lentamente, friamente, vagarosamente.

Lá estava também o J. F. Brochado, um curioso tipo de político, como quase todos os da sua raça, seco d'alma, mas, como pouco deles, agitado a fazer praça de honesto, tendo sempre uma cauda de bajuladores, aos quais, nos seus momentos de poder, fazia, tanto contínuos como juizes, deputados e escriturários, engenheiros e carimbadores, conforme fosse o momento, a ocasião, a vaga, sem atender a saber ou o que quer que fosse.

Seguia-o sempre o seu amado secretário, uma múmia peruana, untada de pinturas e a enxergar por uns óculos negros, sombra que não o deixava um único instante. Era poeta de modinhas e orador hilariante.

Havia também o Carlos Salvaterra, senador, homem lido e inteligente, mas escravo da política e escondendo a escravatura que pesava na sua consciência. Seria difícil não encontrar ali Fuas Bandeiras. Ele lá estava com sua careca lustrosa e o seu ar atrevido de pirata argelino, a sugar o seu indefectível charuto. Ele era curto e atarracado como, em geral, os caprinos portugueses.

Além destes, também lá se encontravam o General César Japuí, um crente do nosso misticismo militar, convencido de que

Numa e a Ninfa

a sua qualidade de general, unicamente ela, dava-lhe capacidades superiores de governo e administrador; o Sarmento Heltz, fino e cuidadoso, que todos naquele meio julgavam precioso e raro como uma raposa polar; o gordo Pieterzoon, o deputado Costale, mais conhecido por Xandu, que andava sempre à cata do emprego de ministro, o general Forfaible, o senador Macieira e outros mais. Muitos tenentes.

Numa providenciava; e Quitério, o autor do epinício³² do Diário, não parava em grupo algum. Desenterrava o pescoço da caixa óssea, e partia deste para aquele, dizendo aqui isto, ali aquilo, saltitando, como um tico-tico à cata de migalhas.

Souza conversava com Numa. Este Souza tinha uma reputação suspeita. Diziam que o seu ofício consistia em evitar que os nossos jupiterzinhos políticos tivessem o trabalho de se transformar em cisnes, em chuva de ouro, como o do Olimpo grego. Entrava, porém, em toda a parte, nas principais salas e era ele agora que conversava com Numa, informando-o quem era aquela interessante pessoa.

— Não conheces? É um rapaz de muito talento...

— Esses talentos...

Numa não gostava dos talentos, não os invejava; não gostava mesmo, achava-os prejudiciais à vida, fracos para obter a mínima coisa, orgulhosos e exigentes e, como que a perturbar a existência dos felizes, com a atenção que se devia a eles.

— Não gosta dos talentos? — perguntou Souza, que tratava assim, intimamente, a maioria dos políticos.

— São muito pretensiosos, não se submetem a ninguém e não amam ninguém.

— Quem ama alguém?... Aquele que estás vendo sempre disposto a submeter-se. Muda de donos, mas se submete... — observou o deputado Barbosa, que se aproximava.

Numa não insistiu com o colega de bancada. Sabia que ele era sarcástico na familiaridade, fácil em aguçadas ironias e encarniçado no cinismo resignado. Fora eleito porque, tendo publicado um trabalho histórico de valor, Neves quisera mostrar que a sua oligarquia sabia aproveitar os talentos humildes. Era líder da bancada, em que havia um tio de Cogominho, um cunhado, ele, Numa, genro e outros que não eram propriamente parentes. Barbosa eleito, julgou que o melhor meio de manter a posição era apagar-se completamente e assim o fez.

³² Canto; hino.



Numa e a Ninfa

Numa afastou-se e procurou outras rodas.

A manifestação não chegava e aquela gente fina ansiava pela sua chegada e a sua dissolução, para que ficassem à vontade, longe da presença daqueles vagabundos que deviam compô-la.

Quando Numa se aproximou de Xandu, esse dizia a Bogoloff:

— Meu caro Doutor, se eu for ministro, creia que irei aproveitá-lo de forma conveniente. A República precisa de sangue novo. Veja só os Estados Unidos... Não acha, Dr. Numa?

— Perfeitamente.

Costale, o Xandu — como era conhecido entre os políticos — julgava-se ianque e isto por dois motivos: por falar muito depressa e usar o bigode raspado, moda que pode ser romana ou napoleônica.

Desde muito que o casarão do velho Gomes não era aberto assim e não recebia tanta gente. Neves sempre promovera poucas recepções e não gostava das grandes, em que uma multidão se move em suas salas, quase sempre de desconhecidos. Sua tia, D. Romana, gostava desse aspecto da vida familiar e tinha a simplicidade do interior de receber quem quer que fosse de maneira alegre.

A sua velhice adiantada, porém, foi tornando raros os grandes bailes do poderoso político; ficaram raros, até mesmo quase suprimidos depois do casamento de Numa. A velha D. Romana, com a volta naquele dia, do esplendor da antiga morada, rejuvenesceu, tornou-se ativa e não cessava de ir de uma sala para outra, perscrutando os desejos dos convidados. A neta conversava com algumas amigas, sem deixar o lugar que ocupara logo em começo. Procurava esquecer a impaciência com que esperava a chegada dos manifestantes, mas D. Celeste adivinhara-a e observou:

— É mesmo uma maçada, minha filha. A política — que coisa!... Você deve ter gasto muito!

— Alguma coisa!

— Eu é que não queria receber dessas manifestações — doem no bolso! Todo o mundo quer ser político. É porque não sabem quanto custa.

Mme. Costale, esposa do Xandu, aventou por aí:

— Tudo é assim, D. Celeste: visto de fora é muito fácil, mas

cá do lado de dentro é que são elas... Xandu, só em “facadas”, gastou o ano passado um terço do subsídio... Pensam que os políticos ganham muito, mas é um engano.

— Ganham alguma coisa — disse D. Celeste —, mas gastam muito. E as manifestações?

— Cada profissão — disse Mme. Forfaible — tem os seus espinhos e não são só os políticos que ganham pouco. Meu marido...

— Sim — disse Mme. Costable —, seu marido não tem que lidar com tanta gente.

— É o que me aborrece! — disse D. Celeste. — Que caras! Não sou nenhuma rainha, mas suportar gente tão mal vestida... Ora! É demais!

— Edgarda — disse Mme. Forfaible — é que não se aborrece.

— Eu — acudiu a mulher de Numa — não os aborreço, nem gosto deles; suporto-os e os acho necessários.

— Pois olha, Edgarda — fez a esposa de Xandu —, se eu pudesse...

— Que é que fazia? — perguntou Mme. Forfaible.

— Mandava tudo para o Acre.

— E quem elegia o marido de você? — indagou, sorrindo, Edgarda.

— Quem?

— Isso não é preciso — disse Mme. Forfaible. — Deviam ser nomeados. Os generais não são?

— Mas os generais — refletiu Edgarda — não são representantes da Nação.

— Você diz isso porque não é casada com um general... Quem vai para a guerra? O que é mais difícil: falar na Câmara ou ir para a guerra? O Manoel tem mais serviços que muitos, entretanto ainda não foi para o Supremo. É verdade! Quem ficará na guerra, Edgarda?

— Não sei. Por ora...

— Eu sei; o Chaves ficou provisoriamente. Mas quem vai? D. Celeste sabe?

— Não sei. Quem vai para o Ministério é cá o marido da minha amiguinha... E apontou o leque para Mme. Costale.

— Ora! — fez ela com um riso chocho. — Dizem isto há tanto tempo.

— Agora vai — confirmou Edgarda.

— Você é bem feliz — disse Mme. Forfaible; — meu marido é que não arranja nada. Não tem sorte.

Com a renúncia do presidente, houve grande mudança nos altos cargos políticos; essa mudança, porém, não se deu imediatamente. O substituto, temendo não satisfazer todos os seus amigos, insistira para que os antigos detentores ficassem. Poucos aceitaram e assim mesmo de forma provisória, para não criar tropeços ao novo governo. Davam-se vagas e era uma dificuldade preenchê-las. Acontecia que nem sempre o candidato de Bastos era de Bentes; e, às vezes, o de Bastos era inimigo de Bentes e o de Bentes era inimigo de Bastos, coisa vulgar.

Um único obteve a concordância dos dois poderosos padrinhos fora Xandu, que estava à espera do antigo deixar a pasta para ocupá-la. Quanto à de chefe da polícia, o novo executivo reservara a nomeação para si. Escolheu entre os seus amigos um velho compadre roceiro, arruinado, que precisava dos proventos do cargo para resgatar hipotecas. Era o Dr. José Dias Chaveco, mais conhecido por Juca Chaveco, que, naquele instante, expunha a Bogoloff as suas doutrinas policiais.

— Qui retrato, doutô! Qui nada! Se arguê m viu, o marvado pode sê preso, mas se não viu — quá! só se outro vié contá.

Bogoloff tinha há pouco tempo entrado no convívio daqueles homens todos; mas era tal a sua flexibilidade, a sua maleabilidade de espírito, que lhes inspirava confiança, merecia sua consideração e ele, em troca, os tratava com um digno respeito.

A Chaveco, havia falado em processos modernos de investigação, mas o chefe da polícia tinha a respeito **ideias** simples de delegado da roça. Deixou-o e foi ficar com o grupo em que falava Neves Cogominho. No momento, a conversa era conduzida por Macieira Galvão.

Tinha andado este muito atrapalhado com a posição que devia tomar na política; tendo querido que o presidente, por um dos seus ministros, demitisse um funcionário e nomeasse um seu parente, não fora atendido e pensou em declarar-se oposição; mas não o fizera francamente, mandando que um dos seus deputados o fizesse. O seu jogo fora pressentido e denunciado. Para disfarçar o insucesso, resolveu afastar-se, fazendo-se eleger governador de Palmeiras.

— Eu bem vi — dizia ele — que o “velho” não ia... não nos queria atender. Foi isso que se viu.

Fuas Bandeira confirmou:

— Era de uma teimosia de criança... Vejam só este caso da Estrada de Mato Grosso... Não prejudicou as finanças?

Numa acrescentou:

— Ele se havia fossilizado nos processos imperiais da política. Há necessidade de vistas novas.

Fuas ia perguntar com jeito, alguma coisa, sobre as tais vistas novas na política, quando Pieterzoon veio **interrompê-los**. Bandeira era inculto e a sua leitura ia pouco além dos jornais; mas diariamente saudava este ou aquele mais ilustrado e fincava seus imponentes artigos nas opiniões deles, falando de Darwin, de finanças e economia política e outras coisas de que nada sabia. Ele, como toda a gente, julgava Numa ilustrado e estudioso e estava disposto a roubar dele algumas opiniões sobre a nova política, quando o deputado Pieterzonn cortou suas asas, perguntando ao colega:

— Numa, você ainda não disse nada sobre o caso do Espírito Santo?

— Não é preciso.

— Como não é preciso? — fez Fuas; — vejam só o ataque do Salomão. É preciso tirar seus dentes.

— Frases! Frases! — disse hamleticamente³³ Xandu.

— Não penso assim — considerou Macieira; — não se deve desprezar os ataques dessa maneira. Fazem eco e somos prejudicados.

Neves Cogominho também era do mesmo parecer, mas Xandu observou de maneira decisiva:

— Prefiro a ação às palavras.

Pieterzoon contradisse risonho:

— Mas, caro Xandu, a nossa ação são as palavras.

— Por isso estou deslocado.

— Mas não está Numa, que falará. Não acha útil, Dr. Cogominho?

— Com toda a certeza, apesar dos horizontes se esclarecerem.

A conversa ainda demorou algum tempo até que se ouviram os primeiros compassos da banda militar que puxava a manifestação. Senhoras e cavalheiros vieram colocar-se na sala principal; alguns nos vãos das janelas, outros nas portas de comunicação; e Neves ficou em um dos ângulos da sala, ao

³³ Referência ao personagem Hamlet, de William Shakespeare.

centro de um grupo de senhoras e cavalheiros. O seu corpo alentado e a sua aura dominavam tudo; e ele punha as mãos sobre o ventre, esperando pacientemente. Ao lado direito tinha a filha e o genro; à esquerda Mme. Forfaible, cor de cera, alta, modelada em “grande têne”, com o olhar de batalha que o marido não tinha. Mme. Celeste Galvão ficara atrás com medo dos manifestantes e pudera dizer à velha D. Romana, quando foi tomar lugar à esquerda do sobrinho:

— Amanhã é que são elas! Copos furtados, bibelôs, jardins estragados... Ora! Esta política!

Os admiradores de Cogominho penetraram no jardim:

— Viva! Viva o senador Cogominho! Viva!

E a banda a todo pulmão repenicava um ritmo entusiástico e cadenciado; as lanternas venezianas, nas pontas das canas, dançavam; e tudo parecia uma longa cobra fosforescente e musical que rastejava para o palacete. “Viva o senador Cogominho! Viva! Viva o general Bentes!...” A multidão vinha espremida na estreita alameda principal do jardim; as lanternas venezianas dançavam na ponta das canas... “Viva o senador Cogominho! Viva! Viva o senador Bastos! Viva! Viva!” Queimavam fogos de bengala... “Viva! Viva!”

A cabeça sonora atingia a escada de pedra, afastou-se a música para o lado; separou-se do corpo, que serpenteando subiu até o salão de recepção.

Inácio Costa, suando, lenço ao pescoço, fungando o seu teimoso resfriado, vinha à frente, berrando, agitando o chapéu, bem junto de Canto Ribeiro, celebridade dos encontros e manifestações, tipo da cidade, renitente orador, cuja oratória consistia em berrar as mais gastas chapas do Orador Popular. Era também empreiteiro de manifestações, e, como todo o empreiteiro que se preza, tinha o seu pessoal adestrado. Além de um núcleo forte de bravos, possuía a seu serviço moços limpos; estudantes, pequenos empregados, aspirantes a empregos — gente iludida com promessas de lugares e promoções.

Havia em Canto Ribeiro um pouco de especulação e muita sinceridade. Supondo-se orador, julgava-se com um alto destino político e não planejava ser orador de praças públicas, para abrir caminho até os altos cargos políticos.

A sua oratória era feita de berros, de mugidos e rugidos; e, além de qualquer qualidade literária, faltava-lhe também uma

voz musical, numerosa, com inflexões.

Barba de Bode tratou de acomodar os admiradores do melhor modo. A sala era vasta, mas não pode conter todos os manifestantes. Uma grande parte ficou pela escada e pelo jardim.

Havia ali de toda a gente; pobres homens desempregados, que vinham até ali ganhar uma esmola; vagabundos notáveis, entusiastas ingênuos, curiosos e agradecidos; todas as cores. Os vestuários eram os mais engraçados e inesperados. Havia um preto com uma sobrecasaca cor de vinho, calçado com uma bota preta e outra amarela; um rapaz louro, com umas calças bicolor, uma perna preta e outra cinzenta; fraques antediluvianos, calças de cáqui, blusas, casacos, coletes sarapintados.

Vendo essa gente miserável, degradada física e moralmente, tão contentes com a política, parecia que ela não tinha por fim fazer os povos felizes...

Os admiradores comprimiram-se, os móveis foram afastados, e Canto Ribeiro começou a falar. Durante vinte minutos, expectorou as mais sórdidas banalidades sobre a república e a pátria.

Elas tiveram, porém, o grande e esperado efeito de comover Cogominho, Numa, as senhoras e provocar a inveja de Quitério, que devorou o orador com seu olhar miúdo. Havia no seu olhar também admiração pela torrente de banalidades que Canto repetia e adivinhava-se que Quitério dizia para si: “Ah! Meu Deus! Como ele fala bem!”.

Inácio Costa tomou a palavra, e, em nome da comissão organizadora, disse:

“Minhas senhoras, meus senhores. O digno senador Neves Cogominho tira da civilização contemporânea a dedução do estado político que mais lhe convém para a sociedade. Segue nesse ponto desprezando a metafísica de Platão e o teologismo de Maistre, um sistema assemelhado ao de Rousseau”.

Houve alguns pigarros indiscretos na sala, mas Inácio continuou destemido, chegando a este curioso trecho:

“Sua individualidade una e perfeita não tem limites ‘extremos’, destes que estes terminam, em relação a um aspecto, onde começam quanto a um outro”.

Uma moça bocejou no silêncio profundo da sala; e Costa, mais seguro de si, continuou:

“E, na grandeza imensa da promiscuidade de suas feições, sentindo a visão mística das coisas, apostolando uma fé inaba-

Numa e a Ninfa

lável na República, Neves Cogominho aparece com a auréola do — O MAIS DIGNO”.

Canto Ribeiro berrou fortemente — Apoiado! Inácio Costa continuou com entusiasmo:

“O Sábio estadista que aí vedes vai sempre ao encontro da equação política do momento”.

Depois desta manifestação do seu saber matemático, o futuro chefe da seção precipitou o seu discurso, finalizou-o, dizendo:

“Nas ligeiras palavras que disse, procurei esboçar o retrato deste homem, não de perfil nem de frente; mas, como Pelino Guedes, em obra conhecida, de frente voltada para o céu, tentei retratar esse gigante político, que traduz perfeitamente a ação de um passado que se afirma no presente, como refletirá sobre o futuro, quando o historiador tiver que tratar de todo esse período da nossa vida republicana. Saudemo-lo, senhores! Ele é O MAIS DIGNO!”.

Houve palmas, vivas, e Numa abraçou-o, dizendo ao seu ouvido:

— Estiveste muito filosófico.

Foram oferecidos em seguida mimos e Clódia, filha do Dr. Henocanti, ofertou um ramo de flores, com doces e embriagantes palavras.

Quitério tirou a cabeça de dentro do tórax e ficou sem reação diante da sedosa brancura da moça, da sua elegância, da sua atração fortemente sensual.

— Quem é?

Não lhe responderam; Neves Cogominho falou com grande simplicidade, não sem comoção e, por fim, entusiasmado com o entusiasmo dos outros, agradeceu a homenagem com frases repassadas de sentimento.

Aos circunstantes foram oferecidos chopes e servidos em uma sala interior. Quase houve briga, quase houve bofetadas. As mãos passavam por cima das cabeças, por entre os corpos, por debaixo dos braços de outrem; e os copeiros não sabiam como servir toda aquela gente sequiosa.

Canto Ribeiro e Inácio Costa, vendo que a coisa podia degenerar em conflito, pois já havia uma disputa em um canto, gritaram:

— Vamos, rapazes! Os bondes vão partir!

Foram-se e, na sala, encostado ao balcão improvisado como

bufê, ficou unicamente **Barba de Bode**. Encostou-se e disse com gloriosa satisfação:

— Sim, agora posso beber. Não sou desses “avançadores” que só vêm às festas para beber.

Em seguida, voltou-se para o copeiro e fez familiarmente:

— Ó, amigo! Dá-me uma “joça” dessas!

Sorveu o copo quase inteiramente de um trago, e foi cheio de **eloquência** que pronunciou:

— Vocês sabem, eu cá sou de casa. Não preciso de manifestações para entrar... O homem é meu amigo... Todos esses tipos são engrossadores.

Bebeu o resto que estava no copo, e pediu:

— Mais um chope.

E continuou **eloquente** e jovial, jovialidade e **eloquência** a que não era estranho o álcool que já bebera durante o dia todo. Continuou:

— Eu cá sou amigo... Não sou um dia de um, um dia de outro. Mais um chope.

Bebeu e emendou:

— Vocês viram o que se deu com o Dr. Macieira... Ele está aí e não me deixa mentir... Quando o “velho” andava fazendo das suas, quem é que o procurava? Um ou outro. Eu cá não, sempre estive a seu lado. Mais um chope.

Os copeiros serviram e ele falou sentenciosamente:

— Esses homens são adulados, quando estão por cima; mas, logo que rosna qualquer coisa, tudo foge. É isto. Vamos beber!

Falando e bebendo, Lucrécio sorveu bem uma dezena de copos de cerveja; mas, quando ia ultrapassá-los, passou pela sala o Dr. Macieira. **Barba de Bode** correu ao seu encontro:

— V. Exa. dá licença?

— Que é que você quer, homem? Já bebeste como o diabo, hein?

— Besteira. Queria agora beber à saúde de V. Exa.

— Deixa isso para mais tarde. Agora...

Lucrécio deitou sobre o poderoso político um olhar de desgosto e Macieira não achou mal dar uma demonstração de tolerante bondade pelos humildes. Disse com bondade:

— Bem! Vá lá!

— Sr. senador Macieira — começou Lucrécio. — Neste momento solene...

E parou como se buscasse palavras, termos, imagens. Esteve um instante calado, com a boca fortemente fechada: houve um imperceptível movimento nos músculos da garganta, movimento de quem tenta engolir alguma coisa. Por esse tempo, começaram a vir da sala convivas, damas e cavalheiros, curiosos para conhecer a **eloquência** de Lucrécio.

Ao ver tanta gente à sua roda, animou-se e continuou:

— Sr. Senador — mas não pôde acabar. Veio um forte vômito e, antes que pudesse correr à janela, despejou-o ali mesmo, borrifando o peitilho do famoso senador e a barra das saias daquelas grandes damas. Lançou, lançou tudo o que tinha no estômago.

O triste final do discurso causou riso, mas houve quem ficasse irritado. Entre estas pessoas quem mais se irritou foi o Dr. Chaveco. Logo que soube, correu à sala do bufê.

— Tá bebo... Chama aí um poliça... Mete ele no xadrez.

Houve um grande esforço por parte dos presentes para que não fizesse prender o Lucrécio.

— Mas sô chefe! O homem bebe... que faço então?

Neves Cogominho, Macieira, Numa, Souza, Pieterzoon, Costale e todas as senhoras se interessaram, conseguindo **fazê-lo** desistir de efetuar a prisão. Lucrécio foi levado para um dos quartos dos criados; e o Dr. Chaveco, apanhando o chapéu e a bengala, sem castão³⁴ nem ponteira, despediu-se:

— Tá bão... Inté manhã!

Aquele chefe de polícia era bem um chefe de polícia do tempo. Ingênuo e submisso, por necessidade de submissão agradecida, procurava onde aplicar suas terríveis funções.

Queria de qualquer modo mostrar energia e provar ao protetor que estava atento, que velava pela sua segurança e respeitabilidade.

As visitas tinham voltado à sala de visitas; e, na sala do bufê, a um canto, ficaram ainda a tia de Cogominho e algumas outras senhoras. O Dr. Chaveco entrou de novo, batendo com a bengala no assoalho, ao jeito do banho de um pastor bíblico:

— D. Romana — disse ele — esqueci uma coisa...

— Que foi, Doutor?

— “A modo” que não levei umas “balinha” pros meninos.

— Pois não, Doutor.

— “Tem artéa, siá Dona?” O Juca “tá cum tosse”.

³⁴ Enfeite em bengalas.

— Não, Doutor. Quer de amendoim?

— Serve, Dona.

Sentou-se a uma cadeira, enquanto a velha senhora tratava de preparar o embrulho de balas. Bogoloff, que viera tomar um copo de cerveja, acercou-se do chefe e indagou, ao vê-lo com chapéu e bengala:

— Já vai, doutor?

— Já, moço; “drumo c’os” pintos. “É mais bom pra” saúde.

— Mas, no seu cargo, nem sempre é possível, doutor.

— “Quá”, moço! Tenho os “auxiliá que faz minha vez”.

Chaveco consertou melhor o busto e indagou com convicção:

— “Cá dê” o malandro?

— Que malandro, doutor? — fez Bogoloff.

— Aquele que “se embriagou-se”.

— Não é malandro, doutor. É amigo da casa. Um rapaz generoso...

— Como se chama?

— Lucrécio.

— De quê?

— **Barba de Bode.**

Riu gostosamente e disse com toda a sua simplicidade roceira:

— Bem posto... O cabra tem mesmo barba de bode!

D. Romana voltou com o embrulho; Chaveco agradeceu, levantou-se, despediu-se e disse para Bogoloff:

— “Qué i cô nós”, moço? Não paga nada. “Intomove tá” na porta.

O Dr. Bogoloff não podia deixar de aceitar o convite. Lançara-se nas altas camadas, esperava tirar dela os melhores proveitos e o momento era propício para estreitar os conhecimentos com aquela alta autoridade que tão atenciosa se mostrava.

— Aceito, Doutor.

Juntos atravessaram as salas e, em breve, estavam na rua, onde um luxuoso automóvel esperava entre a fila de muitos outros. Sem esperar que o ajudante abrisse a portinhola, Chaveco a foi abrindo e convidou:

— “Trepe”, moço!

Logo que o russo entrou e o chefe também, o motorista perguntou o destino do carro:

— Pra onde “vosmecê qué i”, moço?



SCHLOSSER

O automóvel rodou e os passageiros, depois de bem se colocarem nos assentos, puseram-se a conversar. O chefe de polícia perguntou:

— Como é seu nome, moço?

O russo disse, e o chefe encheu-se de admiração infantil:

— “Ué! gentes!” Que nome! É de santo?

O doutor russo explicou que era ou podia ser, mas o doutor Chaveco, em pequenas risadas, mantinha a sua dúvida.

Afogada no luar, a cidade oferecia um aspecto de paz serena e **tranquilidade** satisfeita.

Pelas ruas, não havia ninguém e aquelas casas inteiramente fechadas, mudas, **tranquilas**, enchiam os dois passageiros de uma suave satisfação. Era como se esquecêssemos que, dentro delas, havia muita angústia, muito tormento, muita paixão e ódio. Verificando isso, tinha-se vontade de que todos nós, toda a humanidade, viesse dormir assim, pelo séculos afora...

O doutor Chaveco cochilava na almofada, e Bogoloff lembrou-se da terrível polícia russa, contemplando aquele inofensivo chefe, aquele doce homem, simples, em que havia tanto de criança. Como era que naquelas mãos estavam tão terríveis poderes e como era que aquela bondade nativa não se fazia sentir em todas as rodas do mecanismo policial?

Recordou-se também do azedume com que as autoridades policiais o trataram quando aportou ao Rio. Já começavam a desembarcar os passageiros de terceira classe, quando um empregado de bordo veio chamá-lo. Prontamente seguiu-o e **achou-se** em presença de um homem fardado, que lhe perguntou:

— Como se chama?

O intérprete que estava a seu lado traduziu e Bogoloff respondeu:

— Gregory Petrovich Bogoloff.

O homem da polícia marítima pediu então que escrevesse seu nome no papel. Esteve olhando as letras e, por fim, indagou:

— Qual é a sua profissão?

Com o auxílio do intérprete, Bogoloff pode responder:

— Sou professor.

O homem pareceu não se conformar com a resposta; olhou o imigrante muito e perguntou de repente:

— Você não é “cáften³⁵”?

³⁵ Cafetão; homem que explora a prostituição.

Logo que Bogoloff percebeu o sentido, ficou indignado e disse:

— Por quê?

O homem da polícia respondeu muito ingenuamente:

— Estes nomes em “itch”, em “off”, em “sky”, quase todos são de “cáftens”. Não falha!

O russo disse a ele então que não era, nem nunca tinha sido, mas o homem não acreditou e insistiu:

— Se você não é “cáften”, é anarquista.

Houve muito trabalho por parte do forasteiro para tirar a autoridade da sua **ideia**:

— Estes nomes em “itch”, em “off”, em “sky”, polacos e russos, quando não são “cáftens”, são anarquistas.

Mostrou Bogoloff os documentos; e, afinal, depois de muita hesitação por parte da autoridade pôde pisar a terra onde viera procurar liberdade e sossego, mais que fortuna e felicidade.

O Dr. Chaveco continuava dormindo serenamente recostado à almofada do carro. As suas longas barbas tinham um doçura patriarcal. A sua pele estava queimada do sol e o seu ar era doce, bom e feliz. Era um pastor bíblico em que o luar punha a cor da eternidade; e esse pastor bíblico tinha nas mãos a segurança, a ordem, a liberdade de uma vasta aglomeração humana de um milhão de almas.

Lembrou-se ainda Bogoloff das dificuldades do seu desembarque... A lembrança se turvava no tempo; as suas linhas tinham perdido a nitidez... Como estava longe! Olhou o céu. A lua se mostrava por entre os flocos de nuvens que corriam doidas. A cidade dormia **tranquila**, serena, satisfeita e a vontade dele era de que ela continuasse a dormir assim pelos séculos afora...

VI

— Sim... sim... como?... como votar?... entendi... bem... o líder como vota?... questão aberta?... bem... já?... daqui a meia hora... entendi... vou ver... não demoro... respondo já... não me esqueço... sim... sei... bem... já disse... eu sei. Numa! sei... Até já...

É descansou o fone no gancho durante alguns instantes. Esperou que a ligação se desfizesse e pediu nova:

— Minha senhora... alô... meia dúzia zero quatro leste... sim! Leste...

Aguardou um momento e continuou:

— Alô! Alô! Quem fala!... Ah! É você, Benta?... Benevenuto está?... vai chamá-lo ao aparelho... de que casa?... da minha casa... sim... espero... vai...

Não houve grande demora e Edgarda, com o fone ao ouvido, o lado esquerdo voltado para o aparelho, a cabeça meio inclinada, perguntou ternamente:

— É você, Benevenuto?... bem... é você?... já sei... não é para já... hoje?... não posso... não se perde por esperar... não tenho podido... quem está aí?... bem... uma coisa... Numa pergunta como deve votar no projeto de acumulação... diziam que queria... sim, o governo!... agora?... não faz questão... sim... que acha você?... entendi... bem... como? contra?... não... sim... ele quer vetar?... ficar simpático... compreendo... faz passar por portas travessas... sou inteligente... no telefone, só, não, seu “trouxa”!... entendi... faz passar e veta... entendi... fica com a simpatia dos interessados... então? como?... sim... se for nominal, contra; se não for, a favor... magnífico... vou... precisa cuidado... sei... creio... não se cansa... sei... adeus!

Orientada, pediu de novo ligação para a Câmara e pode Edgarda resolver a dificuldade política em que se achava seu marido. A necessidade de provar dedicação ao general Bentes obrigava todos os seus adeptos e admiradores a meditarem muito no levar a efeito o mínimo ato. Disputavam-se no agradecimento do estadista inesperado os políticos de todos os matizes. Os que estavam em cima e não queriam de forma alguma dar o mínimo sinal de que o seu apoio era simulado ou a contragosto; e os que estavam em baixo, apressados em ficar por cima,

corriam parelhas com os adversários, dando sempre mais do que eles tinham dado.

Se uns chamavam-no de inteligente, os outros diziam-no gênio; se Numa qualificava-o de grande estadista, Salustiano arengava em algum lugar e aclamava-o o primeiro estadista do mundo. Não quer dizer que não houvesse quem visse tudo isso nitidamente. Além da opinião, havia mesmo na política gente com alguma vergonha que não se entregava a tais excessos de bajulação; porém, os prudentes que estavam no poder e os republicanos puros que sonhavam realizar integralmente o regime, entregavam-se a essa luta para divertimento das arquibancadas e fortificar a convicção de Bentes.

Todas as qualidades que até ali tinham indicado o valor dos homens de Estado foram negadas; e as doutrinas mais absurdas foram espalhadas sobre o governo dos povos. Omar invadia o Egito e mandava queimar a biblioteca de Alexandria; e os escribas que dormiam nas tumbas puseram a cabeça fora delas e olharam, com o seu olhar de esmalte, a desmoralização da arte que tinha feito o encanto e o progresso dos homens. Choraram mais ainda quando afirmaram a eles que eram o grego popular e mais caracteres da escrita que fizeram a infelicidade dos povos.

Abaladas as noções mais estáveis, nessa luta de bajulação, não sabiam como se conduzir os adeptos do futuro presidente. Ainda não o era efetivamente, mas já todos o consideravam assim e foi graças a seu esforço que Xandu, Raimundo Costale, foi afinal empossado no Ministério do Fomento Nacional.

Xandu era rico e tinha, como todos, a sua vaidade. A dele era julgar-se com o estofo de grande ministro, e o seu erro vinha em supor que seria fecundo em obras, por espalhar decretos a mancheias. Pretendia fazer isto e aquilo; apanhava inspiração na boca de parentes, de amigos e punha toda a sua esperança na legislação. Não há dúvida que ela pode influir; ele exagerava, porém, o seu alcance e os seus resultados. Feito ministro, o seu primeiro trabalho foi instalar luxuosamente a sua secretaria e gabinete; cortinados, sanefas, mobílias, bustos, quadros — tudo ele colocou do maior luxo. Em seguida, espalhou o seu retrato e biografia pelos jornais e revistas, especialmente por essas pequenas revistas pouco conhecidas e lidas.

Irá parecer que são sem valor as publicações feitas nelas; entretanto, não é isso. Oferecidas gratuitamente, elas correm maior área e chegam aonde as grandes publicações não che-

gam. O que perdem em intensidade ganham em extensão; e os propagandistas políticos sabem bem disso, porque não as desprezam. A fisionomia de Xandu, lavada, simpática, parada, com o seu olhar crédulo por detrás do monóculo, correu mundo em impressos de todos os tamanhos, com biografias auxiliares em todas as línguas. S. Exa. fomentava.

Bogoloff soube da nomeação de Xandu por intermédio do seu hospedeiro. Lucrécio ainda não estava colocado, mas tinha, sob o título de agente de polícia extranumerário, uma gratificação mensal que lhe dava para ter em dia o aluguel da casa. Parecia que devesse ter obtido colocação melhor; os seus protetores, porém, não julgaram a ocasião propícia e fizeram-no “encostado”.

Aí, ele podia com mais liberdade prestar os seus serviços de popular e, sendo lugar provisório, não afrouxaria o seu entusiasmo pelas altas qualidades administrativas deles. Contudo, esperava firmar-se e não havia esquecido de sua promessa a Bogoloff.

Moravam ainda na mesma casa da Cidade Nova e era hábito almoçarem juntos antes que as outras pessoas da família o fizessem. Tendo de onde tirar o dinheiro, o primeiro cuidado de Lucrécio foi pôr o filho na escola e o pequeno raramente o via nos dias úteis da semana. O serviço do pai não era marcado. Aparecia na polícia e demorava-se por lá, à espera que houvesse um encontro, um discurso subversivo na Câmara, para perturbar as aclamações espontâneas e desinteressadas. A mulher e a irmã continuavam a temer semelhante espécie de emprego; Lucrécio, porém, as sossegava dizendo:

— Minhas filhas, é assim que a gente se arranja. Tudo está nas mãos dos políticos e, sem política, ninguém vai lá. O Candiinho não está agente da Prefeitura? Como começou? O Totonho, não foi feito jardineiro-chefe? Ele vai me arranjar.

À fortuna de Totonho seguiu-se a do seu protetor Campelo, o Dr. Campelo. Não tendo sido possível dar a este um lugar de deputado, foi feito professor de meteorologia da Escola de Agricultura e diretor das Fundições da Ponta da Areia. Era bacharel em Direito, advogado sem renome, mas dispunha do bando de Totonho, que influía nas eleições da Lapa. Esse bando tinha uma existência duradoura e aliava-se a este ou àquele candidato, por mais ou menos tempo, às vezes desinteressadamente, conforme a fé que tinha na lealdade deles. Nem todos mereciam essa sua

consideração de candidato. Uma das condições era ser bacharel, advogado, relacionado na política e fora dela, garantindo proteção para casas de jogo, para delegados e para absolvições.

Nas mais das vezes, como acontecia com Campelo, o candidato não podia garantir coisa alguma, sobretudo quanto ao júri. É verdade que muitos são ali prisioneiros políticos deste ou daquele, mas não é tão difícil juntá-los em conselho, que essa proteção é mais uma burla com que os candidatos levavam os seus partidários a desordens e assassinatos, esperançados com a impunidade.

Totonho era encarregado de várias pensões e estalagens; e, na pobreza dos seus inquilinos e nas suas necessidades, conseguia novos eleitores, “fósforos” e desordeiros úteis.

Campelo juntara-se a ele desde muito e Totonho punha muita esperança na estrela do doutor. De resto, este era delicado, acessível, apertava a mão de toda a gente, vestia-se bem, supondo-se até bonito; e com tantas qualidades não podia deixar de ir longe.

Foi logo um dos primeiros admiradores de Bentes, organizou banquetes a todos os seus parentes e não houve metáfora que ele não empregasse para demonstrar de que modo a hereditariedade pesava na família.

Fora Totonho, por intermédio Campelo, quem pusera Lucrécio na polícia; e a Bogoloff, com quem almoçava naquela manhã, o novo policial lembrou:

— Doutor, por que não procura o Xandu?

Lucrécio não sentia absolutamente pesada a hospedagem do russo; queria, porém, que a sua educação e instrução tivessem outro âmbito. Respeitava o saber do moscovita e sentia a sua alvura e os seus cabelos louros deslocados ali.

Tinha Bogoloff a intenção de fazê-lo, mas, ainda muito russo, não supunha que o ministro o atendesse sem mais recomendações. Respondeu com grande convicção que iria. Lucrécio explicou:

— Doutor, não é que o senhor me incomode; mas é época de aproveitar. Vamos ter uns anos cheios... Uma coisa, doutor?

— Que é?

— O senhor não entende de medicina?

— Não. Por quê?

— Por nada... É que tenho um serviço de medicina para umas eleições.

— Mas... Que as eleições têm a ver com a medicina?

— É um caso.

— Conta lá.

— O fato é o seguinte: o coronel Liberato, lá do Cambuci, tem que vencer umas eleições, mas os “outros” têm mais votos. Ele precisa fazer um estouro e um doutor era bom para socorrer a gente dele. Ele paga.

— Quanto?

— Um conto de réis. Quer ir?

— Não. Não sou médico, mas se fosse, não iria. Não quero essas atrapalhações...

— Que atrapalhações, doutor! Nossa gente está tomando conta... Se houver morte, ferimento, o processo fica abafado...

A mulher, que ouvira, falou da cozinha:

— Lucrécio, você não toma juízo. Fala assim de morte, como se fosse Nosso Senhor... Agora piores do que vocês são esses graúdos que dão costas quentes a vocês...

— Quê, mulher, isto é política, um ajuda o outro. Não acha, doutor?

— É... é... deve ser mesmo política.

— Você vai mesmo atrás da política, que um dia eles te deixam lá na “chácara”... Já disse... Não quero que você meta o Lúcio nessas coisas.

— Você já viu — disse Lucrécio — eu dar mau conselho ao pequeno? Doutor, na sua terra é assim?

— Bem, assim não é; mas...

— Ora! Todas as terras são iguais.

Seria difícil a Bogoloff explicar ao amigo as diferenças e as semelhanças existentes entre o mecanismo político da Rússia e o do Brasil; uma diferença, porém, logo notou naquela procura de um médico para pleitear eleições de vereadores. Só o mandonismo republicano com a sua concepção estupidamente cruel da política é que podia lembrar-se de transformar comícios eleitorais em emboscadas de salteadores, com um médico entre eles. Curiosa piedade!

Absteve-se o russo de fazer qualquer consideração e, acompanhado de Lucrécio, encaminhou-se para o centro da cidade.

Inácio da Costa parecia não dormir. A toda hora do dia e da noite, era encontrado na rua, falando e gesticulando em grupos, discutindo nos bondes, lendo jornais, nos cafés, visitando redações. A todos, prometia um governo de Salento e ameaçava

com excomunhão os prudentes duvidosos. Com o seu fraque abanando, o seu coco, fungando com força, pondo em relevo as rugas do rosto, o Inácio não se cansava de dizer que a sã política é filha da moral e da razão.

Lucrécio e Bogoloff logo o encontraram na primeira esquina, pouco depois de saltarem do bonde. Estava limpo, banhado e o seu olhar era jubiloso e esperançoso.

— Viram! Viram! Não digo... Temos governo!... Xandu já mandou restabelecer o “Saúde e fraternidade”... Os conselheiros tinham banido esse santo lema, mas agora... Estamos na República... Implicaram também com “Ordem e Progresso”. Por quê? Vocês não querem “ordem”? Vocês não querem “progresso”? A ordem é a condição do progresso.

— Será verdade? — indagou Bogoloff.

— Como não! A história...

— A bem dizer, é o contrário: todo o progresso tem sido feito com desordens.

— Doutor, o senhor está me parecendo um metafísico. Chico — disse ele dirigindo-se a um passante —, espera aí. Até logo! Até logo!

E saiu, abanando o fraque, fungando, gesticulando, ao enalço do amigo.

Bogoloff não tinha grande esperança de ser atendido pelo ministro do Fomento. A promessa que lhe fizera, por ocasião da manifestação a Cogominho, não parecia que obrigasse o ministro a nada. Temia que o despedisse polidamente e, quando fosse o momento azado, já tivesse estragado o pedido. Fez parte de suas dúvidas a Lucrécio e este as julgou de peso.

— O melhor — disse **Barba de Bode** — é irmos à casa do doutor Macieira.

— Não o conheço bem... Não tenho grande intimidade...

— Mas eu o conheço. Vamos lá... Ele me atende... Agora, se arranjar qualquer coisa, é preciso trabalhar pela política dele.

— Não como médico — disse Bogoloff, rindo.

— Ora! Isto é com a política do Liberato.

A hora era propícia, e tomaram o caminho de Santa Teresa. Depois de Bastos, chefe absoluto e respeitado da política nacional, Macieira era um dos grandes magnatas da República. Graças à população do seu Estado natal, a sua representação na Câmara era volumosa; e, em todos os conchavos, tinha que ser pesada a sua colaboração de chefe dirigente. Como grande chefe, não

podia nunca declarar-se em franca oposição; e a fantasia que teve disso tinha enfraquecido um pouco. Entre os dirigentes da política, há um curioso equilíbrio que precisa de um mais audaz para se fazer; e surgindo esse audaz, nenhum outro pode tomar seu lugar, porque sempre o rebelde teme que os colegas não o sigam. O governo é sempre contado como elemento dominante, e o audaz nunca se separa do governo.

Macieira temia muito que o sucesso presidencial não lhe fosse favorável e isto se daria se caísse em Xisto. Logo que ela assim se anunciou, ajudou a fazer cautelosas insinuações no ânimo de Bentes e viu com prazer tomar outro curso os acontecimentos. Por isso, tinha no intervalo que se seguiu à resignação do presidente grande influência e participação; era um homem delicado, mas reservado, e tinha sempre o aspecto da cogitação profunda. Lucrécio entrou em sua casa, demorou-se um pouco e voltou logo dizendo que não poderia falar com ele, voltasse ao dia seguinte que seria atendido; recebera nesse sentido recado.

A impressão daqueles restos de floresta, a cidade confusa lá embaixo, a montanha roída trouxeram tristeza ao coração do russo e recordações dolorosas do seu amargo passado. Em presença daquelas altas manifestações da natureza, o seu pensamento era triste. Diante do Atlântico, o mar tenebroso dos navegadores da renascença, quando veio, embora estivesse espelhante que nem um lago, a sua alma se angustiou.

Ele — que mal conhecia a história daquelas águas e a das terras que banhavam — só se lembrou que estava ali o mar da escravidão moderna, o mar dos negreiros, que assistira durante três séculos o drama de sangue, de opressão e de morte, o sinistro drama do aproveitamento das terras da América pelas gentes da Europa.

Das dores de tantos milhões de seres, das suas agruras, dos seus padecimentos, da sua morte, só aquelas unidas e mudas águas guardavam memória, e só elas evocavam o drama de que foram palco.

Lucrécio, julgando o companheiro triste, tratou de consolá-lo.

— Ele dá o “pistolão”... Não há dúvida!... Não se incomode!...

Bogoloff pensava pouco no fim da visita, mas ficou enternecido com o interesse do rapaz:

— Está certo... Não penso mais nisso.

Lucrécio falou ao seu ouvido:

— Ele não estava em casa, doutor. Ele tem uma francesa...

A mulher não disse, mas eu sei... Vou ao Senado logo e as coisas estão arranjadas. Fique certo.

Essa ligação do senador era bem conhecida da cidade e **frequentemente** os jornais da oposição faziam claras alusões a ela.

Dizia-se mesmo que a tal francesa tinha uma grande influência sobre o ânimo de Macieira e influía decisivamente no curso dos vastos negócios encaminhados nas repartições públicas. Os homens de concessão, os agentes de casas poderosas sabiam dessa influência da “francesa” e tratavam de obter as suas boas graças mediante porcentagens grandiosas. Fuas Bandeiras conhecia-a, fazia ofertas de valor a ela e contava-se que Campelo sempre a interessava nos seus reconhecimentos mal sucedidos.

Murmuravam nas confeitarias uma curiosa história de que a “francesa” fora eixo. Já vivia amigada com Macieira, nesse tempo deputado, fraco de recursos, mal podendo sustentar as duas casas com o que recebia. O seu fraco era jogar pôquer e, nas rodas de pôquer, conhecera Fuas Bandeira, com quem travara amizade. Os dois, aos poucos, firmaram relações solidamente e jogavam clandestinamente de parcerada. Um belo dia, o amigo dissera-lhe:

— Sabe de uma coisa? O Francisco tirou a sorte grande, quinhentos contos.

— Não o conheço.

— É um rapaz inteligente, mas pouco prático... Tem que cair...

— Vai perder tudo?

— Vai, e é pena que não aproveitemos algum... Se houvesse um meio...

— Isso é bom para as mulheres, que vão aproveitar.

— Para elas só, não vão. Os outros malandros entram... Há um meio...

— Qual é?

— Não vives com a Arlete? — perguntou Fuas.

— Que tem?

— Tira-a da pensão. Alugamos uma casa mobiliada e levamos o Francisco para jogar pôquer.

— Que pode ele perder?

— Tudo, se quisermos.

— Se ele quiser namorar a Arlete?

— Deixa, e mesmo isso entra no plano.

— Ele descobre.

— Ora! Não tem prática dessas coisas e confia em todos.

A coisa assim foi feita. Alugaram uma casa mobiliada luxuosamente. Arlete figurou como amante de um terceiro sócio e o ingênuo perdeu no jogo bem a metade da sorte grande, enquanto bebia o olhar da francesa. O lucro foi distribuído proporcionalmente com todo o rigor comercial.

Macieira prosperou e foi fazendo a sua carreira na política e nos arredores da política: gorjetas em concessões, advocacias duvidosas e o mais semelhante. Essa pequena anedota poucos conhecem, mas a sua ligação era quase pública.

Arlete ficou na vida do senador como um amuleto de felicidade; e a família a teve do mesmo modo, conformando-se a mulher com a existência da francesa nos hábitos do marido.

Macieira era insinuante, jeitoso, tenaz e prestativo e, com a patrulha avançada de Arlete, conseguia tirar da política o que esta não devia dar.

O caso da venda da Estrada de Ferro interessava à francesa, mas Macieira, que pedira votos, não deixava transparecer nenhum interesse. De resto, havia tantos empenhados no caso que não valia a pena gastar energia. Arlete, porém, não pensava do mesmo modo e não cessava, com o auxílio de Fuas Bandeiras, de trabalhar para que o Brasil se educasse na iniciativa particular, como dizia o jornalista.

Quem tivesse negócios, pretensões, requerimentos no Congresso, dentre as muitas outras influências decisivas, procurava logo a amante de Macieira. Os seus conhecimentos e relações se estendiam nas várias camadas sociais e recebia na rua cumprimentos discretos de pessoas importantes. Nem sempre o seu trabalho era remunerado; muitas vezes interessava-se por compaixão e por bondade.

Morava no Flamengo e tinha uma casa principesca e risonha, que saltava de um jardim bem tosado, olhando Jurujuba do outro lado. Recebia, dava pequenas festas, jogava-se em sua casa e muita moça de boa família teve desejos de ver suas salas.

Gostava do interior, sabia encantá-lo e aos criados, educava com um jeito peculiar, de modo a tê-los durante anos, sem queixas nem reprimendas.

Nas salas do seu chalé, muita cartada política foi jogada, muita traição foi combinada com segurança, pois, em geral, as suas visitas femininas eram de atrizes, cantoras e damas de semelhante natureza, estrangeiras em geral, tidas por doidivas

e mais do que doidivas, sem nenhum interesse pelos destinos do país.

Fuas e Macieira, com outros parceiros, entre os quais o mais assíduo era o major Crótalo, formavam lá, quase diariamente, uma mesa de pôquer, onde se jogavam contos de réis; e foi em uma dessas partidas que se decidiu adotar Bentes para ir contra a chapeada teimosia em que estava o “Velho” na candidatura de Xisto.

Fuas até interrompeu a partida, redigiu o manifesto ali mesmo, sobre uma secretária minúscula e arrumada de mulher chique, leu-o a Bentes, foi aprovado e, ao dia seguinte, publicado com sensacionalismo.

Arlete gostou que a sua casa se tivesse assim se tornado histórica e bendisse as **consequências** do fato, pois estava em oposição declarada, desde o veto ao projeto da venda da Estrada de Mato Grosso.

As suas esperanças todas estavam no governo de Bentes, mas, durante o intervalo que corria, ela não deixou de trabalhar em prol da iniciativa pública e particular.

Macieira a tinha deixado naquela manhã, sem mesmo almoçar, quando ela foi interrompida na leitura de uma brochura francesa. Anunciaram a ela a visita de uma senhora.

Foi vê-la e logo gostou daquela senhora bem apessoada, elegante, com uns sedutores olhos negros, moça ainda, que ficara de pé com tanta graça. A visita também gostou daquela velha francesa que se movia na sua sala com tanto esquecimento de que era dela mesmo.

— Minha senhora, eu sou a viúva do D. Lopo Xavier. Não sei se conheces?

— Conheci... Juiz, não era?

— Sim, minha senhora; e escreveu muito.

— Eu sei... Ouvi falar... Era homem de talento.

— Era, minha senhora; e, há quase um ano, requeri ao Congresso uma pensão. A senhora sabe; a aposentadoria é pequena... não deixou nada... Como a senhora tem alguns conhecimentos, eu...

— Não tenho lá grandes — disse a francesa sorrindo manso —, entretanto pedirei aos meus amigos...

— Se a senhora quiser, sou pobre...

— Sim... Sim... Eu me interesso, minha senhora. Descanse.

— Então posso contar com a boa vontade da senhora?



SCHREIER

— Pode.

A viúva Lopo Xavier pôs-se de pé com toda graça, ajustou a blusa na cintura e saiu agradecendo muito a bondade e o interesse de Mme. Arlete.

Lucrécio **Barba de Bode** sabia perfeitamente do valor dessa dama no ânimo de vários políticos, mas não quis incomodá-la, visto poder pedir diretamente a Macieira. O senador não gostaria que o fizesse e ele, cuidadoso em manter a boa vontade dos enfastiados, não os contrariava nessas pequenas coisas de temperamento.

Como Lucrécio não pudesse ir no dia seguinte à casa de Macieira, Bogoloff foi só. Lucrécio tinha passado toda a noite a impedir que fossem afixados, pelas esquinas da cidade, boletins em que se diziam duras verdades sobre Bentes; e, tendo falado a respeito com Macieira, o russo podia procurá-lo sem susto.

Foi recebido Bogoloff no gabinete de trabalho da casa de Santa Teresa. Havia uma mesa rica, cheia de gavetas, com talhes de marfim e, sobre ela, além de objetos próprios para escrever, um ou outro bronze. A mesa era trabalho antigo e de gosto. Havia também um armário envidraçado, meio cheio de livros. A obra menos conhecida que lá havia era a História dos Girondinos, por Lamartine, uma tradução portuguesa da casa David Corazzi.

Além desta encontravam-se no armário o César Cantu³⁶, alguns trabalhos de Direito Público Brasileiro e publicações oficiais. Não havia senão livros em português.

Sentado a uma cadeira, fumando preguiçosamente, Macieira parecia extremamente concentrado e recebeu o russo, não sem atenção, mas apreensivo, com poucas palavras, como se não quisesse perder o fio das **ideias**.

Temendo perturbar a marcha dos pensamentos daquele guia de povos, após os cumprimentos, Bogoloff sentou-se e encolheu-se em respeitosa reserva. Certamente, Macieira imaginava coisas poderosíssimas para a grandeza do Brasil; certamente pensava em algum problema nacional, atinente à agricultura, à indústria ou mesmo às relações internacionais do país; certamente, naquele instante, passavam no seu pensamento as condições de felicidade de toda uma população; e o russo calara-se para que suas parvas palavras não fossem de qualquer forma estragar a maravilhosa solução que o senador iria encontrar. Ficou arrependido de tê-lo procurado. Olhou du-

³⁶ Escritor e historiador italiano.

rante alguns minutos os dois quadros que havia na sala. Eram duas oleogravuras baratas em molduras caras, representando o nascente e o poente em alto-mar.

O senador tirou uma larga fumaça do charuto e a sua fisionomia fechada perdeu o ar de concentração. Disse então:

— Ah! Doutor! Esta política!

Repetiu depois de algum tempo, com uma lamentável expressão de desânimo, senão de desgosto, abanando a cabeça.

— Esta política! Esta política!

O antigo anarquista que Bogoloff era sentiu no momento uma certa admiração pelos homens de Estado. Com a visão que lhe veio ali das suas responsabilidades, das suas dificuldades, da necessidade do emprego, de inteligência e imaginação que necessitavam as medidas que punham em prática, veio também por eles um respeito que nunca se tinha aninhado no russo libertário. Sinceramente, ele lhe disse:

— O senador tem razão em estar preocupado, mas um homem dos seus recursos não pode desanimar. As questões mais difíceis se resolvem à custa de muito pensar nelas. Se não for hoje, será amanhã ou depois, e o povo brasileiro não perde por esperar uns dias.

Macieira não lhe respondeu logo. Levantou-se da cadeira e respirou com força como se desde muito a preocupação não o deixasse respirar. Era alto e pesado de corpo, tendo uma cabeça redonda e os cabelos embranqueciam devagar. Foi até a janela, atirou fora a ponta do charuto e respondeu:

— Ah! Bogoloff! Se fosse só o povo, não me preocupava tanto. Ele está habituado a esperar; mas se trata do Chiquinho e as eleições estão na porta.

Sentou-se, calou-se um pouco, e o russo não encontrou nada que lhe dizer. Após instantes, continuou, com voz lastimosa:

— Pobre Chiquinho! Tão amigo, tão dedicado, tão leal! Quer ser deputado e eu lhe prometi que o faria; mas não sei por onde! Pelo meu Estado não é possível, o Chico diz que a vaga que vai haver é para o Nunes. O Chico é muito caprichoso e eu não gosto de contrariá-lo. Já falei ao Machado, mas me mostrou a impossibilidade de me servir. A vaga do Castrioto, eleito governador, vai para o irmão do Bentes. O Nogueira disse-me que ia ver... Ah! Bogoloff! Esta política é uma burla. Sirvo todos e, quando quero que me sirvam, não me atendem.

E estendeu os braços para o crucifixo.

Bogoloff esteve muito tempo sem nada dizer, apesar de saber que não é conveniente calar-se diante dos poderosos. O silêncio é sempre interpretado mal. Ele conhecia muito pouco o Chiquinho, ou, antes: o Dr. Francisco Cotiassu, bacharel em Direito, com um emprego qualquer, e mais nada. Assim mesmo e sabendo o motivo da pressa em fazê-lo deputado, adiantou:

— Talvez ele pudesse esperar...

O senador disse quase irritado:

— Esperar! Como? Pois se vai se casar brevemente, como pode esperar? A fortuna dele é insignificante, e o emprego que tem rende a ninharia de novecentos mil-réis. Preciso fazê-lo deputado quanto antes... Havemos de ver.

A confiança trouxe-lhe o desejo de atender ao estrangeiro.

— Você quer um lugar, onde?

— No Fomento.

— Entende de alguma coisa?

— Entendo. Tenho até **ideias** especiais sobre a pecuária.

— Quais?

— Penso em criar porcos do tamanho de bois e bois que cheguem a elefantes.

— É maravilhoso! Como você procede?

— É uma questão de alimentação. As plastidas... Enfim: processos bioquímicos, já experimentados em outras partes, que aperfeiçoei.

— Bem, doutor. Vou recomendar você ao Xandu e lá você expõe as suas **ideias**.

Redigiu a carta com grande desembaraço e segurança; e Bogoloff saiu com uma recomendação **eloquente** e persuasiva. No mesmo dia não procurou Costale, o Xandu; Bogoloff quis degustar a maravilhosa impressão que recebera da meditação política. Se fosse ao ministério talvez ela desaparecesse, procurou-o ao dia seguinte na sua elegante Secretaria de Estado.

Esperou um pouco na **antessala** com pretensões a luxo e majestade. Havia um busto de Floriano e, pelas paredes, em telas médias, um prematuro retrato de Bentes e o de uma senhora, D. Anita Garibaldi, certamente uma glória italiana. Uma coleção de litografias ocupava grande parte de uma parede; eram os retratos dos ministros passados.

Pelas cadeiras, haviam aquelas fisionomias tristes das **antessalas** dos ministérios. Pobres e remediados, pretos e brancos,

mulheres e crianças, moços e velhos, todos aflitos, incertos, esperavam a graça do Estado quase divina. Uma atmosfera de angústia.

Os contínuos e oficiais de gabinete passavam sem pousar o olhar sobre nenhum dos circunstantes; gordos e bem trajados senhores surgiam por debaixo das divisórias e atravessavam a sala sorridentes; as campainhas soavam constantemente. Mme. Forfaible ondulante, no seu vestido impecável, apareceu por entre uma divisória e foi acompanhada até a porta de saída, por um secretário do ministro.

Bogoloff pode ouvir que ela dizia:

— Os paisanos são muito felizes; nós não temos disso... Meu marido...

E afastou-se não deixando que o russo pudesse ouvir o resto da frase. Bogoloff não estava mal vestido. Tinha adquirido uma sobrecasaca de sarja preta, um colete e calça da mesma fazenda, trazia a barba curta e usava chapéu de feltro. Não se separava do chapéu de chuva; e achou mesmo que esse objeto dá aos brasileiros um aspecto de respeito e ponderação. Começou a perceber que não seria tão cedo atendido e fez sua corte ao contínuo porteiro. Já desanimava, quando os seus olhos deram com Inácio Costa.

— Oh! Doutor! Que há?

— Precisava falar a S. Exa.

— Pois não... Entre! Estamos na democracia; os conselheiros já se foram. Estou no gabinete desde ontem.

O contínuo afastou-se; eles passaram e Bogoloff foi à presença de Xandu.

Sentava-se o ministro a uma mesa alta, ampla e torneada, inteiramente coberta de papéis, de livros. Nas suas costas, ainda um retrato de Floriano e, ao lado, a uma mesa menor, o secretário, que conversava com um oficial do exército.

Acolheu-o Xandu com uma certa frieza, mas, desde que leu a carta, fez-se prazenteiro e amável:

— Oh, doutor! Desculpe-me! Desculpe-me! Já me havia esquecido do senhor... Não sabe como ando atarefado. Hoje já assinei 1.557 decretos... Sobre tudo! Neste país está tudo por fazer! Tudo! Em dias, tenho feito mais que todos os governos deste país! Já assinei 2.725.852 decretos, 78.345 regulamentos, 1.725.384.671 avisos... Um trabalho insano! Fala inglês?

Numa e a Ninfa

— Não, excelência.

— Eu falo. Desde que o falei com desembaraço, as minhas faculdades mudaram. Penso em inglês, daí me veio uma reação que me interessou todo. Gosto muito de inglês, com sotaque americano. Experimente... Nascimento!, (gritou para o secretário) já temos aquele regulamento sobre a “postura” das galinhas?

Respondeu-lhe o secretário e voltou-se para o russo febril, nervoso:

— O que nos falta é o frio. Ah! A sua Rússia! Eu, se quero ser sempre ativo, tomo todo o dia um banho de frio. Sabe como? Tenho em casa uma câmara frigorífica, 8 graus abaixo de zero, onde me meto todas as manhãs. Precisamos de atividade e só o frio nos pode dar. Penso em instalar grandes câmaras frigoríficas nas escolas, para dar atividade aos nossos rapazes. O frio é o elemento essencial às civilizações... Mas, emendou a alta autoridade, ainda não lhe falei sobre seus planos. Macieira fala-me aqui das suas **ideias** sobre a pecuária. Quais são?

— São simples. Por meio de uma alimentação adequada consigo porcos do tamanho de bois e bois do tamanho de elefantes.

— Como? Mas, como, doutor?!

— Os meus processos são baseados na bioquímica e já foram experimentados em outras terras. O grande químico e fisiologista inglês Wells escreveu algo a respeito. Não conhece?

— Não.

— H. G. Wells, uma grande sábio inglês de reputação universal, cujas obras estão revolucionando a ciência.

— Não tenho notícia... É uma falha... O senhor tem livros dele?

— Tenho.

— Irá me emprestá-los. Mas... de forma que um boi dos seus, é?

— São quatro, Excelência. Veja só Vossa Excelência que vantagem não traz.

— Magnífico! É um milagre o seu método de criar. E o tempo de crescimento, doutor?

— O comum.

— É uma maravilha. No mesmo tempo, com um mesmo animal, o senhor obtém efetivamente quatro?

— É verdade.

— Quatro! Estás ouvindo, Nascimento?

O secretário respondeu ao Ministro e continuou mergulhado no expediente. O oficial tinha partido. Um contínuo veio lhe dizer qualquer coisa. O ministro mandou-o ao secretário.

— Doutor, o senhor é verdadeiramente mágico. Por que não me disse isto há mais tempo?

— Já lhe havia dito na casa do senador Neves Cogominho.

— Ah! É verdade!

— Não se resumem nisso, Excelência, as vantagens dos meus métodos.

— Ainda tem outros?

— Tenho, como não?

— Quais?

— Ainda consigo a completa extração dos ossos do meu gado.

— Completa?

— É um modo de dizer. Reduzo-os ao mínimo, quando chegar a época da matança, e os transformo em carne no animal vivo.

— Que gado lhe serve?

— Qualquer! Suíço, francês, inglês... Não faço questão; o essencial é haver boi.

— E os porcos?

— Também! Qualquer!

— Extraordinário! Estás ouvindo, Nascimento? — gritou para o secretário.

O acolhimento que dispensou aos seus projetos o excelentíssimo senhor ministro do Fomento Nacional animou o russo a improvisar novos processos que levantassem a pecuária no Brasil. Xandu, com o cotovelo direito sobre a mesa e a mão respectiva na testa, considerava Bogoloff com espanto e enternecido agradecimento.

— Ah! Doutor! — disse ele. — O senhor vai dar uma glória imortal ao meu ministério.

— Tudo isso, Excelência, é fruto de longos e acurados estudos.

Xandu continuava a olhar embevecido o russo admirável; e este falava com toda convicção.

— Por meio da fecundação artificial, Excelência, injetando germes de uma em outra espécie, consigo cabritos que são ao mesmo tempo carneiros e porcos que são cabritos ou carneiros, à vontade.

Xandu mudou de posição, recostou-se na cadeira; e, brincando com o monóculo, disse:

— Singular! O doutor vai fazer uma revolução nos métodos de criar! Não haverá argumentos contrários quanto à possibilidade, à viabilidade?

— Nenhum, Excelência. Lido com as últimas descobertas da ciência e a ciência é infalível.

— Vai ser uma revolução!...

— É a mesma revolução que a química fez na agricultura. Penso assim há muitos anos, mas não me tem sido possível experimentar os meus processos por falta de meios; entretanto, em pequena escala já fiz.

— O quê?

— Uma barata chegar ao tamanho de um rato.

— Oh!... mas não tem utilidade.

— Não há dúvida. Uma experiência ao meu alcance, mas logo que tenha meios...

— Não seja essa a dúvida. Enquanto eu for ministro, não lhe faltarão. O governo tem muito prazer em ajudar todas as tentativas nobres e fecundas para o levantamento das indústrias agrícolas.

— Agradeço muito e acredite que ensaiarei outros planos. Tenho outras **ideias**.

— Outros? — fez em resposta o Xandu.

— É verdade. Estudei um método de criar peixes em seco.

— Milagroso! Mas ficam peixes?

— Ficam... A ciência não faz milagres. A coisa é simples. Toda a vida veio do mar, e, devido ao resfriamento dos mares e à sua concentração salina, nas épocas geológicas, alguns dos seus habitantes foram obrigados a sair para a terra e nela criarem internamente, para a vida de suas células, meios térmicos e salinos iguais àqueles em que elas viviam nos mares, de modo a continuar perfeitamente a vida que tinham. Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu, eliminando, porém, o mais possível o fator tempo, isto é: provooco o organismo do peixe a criar para a sua célula um meio salino e térmico igual àquele que ele tinha no mar.

— É engenhoso!

— Perfeitamente científico.

Xandu esteve a pensar, a considerar o tempo perdido, olhou o russo insistentemente por detrás do monóculo e disse:

— Não sabe o Doutor como me causa admiração a coragem de suas **ideias**. São originais e engenhosas e o que atinge um pouco essa minha admiração é que elas não partam de um nacional. Não sei, meu caro doutor, como é que nós não temos dessas ousadias! Vivemos sempre presos à rotina! Pode ir descansado que a República vai aproveitar as suas **ideias** que certamente enriquecerão a pátria.

Ergueu-se e trouxe Bogoloff até a porta do gabinete, com seu passo de reumático.

Dentro de dias, Gregory Petrovich Bogoloff era nomeado diretor da Pecuária Nacional.

VII

Houve quem se zangasse com os estrangeiros que perguntavam lá nas suas terras se aqui nós andávamos vestidos; e concluísse daí a lamentável ignorância dos povos europeus. Essa irritação trouxe aos nossos dirigentes, diplomatas e gente do mesmo feitio de espírito a necessidade de pensar em medidas que levassem os franceses a ter uma mais decente reputação de nós mesmos. Aborrecia-se essa gente tão bonita, tão limpa, tão elegante, que não vissem o Brasil nela, mas nos índios nus, nas serpentes, nas florestas e nas feras. Era um erro claro de geografia que precisava ser emendado de vez e apagado do espírito estrangeiro, essa feição tão deprimente para a nossa pátria. Há quem pense que daí não vem mal algum; que a representação de um país na imaginação de outro povo será sempre inexata; e na de um país de segunda ou quarta ordem, feita por estranhos, há de dominar forçosamente o aspecto mais nitidamente diferente que ele possuir.

Outra fonte de irritação para esses espíritos diplomáticos estava nos pretos. Dizer um viajante que vira pretos, perguntar uma senhora num “hall” de hotel se os brasileiros eram pretos, dizer que o Brasil tinha uma grande população de cor eram causas para zangas fortes e tirar o sono de estadistas aclamados. Ainda aí havia um lamentável esquecimento de um fato de pequena observação. Certamente concordarão esses cândidos espíritos diplomáticos que o Brasil recebeu durante séculos

muitos milhões de negros e que esses milhões não eram estéreis; concordarão que os pretos são gente muito diferentes dos europeus; sendo assim, os viajantes pouco afeitos a essa raça de homens irão se impressionar com eles.

Os diplomatas e jornalistas que se sentiam ofendidos com a verdade tão simplesmente corriqueira esqueciam tristemente que por sua vez a zanga ofendia os seus compatriotas de cor; que essa rezinga queria dizer que estes últimos eram a vergonha do Brasil e seu desaparecimento uma necessidade.

Os viajantes remunerados, dessa ou daquela forma, pelo tesouro, nas obras e artigos que publicavam, tinham sempre o cuidado de dizer que não havia mais febre amarela e o preto desaparecia. Um houve que teve intensas alegrias quando não viu negros no porto de Santos e levou essa novidade ao mundo inteiro, por intermédio de seu livro.

Os nossos diplomatas e simpáticos a esse tolo e irritante feitio de pensar quiseram apoiar a sua vaidade em uma filosofia qualquer; e combinaram as hipóteses sobre as desigualdades de raça com a seleção guerreira, pensando em uma guerra que diminuísse os negros do Brasil.

Não podendo organizar uma verdadeira “reserve for the blacks³⁷”, decretar cidades de resistência, estabelecer o isolamento “yankee”, pensaram na guerra em que morressem milhares de negros, embora ficando as negras a parir bebês brancos.

Não convém discutir o valor de semelhante propósito e demonstrar esse projeto dos nossos diplomatas com peças oficiais seria vão. Há manifestações desse espírito nos jornais e fora deles; e elas indicam perfeitamente esse pensamento oculto, esse desejo dos nossos homens viajados e influentes.

Por momentos, esse espírito influenciou grandemente nossa administração e quis concluir a sua obra de embelezamento de cidades, organizando um exército para a guerra futura. Necessitou de uma figura de um general. Os que haviam se notabilizado no Paraguai tinham desaparecido, e os velhos oficiais que tinham por lá passado estavam cansados. Sabe toda a gente que quando um grupo social tem um pensamento fortemente comum e deseja realizá-lo, inconscientemente procura um indivíduo em que encarná-lo e por ele executar o seu desígnio. Nos generais que **frequentavam** os grupos políticos e próximos, havia a esperança.

³⁷ “Reserva de negros”, ou uma área reservada aos negros.

Era um comandante, simplesmente comandante, minucioso na administração do seu batalhão, mas com cujo auxílio os jovens oficiais, tendo nos olhos o exemplo dos países militares, julgaram ser possível criar um exército à prussiana. No seu temperamento, na sua personalidade facilmente impressionável, manipulável e maleável, que não guardava impressões e não fazia com elas um “eu” seu, um pensamento próprio, era fácil fazer absorver essas sugestões e representar ele o papel. Os políticos levaram-no às alturas da carreira e da administração; e os jovens militares fizeram-no organizar espetaculosas manobras e tomar atitudes guerreiras.

Com o ascendente dos diplomatas, nesse instante aliados aos guerreiros, Bentes ganhava prestígio e parecia ir ser o executor do pensamento de ambos os grupos. Há, porém, entre os militares, uma corrente mais forte que a daqueles que querem um exército adestrado, automático, garboso³⁸ e eficiente; é a dos políticos. Não que eles sejam eleitores ou deputados; o que eles são é crentes nas virtudes excepcionais da farda para o governo e para a administração. A farda, a longa e pesada tradição que representa e evoca, promete muito a todos que a vestem; e os militares não pesam os meios de que dispõem para realizar esse muito que lhes é prometido. Para eles, o uniforme dá qualidades especiais; todos são honestos, todos são esclarecidos, todos são enérgicos. A tradição de Floriano, sempre mal analisada e sempre falseada em grandeza e poder, muito concorre para isso e faz repercutir no povo a concepção quarteleira.

Há até doutrinadores afirmando que os grandes fatos políticos e sociais do Brasil têm sido realizados por militares. O Exército, escrevem eles, tem levado este país às costas. Ainda não havia Exército brasileiro, pois ainda o Brasil não era independente, e já aquele fazia a Independência com as milícias paisanas. A abolição foi feita porque um tenente não quis apanhar escravos fugidos. É bem possível que esse oficial não o quisesse fazer por espírito de casta ou classe; que julgasse talvez incompatível com a dignidade de seu ofício semelhante diligência; mas os teóricos não se detêm. O que aconteceu foi o que se daria hoje se se mandasse o Exército executar as funções de polícia. Parece.

Justificada vagamente a excelência da política dos militares, não é de admirar que tal convicção se haja solidificado

³⁸ Primoroso, distinto, perfeito.

SCHREIER



nos espíritos, tanto mais que os doutrinadores especiais não têm merecido a crítica que exigem. Lamentavelmente não se tem mostrado a eles que a sua teoria no que se refere ao Brasil tem vícios incuráveis; e no que toca ao mundo esquecem a consideração que durante muito tempo não houve militares nem civis e a casta dominante, donde saíam os governantes, era a de guerreiros.

Popular entre os militares a doutrina, pondo na ascensão de um deles ao poder grandes esperanças de resolver pequenas dificuldades, não é de espantar que Bentes, prestigiado pelos diplomatas, gabado³⁹ nos jornais, se fizesse em pouco tempo o chefe primordial que não existia. Com uma docilidade espantosa, foi ao encontro das sugestões e as acatava. Um jornal, pela escrita de seu cronista militar, por ocasião de uma revista, disse que Bentes, a cavalo, pequeno busto, era bem um qualquer general japonês. Bentes gostou da lembrança, e, como esse general tivesse o vício do havana que não largava da boca, esforçou-se ele também por não largá-lo dali em diante.

Bem cedo, aliaram-se os militares políticos e os organizadores da nação armada em torno da figura que nascia toda inteira do pensamento diplomático. Sob o pretexto de reorganização, alargaram os quadros, fizeram-se centenas de promoções, e esse alargamento dos quadros era justificado pelo sorteio militar.

A oposição foi grande e não houve expediente, por mais inconfessável que fosse, que os interessados não empregassem para arrancar a lei inconstitucional da facilidade do Congresso e da timidez do presidente.

Feitas as promoções, criadas as repartições em que os militares se fizeram plácidos burocratas, a popularidade e prestígio de Bentes no Exército foram os de um general vitorioso que tivesse repellido o invasor.

A criação dos diplomatas, porém, ia tomar outro rumo; o selecionador da população não queria mais o papel. Julgou-se estadista, ficou convencido que o era, graças aos crescentes sinais místicos do seu anúncio. O despeito dos políticos com a candidatura de Xisto foi ao encontro do apocalipse militar; e Bentes pesou na escolha do sucessor presidencial com uma revolução na retaguarda.

A primeira impressão que se teve foi de espanto. Aquele motim branco, aquela revolução de palácio não estava nos

³⁹ Elogiado, louvado.

nossos hábitos. Ninguém tinha percebido esse lento trabalho oculto; ninguém tinha notado e não notava as interferências dos diversos espíritos dos grupos que Bentes representava e o seu ato foi no ar, espantando e aterrando, como se fosse um braço que se agitasse no espaço sem inserir-se em um corpo qualquer.

Depois, passado o espanto, houve a irritação causada com aquela súbita fortuna. A opinião só as admite assim, as de dinheiro; mas as outras, que ela está habituada a ver obtidas lentamente, passo a passo, quando o são de outra forma, chocam e ferem as noções que o consenso geral já tem firmes no espírito.

O povo esquecia todos os seus defeitos, todas as suas insuficiências, se a ascensão fosse feita aos poucos, normalmente, sem violências disfarçadas e coações meio confessadas; e a irritação da multidão, da opinião, descarregou-se, transformou-se em riso, em riso sarcástico, como sabe sempre rir a massa, dos tiranos que são ao mesmo tempo tiranizados.

Não foram todos os políticos que o aceitaram; foram alguns chefes, um dos quais era Macieira, que viu logo como podia aproveitar a situação; e Bastos, apesar de toda a sua força aparente, admitiu-o, aceitou-o, por uma consideração de defesa e conservação pessoais. Neves Cogominho e os outros homologavam a escolha, e todo o esforço destes foi simular que o fizeram com liberdade e convencer Bentes que muito lhes devia.

Solicitado por uma corrente de interesses, solicitado por outra contrária, Bentes oscilava doidamente, como um espantalho sob o vendaval. Os adeptos, sem se entenderem entre si, só se compreendiam na bajulação desenfreada, com que incensavam o feitiço — bajulação que crescia em proporção aos ataques.

Políticos aposentados e esquecidos, agitadores infelizes foram trazidos à tona e, do exagero de adulação, **penitenciavam-se** todos troçando na intimidade o ídolo que tinham criado.

Um antigo político gabou a ignorância como fecunda no governo, firmando mesmo a sabedoria como prejudicial ao país; e Inácio Costa, em conversa com Benevenuto, confirmou a sentença:

— Soberania? Bacharelismo?... Nada! Nada!... Acabamos com essa “pedantocracia” bacharelesca⁴⁰.

Benevenuto disse-lhe então, pacientemente:

— Inácio, queres ouvir uma história? É uma lenda que corre

⁴⁰ Governo de bacharéis pedantes.

entre os Fellahs⁴¹. Como tu sabes, são supostos representantes dos contemporâneos dos Faraós. Contam eles que, por ocasião da conquista pelos árabes, o escriba Hué-Tep despertou do túmulo. São casos que se passam **frequentemente** nessa vasta necrópole que é o Egito. Hué-Tep ergueu-se do túmulo, tirou a sua máscara funerária e viu toda a brutalidade de Omar e seus sequazes. Reparou que não gostavam dos rolos de papiros⁴² e não tinham em grande conta o seu velho saber de estilizar em belos caracteres demóticos⁴³ os grandes fatos das dinastias. Hué-Tep, ressuscitado do túmulo por aquele tropel, não sabia como viver. Tinha uma língua tão diferente e os recém-chegados odiavam a escrita. Como havia de ser? Estava pensando, já fora do túmulo e sentado sobre a extremidade de granito, quando um líder árabe, com a cabeleira untada de graxa, aproximou-se e perguntou-lhe:

— Que fazes, meu velho?

— Vim de entre os mortos e não sei o que devo fazer.

— Quando vivias, o que fazias?

— Escrevia; era escriba de Phon-Chué, ministro do poderoso Amenem-Set.

— Isto está fora de moda. Não vês por que o Egito com os seus três impérios desapareceu? Foi a escrita... Nada de escrita. Fora os preparados.

E logo o escriba da maravilhosa letra ficou convencido dos malefícios que a sua habilidade representava e seguiu o líder, que lhe dava tâmaras e mel de vez em quando.

O escriba Hué-Tep, que só fora estimado pelo seu saber e pela sua linda letra, começou a aconselhar a quebra dos monumentos e a queima das bibliotecas; e foi por isso, dizem os Fellahs, que o Egito ficou estéril.

— Eu sei, doutor. Eu sei... Mas esse saber aí não é saber que valha.

— Mas qual é o teu saber, Inácio?

— É a ciência positiva... Não admito essa jurisprudência, esse Direito.

— Por quê?

— Porque não é positivo.

⁴¹ Povo árabe de origem egípcia.

⁴² Manuscrito antigo, gravado sobre uma folha chamada de papiros. Criada pelos egípcios foi o principal suporte da escrita na Antiguidade.

⁴³ Língua falada pelos antigos egípcios.

— Quem diz que o teu é?

— Doutor, o senhor é um metafísico... Não se pode conversar com o senhor. Nós precisamos, doutor, de aperfeiçoamento moral; e devemos ter por principal objetivo a incorporação do proletariado à sociedade moderna.

Quase sempre Benevenuto, depois do jantar, vinha àquele Café espaiar e conversar com um e outro conhecido. Não tinha companheiro certo, mas era raro que encontrasse Inácio Costa. Às noites, raramente este saía de casa; mas, por aquela época de grande atividade política, ele as aproveitava para ir a esta ou àquela casa de pessoa influente, principalmente à de Bentes, que vivia cheia. De resto, quando o não fazia, corria os cafés, as redações dos jornais, buscando novidades, num temor constante que Bentes se evaporasse de uma hora para outra.

O primo de Edgarda encontrara ali Inácio e estavam conversando amigavelmente, quando Lucrécio aproximou-se da mesa e, de pé, apoiado ao guarda-chuva, disse sem mais cumprimentos:

— Sabe... com licença, doutor... mataram o Zeca Boneco.

A Benevenuto pareceu que se tratava de alguma relação de Inácio, mas este indagou com indiferença.

— Quem é?

Lucrécio tinha nas faces o temor estampado e, de vez em quando, olhava os lados cautelosamente.

— Um rapaz... Um rapaz dos nossos... amigo do Totonho.

— Quem foi?

— O povo!

Barba de Bode pronunciou esta palavra e respirou aliviado; Benevenuto levantou-se e foi passar o resto da tarde em lugar menos povoado de novidades políticas.

Lucrécio sentou-se e contou os pormenores da execução popular. Zeca era antigo aprendiz de marceneiro. Alistara-se no bando de Totonho, fizera diversas desordens e mesmo mortes. Tinha andado sossegado um pouco, devido à polícia; ultimamente, porém, voltara mais terrível. Extorquia dinheiro a todos do bairro, de revólver em punho, especialmente dos negociantes, gostando também de fazê-lo alta noite aos jogadores felizes. As queixas eram muitas, a polícia o prendia, mas sempre o Dr. Campelo ou Totonho soltavam-no. Naquela noite, no largo do Machado, intimara um cocheiro de carro a dar-lhe algum dinheiro. O “Capote”, tal era o apelido do cocheiro, não concordara e Zeca matara-o a facadas. Perseguido pelos colegas do morto,

outros populares se vieram a juntar e, quase em frente ao palácio do Catete, fora morto a tiros de revólver.

— E a polícia? — perguntou Inácio.

— A polícia não pode nada.

Inácio não viu bem como legava esse acontecimento ao destino da candidatura de Bentes. Pareceu a ele ver naquela atitude dos populares alguma coisa de mais efetivo na manifestação de sua opinião; e notem que Lucrecio estava amedrontado, assustado, como se o povo estivesse gritando sempre: “Mata! Mata! Lincha!”.

A notícia desse fato teve uma grande repercussão na cidade. As proezas do assassinado, arroladas pela polícia e não punidas, que os jornais publicaram, deram aos habitantes a **ideia** de que estavam à mercê do mais valente. Mesmo a frouxidão das autoridades em apurar tão grave fato indicava que se julgavam felizes por se verem livres do pesadelo que o desordeiro representava; e, se assim era, se não tinham procedido contra ele na forma da lei, denunciavam que estavam coagidos, manietados, deixando a fortuna, a honra, a segurança de cada um entregues à ira dos desalmados de que a polícia precisava para aterrar, asfixiar a opinião e as consciências.

Numa, na manhã seguinte, conforme o seu hábito, depois de ter tomado café, propôs-se a ler os jornais. Com os acontecimentos, a sua leitura era mais descansada e curiosa, **estendendo-se** a jornais de todos os matizes e feições.

Os periódicos efêmeros, as revistas de comentário, ele os lia ou fazia a mulher lê-los, cauteloso como andava em investigar a marcha dos fatos, em precaver-se contra as intrigas, em descobrir de que forma os seus colegas, no entusiasmo pela candidatura do general, enxergavam a sua situação política.

Amanhecera chovendo, um chuvisco fino e que caía em intervalos. O dia era indeciso. As árvores tinham um verde contente e as montanhas estavam encobertas. A velha D. Romana, que raramente se interessava pelos acontecimentos, veio perguntar a Numa:

— Doutor, estão matando gente na rua?

Ficou entre os umbrais da porta. Como que a velha tinha medo de avançar e perguntava com toda a sua forte e boa velhice:

— Doutor, estão matando gente na rua?

Numa abaixou a folha e respondeu com acanhamento

àquela pergunta em que havia algo de censura maternal:

— Não... Não... Um desordeiro... Não foi nada, D. Romana; isso acontece em toda a parte.

A velha ficou ainda alguns instantes de pé, olhando o marido da neta sem dizer palavra, mas a interrogá-lo com os olhos. Numa evitava olhá-la e os encargos domésticos chamaram-na ao interior da casa.

Não se espantou o legislador com o caso, mas sentiu no ato dos populares um desaforo, uma insolência. Governo é governo; e se protegia o homem...

A mulher veio tomar café na sala em que o marido lia os jornais. Já sabia vagamente do fato e perguntou:

— Numa, que fuzilamento é esse que os jornais trazem?

— Um caso à toa... Um sujeito matou outro e o povo matou-o.

— Por quê?

— Por quê? Porque matou o outro.

Acabando de tomar o café, Edgarda olhou os jornais e leu o fato. Não tinha, como o marido, prática desses atos de política e não sabia que esta exigia tanto. A sua impressão foi de desmoronamento. Tudo caía, a lei, a ordem, a autoridade; e na barbaridade dos entrechoques de paixões, a paixão irrefletida da multidão teria de dominar... Acertaria sempre? Teria acertado? Por que aquele vagabundo saqueava em pleno Rio de Janeiro? Por quê? Era a política, era Campelo que garantia sua impunidade e, mais alto, os protetores de Campelo dando a ele mão forte e prestígio... Se o Estado é uma coação organizada, essa coação cessava por ausência do próprio Estado... Era o ruir de tudo... Onde nos levaria tudo isso?... A sua colaboração não seria criminosa? Tinha direito perante a sua própria consciência de contribuir para semelhante ruína? Sentiu perfeitamente que este afrouxamento da lei e da autoridade tinha por fim recrutar dedicações aos ambiciosos antipáticos à opinião.

A coação legal do Estado fizera-se, para uma mascarada eleitoral, ameaça de valentão... No desejo de fingir que Bentes era desejado, os aparelhos de compressão governamental não tinham o cinismo de impô-lo à força de baionetas. Disfarçavam com conversas, simulavam uma escolha regular; era a homenagem que o vício prestava à virtude. Como a opinião não se revoltava? Tinha medo?... Parecia impossível, mas se não tivesse... Crime maior lhe pareceu a coação que se fazia à consciência da nação.

Com que direito? Em nome de quê? Não eram interesses secundários que se sobrepunham, com baionetas, pistolas, facas, à manifestação de vontade de um país inteiro? Não era um sindicato profissional que queria tirar de Bentes os lucros de seu monopólio? A maldição viria sobre ele e sobre ela também que, por simples vaidade, não falava claramente... Mas, se fizesse, que havia de ser, que adiantaria? Numa não voltaria deputado; ela não seria a esposa do **eloquente** parlamentar; as outras não a olhariam com respeito e a sua fortuna não teria essa moldura; seria a fortuna vulgar, corriqueira, da mulher de um negociante qualquer.

— Esse caso vai ter eco na Câmara — disse ela.

— Penso também. A oposição vai aproveitá-lo e fazer um cavalo de batalha. Não me meto na discussão.

— Não faça isso... É bom sempre dar uns apartes... Naturalmente vão censurar a polícia.

— Que polícia! Você não reparou que o homem é protegido do Campelo! Vão censurar a todos nós, atacar-nos.

— Os comentários de Fuas encaminham um pouco a opinião que você deve ter. Você leu?

— Li e já sei dos casos que tem havido em outros governos.

— Os oposicionistas podem achar certas diferenças.

— Quais são?

— É que o de hoje vivia a extorquir dinheiro à mão armada, desde que o “Velho” deixou o governo, com ciência e aviso à própria polícia que não tomou providências. Você não acha?

— Que tem isso?

— Você sabe bem... Você não está na Câmara? A polícia não tomou providências porque vocês...

— Nós? Eu, não.

— O partido de vocês...

— Campelo.

— Sim, Campelo o acoitava.

A mulher retirou-se e Numa um instante considerou a gravidade dos fatos. A ausência deles, os políticos, tinha afrouxado, senão cortado, todos os laços sociais. Ficou surpreendido por ter verificado isso, ele que, em Catimbao julgava irrelevante essas coisas de assassinatos...

Na sala em que estava, ouviram longinquamente os ruídos das ruas, os zumbidos dos elétricos, o buzinar dos automóveis, o pegão dos mercadores, mas, assim mesmo, sentia a palpitação

do Rio de Janeiro, capital do Brasil, cheia de comodidades, mas de oposição e de crítica.

Embora no lugar em que estava não visse o portão, Numa teve **ideia** de que ele fora aberto. Devia ser uma visita. No começo eram raras; mas, ultimamente, se multiplicaram. Não havia projeto em que o seu voto não fosse solicitado por uma meia dúzia de empenhos. Muitas vezes, os pedidos eram contrários à sua disciplina partidária, e negando-se a atendê-los criava antipatias. Como queriam que fossem independentes? De um lado, o partido, e de outro, os interessados? Como havia de ser? Para não errar, para a sua segurança, votava sempre com o partido.

Os jornais e o povo debochavam do Congresso, faziam duras críticas a ele e cobriam os deputados de adjetivos os mais desprezíveis. Não se entendia o povo! Dizia isso, proclamava a inutilidade do Parlamento, desmoralizava-o; entretanto, queria que resistisse aos assaltos, às ameaças do poder. Estariam os deputados muito avisados se seguissem seus conselhos. Seriam tocados da Câmara, expulsos, e então não valeria mais nada o Congresso.

A vista entrou; era Mme. Forfaible. Edgarda acompanhava a generala e conversavam muito. Numa teve pressentimento que ela vinha interessar-se pelo projeto das desacumulações. Que diabo! Não sabia como votar!... O governo, uma hora fazia questão, outra dizia dissimuladamente que vetaria... Temia incompatibilizar-se e ficar incompatível, tanto mais que Bentes parecia ser contra. Tinha mesmo dito: “Eu sou pelas desacumulações bem entendidas”.

A senhora entrou e toda a sala animou-se com a sua presença.

— Doutor, bom dia! Já sabe da última novidade? O Comensoro casa-se com a copeira da pensão. Esse Comensoro, Edgarda, é muito engraçado. Você sabe como foi o casamento dele? Vou contar. Ele pinta os bigodes. Outro dia, não tendo tempo de pintá-los completamente, saiu com a metade do bigode branco. Na sala, ao tomar a escada, alguém disse: “Coronel, o senhor está com o bigode sujo; A menina, a noiva, a copeira...”.

— Não era copeira, Anita — disse Edgarda.

— Enfim, a noiva observou por aí: “Não é verdade dizer que a metade do bigode do coronel está suja; o que ela está é limpa”.

— Por isso casou-se? — perguntou Numa.

— Por isso. Vai comer bons quitutes, certamente.

- Como você sabe disto, Anita?
- Eu não sou muito própria para saber, mas certamente Comensoro não será também. Está tão velho...
- Nem tanto — disse Numa.
- No almanaque; a igreja talvez não seja da mesma opinião... Doutor, outra coisa: preciso do seu voto para serem rejeitadas as tais desaccumulações. Manoel não pode viver sem os vencimentos de professor...
- Minha senhora...
- Olhe, doutor, nós ficamos inimigos...
- O povo...
- Que tem o senhor com o povo? O povo não vale nada... Não vê como ele não quer Bentes, como se pudesse ter opinião dessas coisas. Não acha, Edgarda?
- Olha, Anita, eu não sei bem se ele pode ter ou não.
- Você é socialista. Não sei como você, filha de senador e mulher de deputado, pode ter **ideias** tão estrambóticas. Então, doutor, como vota?
- Minha senhora...
- Seja franco: como vota?
- Depende.
- Edgarda, como vai votar teu marido?
- Isso é lá com ele; não tenho nada com isso.
- Pois olhe, minha filha, não é o que dizem por aí. Numa e Edgarda entreolharam-se, e Mme. Foirfable insistiu:
- Quero uma resposta, doutor.
- Minha senhora, voto com o líder.
- Está bem. Você sabe, Edgarda, vim só com o café...
- Você quer almoçar comigo?
- Não. Falar em almoçar... Você sabe quem me convidou a jantar com ele há dias, em “tête-a-tête⁴⁴”?
- Quem?
- O Albuquerque. Não conhece, doutor? O poeta Albuquerque...
- Conheço. Recita muito bem.
- Ele convidou e você aceitou? — perguntou Edgarda.
- Quase! Albuquerque está fazendo um poema... Você não gosta dos versos dele?
- Não são maus. Por que você não jantou com ele?
- Que diriam?

⁴⁴ Face a face, ou olho no olho.

— Ah! — fez Numa vitoriosamente. — Aí, a senhora respeita a opinião...

— Sim, mas para fazer um presidente da República, **precisa-se** saber a opinião do carneiro⁴⁵, do padeiro, do vendedor de jornais, do tripeiro? Ora!

Numa, nessa questão de acumulações, sabedor como era grande o número de pessoas a que ela interessava, tinha procurado sondar a opinião de muita gente. Em Fuas, não pudera descobrir estrela que o guiasse. As suas opiniões, tanto por escrito, como pronunciadas, eram cheias de duplicidade, de evasivas, de restrições. Todas elas admitiam que o cidadão tivesse dois ou mais empregos quando fossem de natureza técnica, quando não houvesse capacidades senão em um indivíduo para **preenchê-los**. Fazer tais restrições era continuar a manter as acumulações. Por que, então, querer a solenidade de uma lei especial? Fuas, que era esperto, podia bem orientá-lo; Numa, porém, não gostava da sua intimidade. Ele o tratava com uma condescendência superior, como se fosse Fuas o legislador, o deputado. Se bem que precisasse dele, essa atitude do jornalista feria-o e **tirava-lhe** a sutileza nas perguntas, as lâbias para surpreender-lhe a opinião. Na verdade, Fuas pouco se incomodava com a questão; os seus interesses se haviam voltado para Bogoloff.

É caso que o diretor da Pecuária Nacional, logo que tomou posse do seu lugar, procurou Xandu, com quem teve uma conferência, na qual mostrou a necessidade de dar começo às experiências dos seus processos de fazer um boi quatro e fabricar carneiros que fossem ao mesmo tempo cabritos.

— Não há dúvida, doutor, organize o seu plano — disse Xandu com toda a segurança. — Exponha o que necessita, pois aqui estou eu para fornecer os meios. O doutor compreende perfeitamente que tenho o máximo empenho em levar avante esse empreendimento, não só porque é de um valor científico extraordinário, como também oferece aspectos práticos de alcance transcendente. Demais, a glória que lhe couber também será partilhada pelo meu ministério...

Consertou o monóculo e continuou com calor:

— Sou pela prática da atividade útil. Hoje, por exemplo, tenho que assinar 2.069 decretos e levo ao presidente 412 regulamentos, entre os quais um sobre a postura de galinhas, que lhe vai agradar muito... Não se dedica à avicultura, doutor?

⁴⁵ Açougueiro.

— Não; mas os meus processos são gerais, destinam-se a toda espécie da criação de animais. Havemos de **experimentá-los**, se V. Exa. me fornecer os meios necessários.

— Não há dúvida. Faça o orçamento.

Não se demorou muito Bogoloff em organizá-lo com todo o capricho. Nele, além de muitas coisas, exigia dez auxiliares hábeis, práticos e sabidos na bioquímica, os quais deviam ser contratados na Europa; exigia também um numeroso pessoal subalterno; pedia uma fazenda e uma grande verba para material e aparelhos.

Só em pessoal gastavam-se quatrocentos contos e outro tanto com a fazenda, aparelhos e material. Fuas, sabedor do caso, pôs algumas observações no seu jornal, sobre a criação da Estação Experimental da Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois. O russo procurou-o, os comentários cessaram e Fuas ficou encarregado da aquisição da fazenda, material e aparelhos.

Vencido esse pequeno tropeço, Bogoloff procurou o ministro, a quem apresentou o orçamento.

— Não lhe posso dar resposta já, meu caro doutor. Estou muito atrapalhado... Nesse país está tudo por prover e eu trabalho dia e noite. Nunca teve ministros e um que vem com disposições de trabalhar esgota-se em pouco tempo... Imagine que não pude tomar hoje o meu banho de frio, tanto estou atrasado!... Um dia em que não o faço, volto a ser o brasileiro mole que os senhores conhecem... Assim mesmo já assinei 382 decretos e organizei 49 regulamentos... Ah! doutor! Esse Brasil precisa de frio, muito frio!

Despediu-se Bogoloff do homem tão ativo e voltou ao seu gabinete de Quadruplicação de Bois, que era no próprio edifício da secretaria. Fuas esperou o resultado durante um mês e o trabalho do russo na Direção da Pecuária Nacional limitava-se, durante esse tempo, tão somente assinar os registros de estábulos e cocheiras da cidade.

Fuas Bandeiras desesperou e foi tratar de outros negócios; mas Bogoloff, que era mais persistente, esperou pela decisão de Xandu. Houve um dia em que o ministro o chamou e falou-lhe a respeito da sua pecuária intensiva:

— Li o seu orçamento e a sua exposição. Muito bons, ambos! O orçamento está um pouco salgado. Por que o senhor quer um laboratório de química tão completo?

— V. Exa. compreende — disse-lhe o doutor russo — que



os nossos processos se baseiam na bioquímica; daí essa necessidade.

— Não há dúvida, concordo; mas o doutor podia bem dispensar a fazenda.

— E os meus bois onde viveriam? Não acha V. Exa. necessário pastagens?

— O seu método não se baseia na alimentação artificial, doutor?

— Baseia-se na superalimentação química.

— Pois então? O seu gado podia até ser criado em uma sala.

— Isto podia dar-se se fosse um ou dois, mas muitos não é possível. Demais, não abandono inteiramente os métodos comuns de alimentação. Não é possível!

— Não há dúvidas, doutor! O senhor sabe que o governo está em economias e não pode atendê-lo. Em todo o caso o Estado tem uma casa disponível com um razoável quintal, à rua Conde de Bonfim, e em pequena escala, o senhor podia experimentar. Vá ver a casa.

Inútil é dizer que Bogoloff não tinha nenhum interesse em pôr em prática as suas fantásticas **ideias**. Foi ver a casa e fez um relatório completamente desfavorável. Nem outro podia ser. A casa era um pardieiro arruinado e o quintal tinha para pastagem algumas touceiras desse capim a quem chamam "**pés-de-galinhas**". O ministro o aconselhou:

— Doutor, não se aborreça. Ninguém mais do que eu conhece as vantagens do seu processo, a barateza que ia trazer para um gênero de primeira necessidade, mas o governo está em apuros, está cortando as despesas... Sinto muito, mas... Olhe: faça como eu, escreva regulamentos... Se não quiser... Se não quiser, aconselho que se ocupe com o expediente ordinário de sua repartição e espere um pouco.

Bogoloff viveu assim feliz e **tranquilo**. Os cruéis acontecimentos que o envolviam não despertavam nele os ardores generosos da primeira mocidade, que tanta amargura havia sofrido. Nascera em Kazan, na Rússia, onde seu pai tinha um "sebo" que lhe dava os poucos recursos necessários à subsistência de ambos.

Aquele contato com os livros desde quase o seu nascimento dera-lhe "maneiras" e a inaptidão do intelectual de origem obscura para o esforço seguido, quando se choca com o meio naturalmente hostil. Fez o seu curso na faculdade de Línguas

Orientais da Universidade em que Lobatchevsky afirmou, com rara coragem intelectual e grande vigor, que, por um ponto fora de uma reta se podiam tirar várias paralelas a essa reta.

Anos passou dentro dos seus “inocentes sonhos” de justiça e de fraternidade. Inutilizou-se; fez-se honesto de pensamento e de coração. Acabado o curso, não sabia fazer nada; viveu encostado ao pai sem atinar como havia de empregar o seu persa e o seu târtaro.

Travou conhecimento com revolucionários, **encontrava-os** nos cafés, estimulou alguns, foi tido por suspeito; e, quando houve um atentado contra a vida do governador da cidade, foi com outros parar à cadeia, a fim de ser escolhido aquele cuja cabeça devia ser perdida para que a majestade do Estado não fosse manchada.

Verificaram que nada tinha com o caso, soltaram-no. Rolou de cidade em cidade depois de ter perdido o pai, por fim veio para o Brasil para sossegar e morrer.

Não tinha mais escrúpulos; e, se não cobria humanidade com desprezo, desprezava-se a si mesmo, não se detendo diante de empecilho moral, senão daquele que fosse castigado pelo Código.

A terra era boa e chã⁴⁶; e ele não se incomodava em saber se era bem governada ou mal. Ia vivendo com a sua liberdade interior, perfeita e completa.

Não empregava os processos ultracínicos de Fuas, mas pouco se interessava pelas suas questões. Fuas, porém, fingia interessar-se, tomava partido, indignava-se, chegava-se a este e àquele, mostrando dedicação, a ponto de fornecer aos bisonhos prazeres requintados de casas de ópio que ele mesmo montava com o auxílio de velhas cocotes conhecidas, ou desbragadas orgias, tendo por convivas “emergentes” que iam para elas sem o enfado de viver e a embriaguez do poder de patrícios romanos, mas com a grosseria da sua falta de cultura e a inquietude das estreitas preocupações do momento. Os seus convivas eram senadores amatutados, ricos que, há trinta ou quarenta anos, não pensavam senão em ladroeiras honestas, traficantes de todos os matizes e aventureiros de todas as cores. Este era dos seus mais seguros processos de arranjar dedicações e seguros protetores para os seus negócios.

Outros processos de que lançava mão eram perder propositamente no pôquer, quando queria obter do parceiro in-

⁴⁶ Área ou extensão plana de terra, planície.

fluente proteção para um grosso negócio. Com Bastos, acontecia quase sempre isso. Vivendo assim, de rendosos expedientes, pouco ligava que as coisas marchassem bem ou mal. Se as dele iam bem, estavam satisfeitos; se não, procurava fazer com que caminhassem a seu gosto, por qualquer meio que fosse.

Nem todos, porém, eram assim; nem todos tinham a indiferença filosófica de Bogoloff e o secreto desdém do hipócrita Fuas pelas coisas do Brasil. Benevenuto, que sempre fora totalmente infenso aos conluios políticos, que mesmo duvidava da pátria, sentia dentro de si energias até agora adormecidas. Aquele espetáculo de submissão geral, aquele amordaçamento da opinião, aquela série de delitos de toda a natureza reagiram sobre ele e tiraram-no do seu quietismo.

A revolta era contra os oprimidos e contra os opressores, mais contra estes, pois eram reincidentes na sua opressão, feita sem ideal, sem desejo de realizar grandes obras, mas instigadas unicamente por uma pueril vaidade e justificada com sentenças cheias de heresias liberticidas⁴⁷.

Os últimos sucessos escandalizaram-no; ele tinha como que remorsos deles, vergonha, sem ter tomado parte direta ou indiretamente neles. Acusava o seu silêncio, julgava-se covarde e, com a sua covardia, responsável por tudo o que de sangue, de opressão, de força bruta e selvagem se anunciava.

Só, naquela noite, em sua casa, não pode ler os seus livros habituais. Os seus olhos se enchiam d'água ao contemplar os seus livros e os seus quadros. Havia como que sentimentos da impotência do pensamento, da cultura, do sangue dos mártires e das vigílias dos sábios, para melhorar a nossa condição... Fumava... A luz elétrica brilhava segura. Contemplou um grande mapa do Brasil à parede... Ele estava na sombra. Pensou em dormir; mas viu bem que a sua angústia de alma não o deixaria conciliar no sono.

Saiu do Catete onde morava. Veio a pé bordando o mar. O céu estava povoado pelo luar. Benevenuto rodava o cais a olhar, ora aquelas casa sombrias, fechadas, adormecidas; ora, o mar, coberto de densa película clara, com manchas espaçadas, mais brilhantes, aqui e ali. As luzes esféricas de Villegaignon brilhavam muito azuis no seio do luar prateado. As montanhas muito negras, que a fosca claridade da lua fixava melhor o seu negrume, erguiam-se em Niterói; eram muralhas, muretas de um

⁴⁷ Que vai contra as liberdades e a democracia.

castelo fantástico em cujos altos torreões sentinelas vigiavam a muda obscuridade das planuras que se supunham do outro lado. A rua da Lapa iluminada, agitada pelo trânsito, tomou seus passos.

Uma dama, vivendo dentro de uma atmosfera inebriante de perfumes fortes, cortou seu caminho e perturbou por momentos o seguimento das suas **ideias** e o **voo** dos seus desejos. Outras passaram estonteantes de irritantes perfumes, vestidos farfalhantes, altos chapéus, como velas enfunadas ao vento propício.

O largo da Lapa tinha a sua habitual agitação noturna e o seu trânsito; lá, mais além dos Arcos, o aqueduto — um pontilhão sobre o lago infernal em que as almas ardiam como corpos e os corpos como miseráveis fragmentos de palha.

Os botequins estavam cheios; as garrafas eram abertas; músicas fanhosas e cansadas esforçavam-se por dar compasso e medida àquela agitação; os carros dormiam às portas dos clubes e os automóveis passavam rápidos; o Passeio Público esperava o dia para o encontro dos amorosos e dos namorados inocentes.

Benevenuto entrou num café, quis encontrar, no atordoamento e na alegria dos outros, o pensamento calmo que lhe fugia. Um instante viu aquelas mulheres, aqueles chapéus, aquelas plumas; e o seu pensamento continuou triste. A lua se ocultara.

Continuou a descer, encaminhou-se para a cidade. Avenida. O Teatro Municipal enterrava-se um pouco mais. Tubos de borracha sobre patins de roda lavavam o asfalto e os lavadores viam com indiferença a sua vagabundagem atormentada.

Na estação do Jardim, os bondes demoravam-se mais um pouco a reconhecer o lugar, e a rua do Ouvidor já tinha, aqui e ali, os seus ambulantes cafés noturnos. Foi no largo de São Francisco que notou alguma coisa de anormal na cidade. Doidas galopadas de moleques, correrias de garotos com a cabeça ao ar provocaram sua curiosidade. As ruas se animavam. Bandos de homens, mulheres, corriam, apressavam o passo. **Tranquilas** travessas de medíocre movimento agitavam-se como em dia de festa. Que era?... Diziam: “É grande... é na rua do Senado... na rua do Riachuelo...”. E ele tinha com grande dificuldade a explicação para aquela estranha excitação de gente de condição mais vária, naquela hora. Que seria? Era um incêndio. Por sobre as casas, viu um penacho de nuvens negras; às vezes, na base, percebia-se uma barra alaranjada de ouro. Tomou um bonde no Campo de Sant’Ana, distinguiu nitidamente o incêndio. Existiam no edifício

queimado ingredientes químicos. Era deslumbrante. No fogaréu havia tal variedade de vermelho que foi como se coroasse o cone ardente de um vulcão em erupção. No núcleo central, por cima dos telhados, a chama era rubra com os tons de ouro, para as bordas, cor de laranja; e, alçando-se assim, quase ao topo do morro que iluminava, transformava-se em novelos negros, leves, a voar, ao vento ligeiro que soprava.

Um enxame de fagulhas subia, brilhantes e vivas, até muito alto; e, no céu pardo da fumarada negra, brilhavam como estrelas de fogo.

A uma oscilação da chama, o fundo verde do morro se descobria, e o casario branco da encosta surgia numa visão de teatro. Um pouco em frente, as barras de um andaime dividiam o campo chamejante em quadrículos, e a torre azul de São Gonçalo Garcia erguia-se no seu suporte de pedra. Viam-se seus sinos aureolados de fogo e o cruzeiro desenhava-se no céu cinzento de fumaça. O povo continuava a correr. Havia nas frases, nos gestos, no andar, alegria e curiosidade. Todos corriam...

Onde é? Onde é? No Tribunal... Na Avenida... Na Ordem do Carmo... E corriam mulheres, homens, roçando-se, **empurrando-se**, mas sempre com ternura em comunhão, quase sempre aos abraços; e, por aquela multidão, ao fogaréu que braseava forte, perpassava um desejo de carícia, de beijos de amor — tal em nós é a força com que a destruição desperta na nossas almas a necessidade da eternidade. Velhos cultos ancestrais do fogo sagrado do lar, do fogo elementar do Céu, da fogueira comum, trabalhavam aquelas almas, más e inocentes, perversas e piedosas, de gente vinda dos mais estranhos climas, das raças mais várias, de pessoas de cultura mais diversa, para contemplar o magnífico espetáculo do fogaréu violento.

Da eterna morte vem a eterna vida, e o sacerdócio daquela é o sacerdócio desta... Destruído um milhão, em pouco, dos despojos deste, surgirão os vencedores e os perfeitos... E o povo na rua, aos “cordões” carnavalescos, cantando, gritando, corriam para o fogaréu e os que lá chegavam em primeiro lugar espantavam para dentro do prédio incendiado os burros que dele fugiam espavoridos.

Aqui e ali, uma máquina dos bombeiros, arrastada por burros, abria, por entre a multidão excitada, um sulco, deixando um rastilho de fogo.

VIII

A reação da opinião pública à candidatura de Bentes era tão forte, tão geral e tão intensa que o aparelho de compressão governamental não se julgava suficiente para vencê-la.

Num país, em que nunca os votos foram contados para a eleição dos seus representantes, os adeptos de Bentes temiam que o fossem pela primeira vez e derrotado o candidato do sindicato. Por todos os processos, procuravam-se obter adeptos e estes podiam contar com os favores mais inesperados do poder e da administração.

Liberato era coronel da Guarda Nacional e o velho chefe político de uma longínqua freguesia do Rio de Janeiro. Nela, em Cambuci, estava habituado a vencer ou fingir vencer, sem protesto, as eleições. De uns tempos a esta parte, porém, o seu prestígio decaía e os eleitores se levantavam contra o seu mando improdutivo e nocivo. Tendo chegado a época de escolher novos vereadores, Liberato temeu uma derrota mais completa, tanto mais que Cambuci, como o resto do país, se rebelava contra a ascensão de Bentes. Liberato, logo no começo, ferido como estava no seu prestígio, tratou de hipotecar seus préstimos a Bentes, por intermédio de Campelo. É desnecessário dizer que foram bem recebidos e em troca ele pode contar com o apoio incondicional dos promotores da candidatura Bentes.

Aproximando-se o dia da eleição dos vereadores, Liberato verificou que, apesar das ameaças, muitas seções do seu distrito não registrariam votos seus, de que precisava para a vitória total. Convém não esquecer que as eleições são as mais vezes simuladas, que os mesários as fazem ao sabor de suas conveniências partidárias e raro se consegue apurar a votação que as urnas recebem efetivamente.

Sabendo que algumas seções resistiam às suas ameaças e ao suborno governamental, Liberato entendeu-se com Campelo e outros chefes de primeira categoria, que o animaram a proceder da forma que entendesse, contando que o partido fosse o vencedor.

O velho coronel julgou melhor armar uma emboscada. Apossou-se com antecedência do edifício público em que ia funcionar o colégio eleitoral, estudou seus aposentos, organi-

zou posições estratégicas e, no dia do comício, estava lá o seu bando por trás das portas e paredes, gatilho no dedo, sobre os eleitores descuidados.

Em dado momento, a descarga foi feita; caíram feridos e mortos, e o médico que Liberato tinha alugado não tivera serviço porque aqueles foram só entre os adversários do velho coronel.

Exata manobra política indignou a cidade e a opinião, mesmo sem conhecer a forma atroz com que fora armada a tocaia; mas Liberato não se incomodou muito, pois o inquérito policial nada apurou, não se sabendo mesmo se tinha sido feito.

Houve quem dissesse que isso estava no programa de Bentes, mas não era verdade. É certo que Lucrécio já tinha avisado do que ia acontecer a Bogoloff, convidando-o até a vencer os honorários médicos que Liberato piedosamente oferecia; mas dizer que tal proeza estava no manifesto de Bentes é inverdade que não se sabe bem como foi gerada.

O programa de Bentes era até lírico, cheio de utopias, e a candidez de suas intenções não se quadrava com certas atitudes de seus adeptos. Do que havia necessidade era impedir que os cidadãos dissessem nos jornais, pelo menos, que não queriam o paraíso que ele prometia. Seria bem fácil convencer o país com os processos mais comuns de baionetas e garruchas; mas tal não quiseram e tentavam convencer que os incidentes como esse de Liberato não foram os únicos.

As urnas deviam manifestar-se; e, como sempre nas suas manifestações havia sangue, tratou-se de aumentar sua quantidade em relação à espontaneidade do candidato e da popularidade do partido que o apoiava.

Se os seus opositores recebiam manifestações da cidade inteira, Bentes era aclamado muito decentemente por grandes filas de carros de enterro.

Riam os filósofos de um esforço tão inutilmente dispendido e não esqueciam nunca de lembrar o célebre pensamento de La Rochefoucauld⁴⁸: “A hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude”.

É difícil de dizer todas as belas coisas que Bentes prometeu no seu programa. Leu-o num dos mais luxuosos teatros da cidade que, por sinal, nesse dia para nele entrar não se pagavam

⁴⁸ François de La Rochefoucauld, foi um moralista francês, François 6º, príncipe de Marcillac e, mais tarde, duque de La Rochefoucauld. Foi um dos introdutores do gênero de máximas e epigramas.

bilhetes. Fuas disse, ao dia seguinte, que era uma peça magistral, valendo ouro os seus conceitos e as suas arrojadas tentativas de engrandecimento do país.

Se valiam ouro nem todos podiam garantir, mas que prometiam despesas avultadas é fácil de afirmar.

Um dos seus propósitos mais altos era melhorar a navegação interior do Brasil. O seu interesse era pela bacia do São Francisco. Notava Bentes que os seus rios serviam cinco Estados do Brasil, interessando alguns mais; e, entretanto, não tinham merecido até ali a atenção dos poderes públicos. Notava ainda que nessa portentosa⁴⁹ bacia vivia uma população enérgica, ativa, corajosa, e o governo tinha o dever de auxiliá-la. O seu primeiro cuidado, se fosse governo, seria torná-lo navegável da foz à nascente, destruindo a dinamites e outros explosivos a cachoeira de Paulo Afonso e outros obstáculos que lhe impediam o livre aproveitamento pelos barcos.

O outro seu alto propósito tendia a homenagear a mulher brasileira, esse exemplo extraordinário de mãe, dizia o manifesto; e havia de fazer, quando chefe do executivo, distribuição gratuita de brinquedos às crianças, desde que tivessem mães — continuava a dizer o manifesto.

Não eram **ideias** comuns as que inventou e tampouco inviáveis; o que havia nelas era um altruísmo exagerado que causou muito desgosto os seus adeptos. Fuas dissera mesmo que era o seu programa, um programa de ideólogo; se não fora a experiência que já tinha a opinião conservadora de sua capacidade de administrador, as **ideias** do general deviam pô-la de sobreaviso.

Afirmou com uma coragem de inovador que nunca as ações consultariam a economia política e muito menos as finanças; que o país era soberbamente rico e não devia obedecer a essas tiranias espirituais criadas nos caducos e pobres países da Europa.

Fuas ainda disse no seu memorável artigo que essa opinião era de sábio, e, para ela, deviam voltar a sua atenção os eruditos rotineiros, ligados às coisas **antissociais** do Adam Smith da Wealth of Nations. Citou vários exemplos negando que a riqueza fosse o trabalho acumulado.

A esfuziante profundidade do manifesto foi recebida pelo país inteiro boquiaberto, e Numa, na Câmara, defendeu-o dos ataques da oposição ignorante. A sua defesa foi lógica e consistiu unicamente em pedir que esperassem a execução para se obter

⁴⁹ Imensa, extraordinária.

um critério seguro da certeza das proposições avançadas por Bentes.

D. Edgarda, mulher de Numa, não andou muito contente uns dias; ela os passou recolhida à sua biblioteca lendo e pensando.

Os livros estavam fora dos seus lugares nas estantes; viam pelas mesas, pelo chão, abertos, com arcas à vista; e um tal aspecto era mais o da biblioteca de um sábio em desesperada polêmica que o da de uma senhora que faz tranquilas leituras.

Essa preocupação de estudo e exame não foi a de Inácio Costa. O ardente republicano, fundador da República, que foi ao lado de Benjamin Constant⁵⁰, não sentiu absolutamente na plataforma nem grandes coisas nem motivos de dúvida. Aquilo era uma simples cerimônia e não precisava mesmo Bentes cumpri-la, porque bastava inspirar-se nos grandes antecedentes históricos de Benjamin, Tiradentes e Floriano, para fazer um bom governo.

— Bogoloff — dizia ele certa vez ao russo, no seu gabinete — os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos. Os metafísicos não querem concordar e têm perturbado a marcha ascendente da humanidade, a completa passagem do período metafísico para o científico industrial. Essas preocupações dos legistas atrasados não são mais da nossa época. A grande síntese social que Comte⁵¹ estabeleceu, completando Condorcet⁵² por De Maistre⁵³, demonstra perfeitamente isso. Bentes tem razão em fugir à pedantocracia universitária... Bastam os exemplos! Floriano...

— Que fez Floriano?

— Não sabe? Foi o maior estadista que tivemos.

— Quais são as suas obras?

— Manteve a forma republicana federativa com uma energia verdadeiramente republicana. Era um estadista moderno... Quer saber de um ato dele?

⁵⁰ Benjamin Constant foi militar e político brasileiro. Foi o idealizador da expressão Ordem e Progresso, da Bandeira brasileira.

⁵¹ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte foi um filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo.

⁵² Marquês de Condorcet, Marie Jean Antoine Nicholas de Caritat. Filósofo e Matemático francês do progresso social contínuo.

⁵³ Conde Joseph-Marie de Maistre foi um escritor, filósofo, diplomata e advogado.

— Quero.

— Você vai ouvir. Como o marechal precisasse de dinheiro para fazer face às urgentes despesas que a revolta acarretava, mandou que o Tribunal de Contas registrasse um crédito de que ele tinha necessidade. O presidente do Tribunal **negou-se** formalmente a dar a sua assinatura ao tal pedido, por não estar de acordo com as leis. O ministro da Fazenda, ao saber dessa resolução, foi comunicá-la imediatamente ao marechal. Floriano não gostou; mas, sorridente, pediu ao ministro que conseguisse uma conferência com o presidente do Tribunal. Na manhã seguinte, muito cedo, estava no Itamarati o presidente do Tribunal de Contas. Floriano recebeu-o muito amável e mostrou a situação do governo e a urgente necessidade que havia de tal crédito. O presidente, inabalável, disse que não assinava o pedido, pois era ilegal, inconstitucional, que era isto, que era aquilo. Floriano ouviu tudo muito calmo e, em meio ao discurso do presidente, bateu na testa e perguntou: “O senhor é o Doutor Fulano?”; “Sim, senhor”, respondeu o presidente”; “Ora, doutor, queira me desculpar. Esta minha cabeça anda tão cheia de atrapalhões!... Não era com o senhor que eu queria falar, era com o seu sucessor”; “Como?”, perguntou surpreso o ministro do Tribunal; “É verdade, doutor, o senhor está aposentado desde ontem”. E assim foi. Nessa mesma tarde, com data do dia anterior, era publicado um decreto que declarava aposentado o presidente resistente. Era assim Floriano! Isso é que é um estadista, Bogoloff!

E Inácio Costa bateu no seu ombro e saiu do gabinete, abanando o seu fraque preto.

Continuava Bogoloff a trabalhar intensamente no ressurgimento da pecuária nacional. O seu campo de experiência era limitado a um salão e os laboratórios eram constituídos por um armário cheio de regulamentos que Xandu expedia aos montes.

Desde a manhã até às quatro horas, ficava lendo, assinando de vez em quando um ofício que o secretário trazia, porque a Diretoria estava constituída do diretor, secretário e alguns escriturários. De bois ainda não se cogitava; e Bogoloff não se aborrecia.

As visitas de Inácio Costa eram constantes e vinham quebrar a monotonia das horas em que o russo passava no gabinete. Ele ouvia com paciência as suas conversas políticas, observa suas opiniões e surpreendia-se com elas. Verificou com

singular assombro que Inácio tinha do governo uma concepção paternal de “mujik”⁵⁴; que o seu desejo era entregar todos os poderes a um só, a um tirano e que esse tirano fosse um militar. Não compreendia que um homem como ele, que se dizia republicano, democrata, tivesse semelhante **ideia** de república. Inácio se supunha ilustrado, culto; entretanto, desprezava todo o ensinamento, todo o esforço dos homens de pensamento em restringir a autoridade, o poder total de um só.

Inácio parecia não se ter apercebido dessa feição dos governos modernos, dessa necessidade de contrapesos, de recíproca fiscalização entre os depositários do governo, para que nenhum fosse efetivamente governo. Acusava de retrógrados os que a queriam, mas nele é que havia uma volta ao governo absoluto dos orientais.

Essa sua mórbida admiração por Floriano era tanto ingênua quanto sem razão. Como esse homem era estadista eminente e não tinha deixado nenhuma obra de estadista, obra que redundasse em benefício geral, que tendesse para a felicidade dos povos, na expressão de Bossuet? Como ele tinha mantido a ordem republicana, se atentara contra os tribunais, os parlamentos, as leis, e queria tudo isso curvado à sua vontade? Não era bem República que Costa queria.

Curioso é que na Rússia os avançados sonhassem com constituintes, tribunais independentes, ministros responsáveis e os que aqui se julgavam avançados não quisessem todo esse aparelho governamental...

A Revolução, que teve como um dos seus grandes objetivos o estabelecimento de uma constituição escrita que limitasse o poder real, era armada por Costa, como?... Não se sabia bem como e por quê. Costa falava muito em princípios republicanos; mas a República na sua cabeça era um ídolo vazio, vazio de significação, já não tinha mais fetiche, não era mais nada senão uma simples palavra, uma palavra que soava aos seus ouvidos mas que não continha uma **ideia** segura.

Não se pode bem dizer que fosse totalmente vazio; havia nele, no ídolo, alguma coisa: um desejo imoderado de sangue, de violência, de carnificina. Os sacerdotes não sabiam mais por que **ideia**, por que concepção imolavam a Moloch; mas continuavam a imolar com o automatismo de sacerdotes de crenças mortas, e mais ferozes até.

⁵⁴ Camponês russo.

O que se contava de crueza empregada para vencer a revolta, igualava, se não excedia, às execuções russas; e com uma diferença: é que lá sempre houve uma forma de julgamento, mas na daqui — nenhuma!

Bogoloff, velho anarquista, compreendia que se pusesse em dúvida a lei, que se a condenasse; mas querer o Estado sem lei, admitir o despotismo como progresso, não querer restringir o governo era absurdo, que não compreendia em inteligências tão medrosas da palavra rei ou imperador.

De resto, aquela superstição de virtudes especiais do militar tinha uns restos de concepção de nobreza, de classe privilegiada, muito de admirar na mentalidade de um republicano.

Alongava-se o russo nessas considerações quando o cansaço mental levou-o a ler um jornal. Ele os lia durante as horas que administrava a Pecuária Nacional, com vagar e distraído. Na primeira leitura, não percebeu aquele trecho. Leu: “Agita-se agora a sucessão presidencial do Estado das Palmeiras. Com a renúncia do cargo pelo senador Macieira, presidente eleito, as cadeiras governamentais daquele Estado devem ser preenchidas brevemente, por meio de eleição. A abandalhada oligarquia que faz a infelicidade daquela terra quer levar para o palácio das Pitangueiras a inválida figura do deputado Malaquias. Há nisso uma indecente manobra de Macieira. Não estando certo de que maneira o honrado general Bentes irá proceder com estas oligarquias cheias de ferida, renunciou o poder para ficar aqui no centro, neutralizando a ação purificadora do governo que vem; enquanto isso, colocava lá Malaquias, tio-avô da esposa do futuro presidente. Nós nada temos a dizer quanto ao Sr. Malaquias, a não ser que é uma figura apagada na política; mas quem devia ir reger os destinos de Palmeiras era o Coronel Contreiras, também parente do honrado general Bentes, possuidor como ninguém de uma brilhante fé de ofício com o curso de estado-maior e engenharia, tendo no peito medalhas que muito recomendam os seus serviços de guerra. Além de tudo, o coronel Contreiras é um homem honesto, que tem vivido até agora do seu soldo, apesar de ter passado por boas comissões, e é filho do venerando José Maria”.

Esta notícia, ou como se diz nos jornais, esse “suelto” fora lido com espanto por todos os que se interessavam pela política. Desde dez ou quinze anos que se perpetuavam na presidência



MONO MONO

MONO MONO MONO HO

MONO MONO

MONO MONO MONO HO

SCHLOSSER

MONO MONO

MONO MONO

MONO MONO

MONO MONO

MONO MONO

MONO MONO

do Estado das Palmeiras os partidários de Macieira e o próprio Macieira, não tentando ninguém disputar sua indicação. **Tinha-se** o fato como uma lei e aquela lembrança que não podia ser Malaquias, mas Contreiras, longe de ser tomada como uma coisa sem valor, ganhou importância e foi discutida.

Lucrécio **Barba de Bode**, que ainda descansava dos muitos vivas que dera a Bentes, quando foi a um Prado de corridas, leu a notícia em casa, pois agora mais se demorava nela pela manhã afora.

Morava na mesma casa da Cidade Nova e tinha as mesmas pessoas em sua companhia, exceto Bogoloff, que resolvera morar numa pensão do Catete, depois de ter sido feito Diretor da Pecuária. Quisera este obter para Lucrécio um lugar na sua diretoria, mas só os havia de escriturário, e **Barba de Bode** não quisera aceitar, por não saber escrever correntemente.

Totonho tinha prometido colocá-lo definitivamente desde que Campelo se fizesse.

Era bem possível que o doutor viesse a ser ministro, e, sendo, Lucrécio ficaria arranjado de vez. Totonho pedia-lhe que esperasse pacientemente; fosse tentando com o lugar de “encostado” e ele o fazia confiado nas palavras de Totonho e na estrela do Dr. Campelo.

Com o tempo, Lucrécio ganhara certa inteligência política. Ele que, a custo, tinha estudado até a tabuada, ficou sabendo muito da difícil arte de governar os povos. Passara muito além a sua inteligência do capítulo dessa arte que trata das desordens nas eleições e “encontros”, com assassinatos **consequentes**: Lucrécio já compreendia certas manobras da alta estratégia dos deputados.

Lendo a notícia, percebeu **Barba de Bode** alguma coisa de anormal nela. Como toda gente, ele estava habituado a considerar Palmeiras como sendo de Macieira, porque cada Estado era de certos e determinados que o presidente dava. Não se dizia até que Bentes tinha dito ao Crescêncio:

— Doutor, não posso lhe fazer ministro; mas dou-lhe o Sernambi.

Palmeiras era de Macieira desde muito tempo; Bentes tinha confirmado a doação — como é que agora o presidente que Macieira queria para o Estado podia sofrer contestação? Ele sabia perfeitamente que a propriedade desses homens é sempre disputada. Ninguém disputa sua casa, o casaco, as **joias**;

mas os Estados, há sempre uns interesseiros que disputam. A Neves Cogominho era Salustiano; mas o Macieira, ele não sabia quem fosse. Conhecia o coronel Contreiras... Era um oficial limpo, alto, severo... Que ele se metesse em política, Lucrécio não sabia. É verdade que Bentes... Mas Bentes! Bentes tinha o exército em peso...

— Não é possível! Não é possível!

E atirou com zanga o jornal para o lado. Apanhou-o ao fim de algum tempo. Leu o tópico de novo e de novo exclamou:

— Não é possível! Não é possível! É intriga!

A mulher, que trabalhava na cozinha, não se conteve e observou lá de dentro.

— Você está doido, Lucrécio!

— Que doido, Ângela! Que doido! Você não sabe o que é a política.

— Homem, filho, eu não sei mesmo o que seja nem quero saber. Se é como essa coisa do Cambuci, fresca história! É mesmo uma vergonha!

— Isso é política do Liberato. A minha política é outra... Você conhece o Doutor Macieira?

— Não.

— Aquele que arranjou o Lúcio na Escola dos Desvalidos.

— Que aconteceu com ele?

— Querem tomar sua chefia das Palmeiras.

— Mas ele não é do general?

— É, minha filha; mas tem muitos invejosos... Não falta quem o vá intrigar com o general...

— Eu não dizia, Lucrécio?

— O quê?

— Que esse general não prestava. O que ele fez com o “Velho” não é de homem bom; é de malvado... Ninguém mais pode confiar nele... Quem faz um cesto faz um cento, fique você sabendo.

Lucrécio nada respondeu. Deixou pender a cabeça sobre as mãos, apoiados os cotovelos no joelho, e ficou olhando muito tempo o soalho encardido de sua casa velha.

Se Lucrécio se preocupava com a notícia, Macieira muito naturalmente havia de avaliá-la por todos os aspectos. O jornal que a estampara era um dos mais lidos na cidade, tinha grande prestígio nos meios políticos; e, certamente, se não traduzia um desejo de Contreiras, manifestava o começo do plano dos seus

inimigos para tomarem seu lugar. Na redação do jornal estava o José Pedro, que nascera no Estado; mas nunca Macieira o viu com desejos de figurar na política e muito menos que fosse contra ele. Ao contrário: pedia-lhe informações, dava-lhe notícias tendenciosas e, como patrício inteligente, frequentava sua casa, como a de Contreiras, que também nunca deixara perceber que queria ser qualquer coisa no Estado. Toda a gente, imaginava ele, quer ser político, e os meninos dos jornais não pensavam senão em sê-lo. Veem os seus patrões deputados, senadores, escrevem também e se propõem também a sê-lo. Demais, a candidatura de Bentes foi imposta da mesma forma que a de Contreiras. Lançara-a um qualquer num jornaleco A Cimitarra, de uma cidade longínqua, começou a falar-se nela, tomou vulto e eles tiveram que aceitá-la. Aproveitou-a como salvação; agora, porém, estava vendo que a arma se voltava contra ele.

Arlete ainda não tinha saído do quarto e Macieira já se havia embrenhado mil vezes nessas considerações. Arlete que, tantas vezes, interviera para salvá-lo de dificuldades, agora lhe parecia impotente. Se estivesse em casa, seria pior... Quando acontecia surgir essas dificuldades matutinas, em casa de sua mulher, ele as achava mais difíceis. Dormir fora era para ele dormir na sua casa legal... Pensou em procurar Bentes, em pedir-lhe francas explicações do caso. Quem podia, porém, confiar em Bentes? Prometia e... Seria melhor rodeá-lo, correr aos amigos...

— Arlete!

— Que é?

— Já vou.

— Já, “mon cheri”⁵⁵? Que há?

— Querem me derrubar.

— Oh! Que coisa! “Mais, mon Dieu!”⁵⁶... É coisa assentada já, “cheri”? Que é?

— Não sei. Está aqui nos jornais...

— Ora! O país de vocês não presta para nada... É mesmo porcaria... Então você que é tão bom, vai sair! Será o general?

— Não sei, Arlete.

— É ele... “Sale type”⁵⁷!

Macieira vestiu-se apressadamente e encaminhou-se para a casa de Neves Cogominho. A situação delicada da política

⁵⁵ Querido.

⁵⁶ Mas, meu Deus...

⁵⁷ Tipo desagradável!

exigia movimentos rápidos, a ação pronta e o chefe da polícia de Sepotuba resolvera deixar Petrópolis. Habitava agora a casa de Humaitá, que ficava próximo da de Bentes, podendo em minutos alcançar este, apará o golpe que quisessem desferir nele. Neves Cogominho não aceitara a candidatura de Bentes com muita satisfação. O processo pelo qual o general se impusera tirava a força e o valor políticos dele, Cogominho. Compreendia perfeitamente que ele e os seus colegas não tinham feito mais que ratificar uma escolha de quartéis e imposta sob disfarçada ameaça de uma revolução. Bentes estaria sempre disposto a apelar para a violência, para a coação da força, e desprezar portanto os conchavos de votos, as compensações políticas. Sentia como certo que o bastão de chefe ia escapar das suas mãos; sentia também que escaparia da mesma forma se se tivesse recusado a homologar a imposição. Aderindo, simulando admirador de Bentes, ao menos podia salvar alguma coisa, se não de toda a sua autoridade política, ao menos amparar o genro que começava agora a carreira.

Até aqui Salustiano ainda não pudera avançar um passo; ao contrário, aproximava-se cada vez mais dele. Acreditava que isso fosse devido a conselhos de Bentes, pois que o general sempre dizia que a sua missão era harmonizar a família republicana. Certamente, Salustiano queria ser deputado. Neves Cogominho estava disposto a fazê-lo; e assim golpeava a efetiva oposição do seu Estado, que festejava Salustiano para feri-lo. Na Câmara, Salustiano seria como os outros; e, não podendo dispor de empregos e concessões, não organizaria um partido forte que pudesse abalar o antigo prestígio do sobrinho do venerando Frutuoso.

Lendo, porém, aquele “suelto”, Neves Cogominho verificou que as suas considerações podiam ser enganadas. O processo estava claramente indicado. Um repórter levantava o nome de um coronel, parente ou não de Bentes, para presidente, e, naturalmente, o general, por camaradagem e espírito de classe, dava a mão forte a esse coronel. Chegado este ao poder, não iria com toda certeza receber o santo e a senha dos chefes, mas agir a seu modo, com a arrogância de militar e inspirar-se na crença íntima de que era infalível por ser militar.

Tendo tomado no devido valor a meditação, Neves Cogominho resolvera confabular com o seu amigo Macieira. Esperava

Numa e a Ninfa

encontrá-lo no Senado; Macieira, porém, veio procurá-lo em casa.

— Eu já esperava você — disse Neves. — A notícia do O Intransigente devia ter posto a pulga na sua orelha.

— Não sei bem o que pensar dela. Neves, você sabe perfeitamente com que antecedência adotei a candidatura de Bentes... Muito antes de vocês; e pode-se mesmo dizer que, nos meios políticos, fui dos primeiros a tomá-la a sério. O Bastos...

— É verdade: que diz Bastos? Você já falou com ele?

— Ainda não... Estou saindo de casa... Como ia dizendo: Bastos ainda não a julgara objeto de cogitação e eu já a tinha como excelente.

Numa, sabendo que Macieira estava em casa, veio ao encontro do senador e da sua desdita. Estava justamente Macieira a lembrar sua ação na candidatura do general quando ele entrou. Macieira acrescentou:

— Está aqui o Dr. Numa, que se lembra perfeitamente dos esforços que fiz, para que você adotasse Bentes em vez de Xisto. Não foi, Dr. Numa?

— É a pura verdade — fez Numa. — Lembro-me bem de que até o senador procurou-me mais de uma vez na Câmara.

— Por que você renunciou à presidência, Macieira? — fez Neves.

— Ora, por quê? Havia tantos boatos. Tantos enredos que julguei melhor ficar aqui.

— Vigiando — completou Numa.

— Vigiando — confirmou Macieira.

— Pois você quer saber de uma coisa, Macieira? — disse Cogominho.

— Que é?

— Você fez mal. Eu, no caso de você, ia para lá. Estava eleito e tomava posse.

— Mas estavam as eleições federais à porta...

— Que tinha?

— Era preciso trabalhar no reconhecimento.

— Você trabalhava mesmo de lá...

Numa interrompeu:

— Ou senão, depois de ter tomado posse, o doutor alegava licença e vinha até aqui.

— Eu não queria era abrir vaga no Senado.

— Por quê? — indagou Numa.

— Que tinha a vaga? — fez Cogominho.

— Que tinha? Pois você sabe que o Torres, que nunca prestou serviços ao Estado, que nem lá nasceu, já andava se empenhando com Bentes para ser senador?

— Quem disse a você?

— Bastos.

Cogominho olhou muito seriamente para Macieira, como se tivesse entendido mais do que as palavras diziam.

— Creio — disse Numa — que o general não se deixará levar por esses agregados. Ele há de ter na consciência gratidão por nós, que o temos apoiado e o apoiamos.

Os dois senadores não quiseram dizer coisa alguma e o silêncio pousou sobre os três.

D. Edgarda veio cumprimentar a visita do pai:

— Já sei, doutor, que não vão. D. Celeste me disse...

— É verdade.

— Resolveu ficar, então?

— Que remédio!...

— Macieira — interrompeu Cogominho — qual é a tua opinião franca sobre Bentes?

— É um bom homem.

— Isso não basta — observou Numa.

— Todos são bons — acrescentou Edgarda. — A questão é que sejam sempre bons.

— Para mim — disse Neves — eu não confio muito nele.

— Nem eu — disse com pressa Macieira.

— Agora — disse Numa — o que ele fez com o “Velho” não foi leal.

— Eu sou de parecer — fez Edgarda — que não se deve muito contar com a lealdade dele. O que se deve fazer é que ele não possa ser desleal. Aparar os golpes, preveni-lo das intrigas, isso sim!

— Mas, menina — ponderou vivamente Macieira — nem sempre isso é possível.

— Como?

— Seu pai sabe.

— Que há?

— É isto, Edgarda: Macieira queria pôr na província das Palmeiras o velho Malaquias; andam agora a insinuar que deve ser o Contreiras...

— O coronel?

Numa e a Ninfa

— Esse mesmo.

— É parente de Bentes — disse Numa.

— Certamente é uma balela — duvidou Edgarda.

— Não é. Há alguma coisa atrás disso tudo.

Macieira não acabou de dizer isto, quando Numa exclamou vitorioso.

— Ora! Ora!

— Que é? — fizeram os restantes a um tempo.

— Todos nós estamos com medo de fantasmas. Se Bentes der força a Contreiras e ele tiver votação, a **Assembleia** não o reconhecerá.

Pelas faces de Macieira brilhou um ligeiro sorriso, e Neves também ficou satisfeito; a filha, porém, depois de alguns momentos de reflexão, disse:

— **Assembleia** não vale nada.

— Como?

— Eles empregam a força e tudo adere.

A situação voltava de novo a ser obscura e, após algumas outras palavras, Macieira despediu-se para continuar procurando amigos que o salvassem, o apoiassem, evitando o golpe que queriam desferir no seu prestígio político. Lembrou-se de procurar o irmão de Bentes; era um remédio **heroico** do qual não convinha lançar mão já; precisava poupar-se e, ir logo ao Hildebrando, seria gastar-se, lançar mão de um recurso desesperado.

Veio-lhe logo o nome de Fuas. O jornalista até bem pouco tempo tinha relações de cortesia com Bentes, mas, desde que lhe escrevera a célebre carta de desafio em casa de Arlete, a intimidade entre ambos cresceu, como se fosse a de velhos camaradas de colégio. Ele devia estar no jornal. Quase nunca almoçava em casa. Lidos os jornais, logo bem cedo, saía, ia à redação, escrevia alguma coisa que a leitura lhe inspirava e corria a almoçar em algum restaurante da cidade.

O Diário Mercantil era um dos mais antigos jornais da cidade; e fora sempre extremado em matéria política. De mão em mão, viera parar às de Fuas, que não se enfeitava com o título de redator-chefe; deixava-o a outro de mais fama, sendo ele de fato e também quase proprietário da folha.

Ocupava uma grande casa da Avenida; e, depois do O país e O Jornal do Comércio, era o jornal mais bem instalado do Rio de Janeiro. A sua venda, sem ser grande, era considerável e a tradição da folha aparava bem as opiniões formalíssimas de Fuas.

Como quase todo jornal do Rio de Janeiro, era deficiente e pouco preocupado com outros assuntos que não fosse política; mas, assim mesmo, dava fortunas, fortunas, que Fuas gastava com a liberalidade e a constância de um príncipe oriental.

Fuas era amigo de Macieira. Tinham juntos negócios, e o pôquer os tinha ligado indissolúvelmente. Podia bem ser que o jornalista, com artigos e palavras, demovesse Bentes de prestigiar Contreiras, porque tudo estava em Bentes. O atual chefe nada valia e diziam até que as salas e os quartos do palácio de Nova Friburgo já estavam arrumados ao gosto do general.

Como Macieira esperava, Fuas Bandeira estava no seu gabinete de trabalho, escrevendo de camisa. O charuto não o deixava.

— Tu por aqui?

— É verdade. Não sabes?

— De quê?

— Leste O Intransigente?

— Li... Que há?... Ah! é verdade!

— Que pensas daquilo?

— Homem, filho, era de esperar. O exemplo partiu de cima e agora tens que **aguentar**. Já te tinha dito o perigo que corria a manobra.

— Mas... eu fui quem levantou, por assim dizer, a candidatura do general Bentes.

— Tu pensas que ele se ilude? que ele julga que deve alguma coisa a ti e aos outros?

— Homem... eu acho...

— Ora! Ele sabe perfeitamente que foram os camaradas que assustaram vocês e vão pô-lo lá. Não há por onde sair, meu caro; e entre um camarada, parente, além de tudo, e um paisano...

— Parente também.

— Parente, mas paisano, ele não tem que escolher. Olha: tu mesmo foste quem deu parte de fraco.

— Como?

— Não renunciaste?

— Foi por...

— Sei: mas para que apresentaste o Malaquias?

— Porque era parente de Bentes.

— Está aí. Um pequenote aí qualquer descobre um parente melhor, porque é coronel por cima de tudo, e te dá o tombo.

— Mas Bentes é contra as oligarquias.

Numa e a Ninfa

— É contra! É contra! Ora, tu, Macieira!...

Fuas chupou o charuto, rodou-o entre os lábios para melhor queimar e disse:

— Agora é tratar de te salvar.

— Como?

— Pois não sabes? Tens ainda muito remédio...

— Escreve alguma coisa.

— Escrevi; mas é preciso jogar influências em cima dele.

— Tu não podias?

— Direi alguma coisa; mas de que necessitavas era de uma influência permanente.

— O Hildebrando?

— Não confies nele. Quer muito, quer tudo, e talvez não faça nada.

— Quem pode ser?

— Uma mulher!

— Quem?

— A mulher de Lussigny.

— Como?

— Pois tu não sabes?... Olha: quando Bentes foi à Europa, Lussigny estava quebrando. Tinham gasto o que possuíam e a mulher rendia pouco. Que fez Lussigny logo que soube da chegada de Bentes? Atirou a mulher em cima dele. Tu sabes bem que Bentes nunca esteve acostumado a essas mulheres de ostentação, plumas, perfumes, cerimônias; e caiu que nem um patinho.

— É verdade?

— É verdade e tanto é verdade que eles pagaram as dívidas que tinham e vão embarcar para aqui, deixando a vida de “trem de luxo” que levavam. Por aí tu ias bem, infelizmente, porém, a coisa é para breve e os serviços...

— Como poderia conseguir?

— Como? Pois tu não sabes? Como tu consegues os colarinhos e os punhos? No nosso tempo, todos os serviços têm o seu preço... Tu não sabes?

Macieira não sabia coisa alguma dessa influência poderosa sobre o ânimo de Bentes.

A descoberta alegrou-o e ele a pôs de parte como um trunfo forte para ganhar a partida. Fuas fumava recostado na cadeira, batendo as mãos sobre o ventre farto:

— É isto! É isto, meu caro!

— E Bastos?

— Bastos está atarantado... Ainda não tomou pé nessa história toda... O melhor que tu fazes é adiar a eleição e esperar que a mulher do Lussigny venha.

O senador o deixou escrevendo uma local em que se pedia ao Congresso que votasse afinal o crédito para instalação da Estação Experimental de Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois. Não se compreendia como até ali não tinha sido feito e como é que o governo pagava empregados que não tinham o que fazer, visto lhe faltarem os meios adequados. A fazenda, laboratórios, aparelhos e demais pertences não chegariam a alcançar o preço insignificante de quatrocentos contos de réis; e não se devia deter o patriotismo dos parlamentares em votar semelhante crédito, desde que levassem em consideração a utilidade da instituição. Fuas era entusiasmado dos projetos de Bogoloff; e, partilhando o seu saber e os seus planos, aconselhara-o a fazer suas compras em uma certa casa, até mesmo se encarregara de fazê-las diretamente.

— Pode entrar, minha senhora.

Fuas julgou reconhecer aquela senhora e logo simpatizou com o seu demorado sorriso que lhe banhava o rosto todo.

— Sente-se.

A senhora sentou-se, apertou a blusa na cintura com o auxílio do dorso da mão esquerda e disse:

— Não me conhece, Doutor Fuas?

— Minha senhora...

— Eu sou a viúva do Dr. Lopo Xavier.

— Oh! Sim! Sim! É verdade!

Fuas descansou o charuto e continuou atencioso:

— Não a tinha reconhecido... Não tem mudado nada...

— Não é o que dizem... Creio que emagreci um pouco.

— Ainda mora em Petrópolis?

— Ainda, doutor.

— Naquela casa da Westfália?

— Não, doutor. Na Cascatinha.

— Oh! que bela casa... Tão bonita... Aquele seu jardim é muito “chic”; poucos há aqui como ele. E que camélias? De que morreu o Lopo?

— Tuberculoso.

— Parecia tão forte. Não fui ao enterro porque não me foi de todo possível; mas, creio que recebeu o meu telegrama.



- Recebi, doutor; e agradei.
- Lembro-me. O Lopo era muito meu amigo. Ultimamente nos encontrávamos pouco. Vivia em Petrópolis e eu pouco lá vou. Quando o faço, é às carreiras; senão teria aparecido para um “poquersinho”.
- Ele gostava muito...
- Eu morro por ele. Muitos filhos, minha senhora?
- Uma única, uma filha.
- Assim mesmo foi feliz.
- Nem tanto, doutor. Lopo não deixou quase nada...
- Ah! É verdade... E a aposentadoria?
- Uma coisa de nada. Não dá nem para nos vestirmos.
- Também Lopo era desprendido.
- Muito, doutor. Eu lhe dizia sempre que pensasse no futuro.
- Era um poeta... A senhora não requereu uma pensão?
- Requeri.
- Já me haviam falado nisso.
- Quem foi, Fuas? Devia ter sido Mme. Arlete.
- É verdade. Em que estado está o “seu” projeto?
- Está no Senado, e eu esperava que o senhor se interessasse pela passagem.
- Pois não... Pois não...
- Muito agradecida.

A viúva ergueu-se, arrepanhou bem a saia irrepreensível e pisou com firmeza na porta da saída.

Fuas ficou um instante em pé, acendeu o charuto que havia se apagado, tirou fortemente as primeiras fumaças, lembrou-se num relâmpago do que havia sido, como se apossara daquele jornal com a ousadia de pirata argelino, por fim pôs as mãos nos bolsos da calça; e, com a boca **semiaberta**, ao lado esquerdo, e o charuto ao direito, de camisa, ficou olhando com desdém a multidão que escorria lá em baixo roçando as paredes do seu cotidiano.

IX

Entre nós, muita gente tem mania de caboclo e havia na cidade uma senhora idosa, D. Florinda Seixas, que cultivava essa mania com muito carinho e constância. Desde anos que a sua casa vivia cheia deles; e, ao surgir a candidatura Bentes, D. Florinda aderiu a ela com os seus caboclos eriçados. Acontecia também que Bentes tinha um tio, já falecido, mais ou menos notável; e D. Florinda muito naturalmente juntou a sua mania indígena à admiração que sempre professou pela memória do tio de Bentes, o almirante Constâncio. Fundou, **consequentemente**, uma sociedade — Sociedade Comemorativa do Falecimento do Almirante Constâncio. O principal fim da sociedade seu nome dizia; mas tinha outros, entre os quais, o do ensino do guarani e o das aclamações às pessoas de destaque.

D. Florinda, tendo fundado associação tão útil, encontrou dos poderes públicos a maior boa vontade. Foi patrocinada e, graças ao jeito que tinha para agradar, todos a julgaram muito útil em sanar as dificuldades e procuravam-na, aderindo à sua proveitosa associação.

A velha senhora, antes mesmo da fundação, já tinha demonstrado os seus préstimos e, não havia noite em que, com um, dois ou mais caboclos, não aparecesse nas casas de Bentes ou do Bastos.

Corria que os caboclos eram duvidosos; que eram desertores de regimentos do exército, estacionados no Paraná e no Rio Grande do Sul; o certo é que, como caboclos, eles se portavam nas visitas que faziam com a mentora.

Homens da selva, pouco habituados às regras e preceitos das salas, esses jovens indígenas praticavam em casas tão respeitáveis uma única inconveniência: embriagavam-se de cair e caíam pelos jardins, dormiam familiarmente com o rosto para o céu estrelado, como filhos das brenhas que eram.

Não se diga que D. Florinda não empregasse os seus esforços de domadora ou civilizadora para impedir tão indecente caboclismo. Ela era vista a dizer no bufê:

— Tupaná penê cotê!

Os caboclos respondiam, amuados como crianças teimosas:

— Quelo bebê! Quelo bebê!

E sacudiam a juba de cima dos olhos, das bordas dos copos e os bebiam às dúzias copos cheios de cerveja. Gostavam mais de “whisky”.

D. Florinda, porém, não desanimava de levá-los às recepções de Bentes e de Bastos, dar-lhe hábitos civilizados; e ambos, muito republicanos e brasileiros, não se podiam negar a receber tão autênticos e autotônicos representantes da pátria. Eles, porém, embriagavam-se lamentavelmente.

A parcial incompreensão dos seus atos e desígnios levou D. Florinda a criar uma aula pública de guarani. Era seu intuito ensiná-lo aos jornalistas, para que, conversando estes com os tupinambás, ficassem certos do seu adiantamento mental e da ciência que tinham armazenado. Os poderes públicos, graças à influência de Bentes, logo viram a grandeza do intento de D. Florinda e deram-lhe apoio.

D. Florinda tinha muitos caboclos e sempre aumentavam conforme a sua fortuna.

Dentre todos, porém, ela estimava sobremodo um chamado Tupini. Era um índio alto com uma cabeleira de apóstolo; calçava com dificuldade as botinas, e os seus pés debaixo delas eram só ossos. Tinha as pernas arqueadas e o caiapó bem parecia ser familiar à montaria do cavalo. Tupini veio assistir à lição ao lado de D. Florinda. Começou a professora por asseverar que o guarani era a língua mais antiga, mais bela do mundo; e exemplificou:

— Meus senhores, vejam só esta frase: amané saçu enacá pinaié. Sabem o que quer dizer?

O auditório ficou suspenso, e D. Florinda explicou:

— O peixe vive no mar.

— Tá eado — gritou Tupini.

D. Florinda voltou-se para o índio e respondeu em guarani:

— Puxiguera che aicó.

— Tá eado — gritou Tupini.

Os circunstantes entreolhavam-se, esperando pela continuação da lição.

— Não é só nessa frase que a beleza da língua se revela. Temos outra: meu mameara cê necê — que quer dizer: minha noiva é bonita.

Tupini disse devagar:

— Tá eado.

— Tupini! Tupini! Não queira me corrigir!... Esta é a língua de outra tribo. Xerêê corê!

— Tá eado.

Os discípulos foram um a um saindo e a lição não foi adiante naquele dia.

Aproveitando os seus conhecimentos do guarani e a malta de caboclos que tinha, cansada de simples recepções de pessoas importantes no momento, D. Florinda fundou a sociedade destinada a cultivar a memória do almirante Constâncio, tio de Bentes.

Ainda dessa vez, ela ia ao encontro de uma corrente popular. Desde que a fortuna de Bentes começara a brilhar, a lembrança de seu tio veio de novo a certas pessoas já totalmente esquecidas. Nos dias de finados ou no do aniversário da morte de Constâncio, o seu túmulo ficava coberto de cartões de visitas, registro piedoso dos seus amigos, e dos do sobrinho também, sempre lembrados do almirante.

No aniversário do falecimento do almirante Constâncio, D. Florinda, após os trabalhos preliminares e obter auxílio dos poderes públicos, organizou o préstito mais votivo e comemorativo dentre os muitos que tem visto o Rio de Janeiro.

As tribos dos Munducurus, Caiapós, Omaguas, Pataxós Kaingangs, Tamoios, Carijós, Charruas, Xavantes e outras apareceram e foram representadas por comissões vestidas a caráter, tendo os respectivos estandartes: folhas de palmeiras, de bananeiras, remos de canoas, capivaras empalhadas; e, ao centro, num caminhão, reclinado sob um bananal verdejante, Tupini, de cocar e enduape, arco e flecha ao lado, pernas nuas, coxas nuas, peito nu e braços nus — o rei da floresta brasileira, que marchava para o túmulo do almirante inesquecível.

Músicas militares, de espaço em espaço, tocavam elegias; os lampiões de gás **semiacesos**, cobertos de crepe, davam um ar fúnebre às ruas; e D. Florinda, com a sua choregiada de caboclos, entoava nos intervalos um fúnebre hino tupi.

*E jo mi rean
Maenram pico?
E jo tenan
Apu ma nico.*

Ao acabar a quadra, todos, a uma só voz, repetiam:

Maenran pico?

Maeran pico?

Pela turba passava um estremecimento religioso e trombetas fanhosas e agudas estridulavam sinistramente. E continuavam:

Eguapi napê...

Maenran pico?

Eguapi tenon!

Aguapi ma nico.

Mal terminavam de cantar a quadra, o coro repetia em longa e profunda toada:

Maenran pico

Maenran pico.

De novo as trombetas guinchavam, e o préstito caminhava lentamente, em direção ao cemitério. Houve quem dissesse que o hino de D. Florinda era uma canção erótica de origem paraguaia; entretanto, esse detalhe não foi notado e os adeptos de Bentes muito prezaram tão bela homenagem à memória de seu tio.

Esse aspecto caboclo não foi o único da singular manifestação fúnebre que D. Florinda organizou. Os caboclos, convém dizer, ao cantar — *E jo mi rean* — dançavam, sacudiam a juba e faziam roda ao chegar o coro.

Além desse aspecto, houve outros que não iam sendo mencionados. Havia associações de estivadores, de operários, de funcionários, de militares, de senhoras que tomaram parte com seus estandartes de seda, além dos clubes e cordões carnavalescos. Inácio da Costa acompanhou o préstito a cavalo, um cavalo do regimento policial. Ele vestido particularmente de verde e amarelo e o cavalo enfeitado com florões desses crótons que antigamente chamavam “Independência”.

Trazia, à maneira de lança, um estandarte em que se lia na bandeirola: “À bala”.

Formou-se essa espécie de marcha solene, sob as vistas atentas da polícia; e desfilou vagarosa, ao som das músicas, cânticos e trombetas, pela Avenida afora.

Na cauda, como representação do Futuro, condicionado pelo Passado e contido no Presente, grupos de crianças, que, no descanso da procissão, faziam “roda” e cantavam candidamente:

Ciranda, cirandinha!

Vamos todos cirandar!

Vamos dar a meia volta,

Volta e meia vamos dar!

O alto simbolismo filosófico e patriótico do préstito foi muito gabado pelas pessoas simpáticas à causa de Bentes, sobretudo pelo Diário Mercantil, que viu no fato um ressurgimento do sentimento republicano e nacional. Foi gratuito.

O Rio de Janeiro todo moveu-se para ver a procissão fúnebre; mas era curioso que muitos não o vissem comovidos e não encontrassem nada nele que lhes lembrasse a homenagem que pretendia prestar.

Inácio Costa, com o seu “À bala”, apoiado em um dos estribos, do alto da sela, olhava com severidade patriótica para as moças que se espantavam com seu vestuário bicolor; e, só na altura do Catete, pode desfazer a carranca, quando cumprimentou sorridente Benevenuto, que via aquele desfile com um assombro de idiota chumbado no rosto.

Pelas bordas do préstito, alguns entusiastas e mais membros da sociedade distribuía em retângulos de papel os seguintes versos:

AO ALMIRANTE CONSTÂNCIO

Esta é a ditosa pátria minha amada

Camões. Canto III XXI

Oh! Pátria! Lugar em que nascemos.

Onde temos amor e amizades!

Escuta o nosso preito⁵⁸ de saudades

Daquele que faz que nos juntemos!

Nele as vontades portentosas⁵⁹

Dos fortes patriotas se juntaram

E com resplendor nele brilharam

do passado as lembranças majestosas.

Que o seu nome seja sempre santo

Sob o lindo manto do cruzeiro.

Ele que foi grande pregoeiro

Da República — termo sacrossanto!

⁵⁸ Tributo; homenagem.

⁵⁹ Maravilhosas.

Inácio Costa

Benevenuto leu e releu os maravilhosos versos de Inácio Costa e pasmou. Será possível que aquilo tudo se estivesse passando no Rio de Janeiro? Como é que tanta gente tinha de uma hora para outra mudado tão inteiramente de mentalidade?

A procissão continuava a passar lentamente. D. Florinda com seu coro choroso entoava a canção equívoca do Paraguai e as trombetas, a longos intervalos, faziam: Fué! fon! Fué! fon!

Xandu passou no desfile, sentado em uma discreta carroça, que dirigia com a naturalidade e elegância de quem guia uma carruagem num parque de luxo.

Um popular cochichou a outro:

— Por que, ao menos, ele não consertou as rodas?

As rodas bambas da carroça, tão necessárias ao seu serviço normal, intrigavam os habitantes da cidade, estranhos aos trabalhos agrícolas. O grupo lá se foi... *Menran pico... fué! fon!... Maenran pico... fué! fon!*

Benevenuto deixou o Catete e dirigiu-se vagarosamente ao encontro de Edgarda. Ela lhe havia escrito cheia de desolação. A situação se obscurecia e pedia a ele o seu auxílio com mais insistência. Verdadeiramente amava-a, tinha necessidade dela na sua vida e no seu pensamento; mas sempre foi difícil a ele compreender por que razão íntima Edgarda teimava em fazer figurar o marido como um orador ilustrado. Por meio do marido, parecia, ela dava expansão à sua necessidade de domínio; era ingênuo, porém, fazê-lo, porque Numa, com a sua irremediável preguiça mental, nem ao menos os autores que citava lia e deles compreendia alguma coisa. O seu abatimento de inteligência pedia uma artificial alimentação intelectual e esta ainda não havia sido inventada.

Benevenuto era moço de trinta e poucos anos, alto e tinha o olhar miúdo e penetrante.

O seu parentesco com a esposa de Numa era por parte da mãe dele, de forma que, por temperamento e pelo sangue, era completamente estranho às competências políticas dos Cogominhos.

Pudera bem ter-se casado com a prima; teria evitado aquele amor às escondidas; mas não só não a notou, quando solteira, como também percebia que, se o houvesse feito, não teria por ela a ternura de hoje. Não seria a mesma; o casamento tirou ou

Numa e a Ninfa

deu a ela alguma coisa, e isso que lhe tirou ou lhe deu é que o atraía para ela.

De há muito quisera dizer a ela que Numa não podia por muito tempo representar o papel; que era necessário que ficasse na fama; que não forçasse a sagacidade dos outros, mas vieram essas atrapalhões políticas e o orador do bando de Neves tinha que se manifestar de vez em quando.

Além do mais, com os absurdos que Bentes e os seus avançavam, o trabalho de justificá-los forçava de tal forma a inteligência que era bem preciso uma mentalidade totalmente diferente da humanidade, para defender as proposições dos partidários do general com alguma vantagem.

As inteligências normais tinham até pudor diante delas mesmas, vexadas em sustentar as tolices que imbecis berravam e escreviam por conta de Bentes.

Benevenuto vinha a pé com as mãos cruzadas às costas, agarrando a bengala; tinha a cabeça baixa e poucas vezes olhou o mar. No largo da Lapa, esperando o bonde, encontrou Mme. Forfaible e a sua amiguinha.

— Oh! Doutor! Muito bonito! Gostou do desfile?

— Estava bom.

— Gostei muito — continuou Mme. Forfaible. Aquele caboclo estava muito bom... O que é que representa, Maci?

A amiguinha respondeu com presteza:

— O rei da floresta brasileira. Gostei muito das crianças...

— Os cantos, doutor, não reparou? São muito bonitos.

Benevenuto pensou um instante que todas as nossas festas tendem para o carnaval e que aquelas damas falavam da grotesca **panateneia**⁶⁰ fúnebre, do desfile em homenagem a um morto, com o mesmo entusiasmo com que falariam das cavalgadas dos clubes carnavalescos.

Mme. Forfaible continuou com volubilidade:

— Deixei Manoel dormindo... Não podia deixar de ver...

— Seu marido ainda está na comissão?

— Está... Mas está vendo se arranja outra coisa...

— Não tem se dado bem?

— Tem... Mas... É preciso coisa melhor...

— Naturalmente.

— Lá na terra dele, falam muito em ele ser presidente do

⁶⁰ Festa grega em honra a Palas Atenas, divindade grega da sabedoria e da justiça.

Estado... Eu não gosto muito... Deixar o Rio de Janeiro, ir para o mato...

— Não é mato, minha senhora.

— Ora! Não acredito! Por mais que me digam que aquilo lá tem ruas, tem teatros, famílias, não sei por que não admito. Contudo, se fizerem muita questão, nós iremos.

Mme. Foirfable e a sua amiguinha tomaram o bonde, Benevenuto acompanhou-as com o olhar, pensando nas causas que tinham determinado esse despertar, em tantos generais e coronéis, excelentes capacidades políticas; e também nas que tinham provocado os líderes lembrarem-se deles assim de uma hora para outra.

Encaminhou-se para o seu destino, sempre a pé e vagorosamente.

Chegou à travessa. Entrou. Na sala, a mãe e a filha costumavam. As duas faziam a sua tarefa com dedicação e cuidado. Aqui e ali, uma delas deitava a cabeça, colocava de certo modo a costura e a examinava com alegria nos olhos. Um instante, Benevenuto julgou que ofendia com seu amor a miséria daquelas mulheres; afastou o pensamento, cumprimentou e entrou. Edgarda já estava lá e sem a roupa de sair. Abraçaram-se muito e ela teve um gesto de choro. O primo quis afastar a emoção dela:

— Vieste cedo...

— Vim, meu amor, vim. Não viste o desfile? Numa e papai foram.

— Vi, mas não os vi lá.

— Foram ao cemitério. Fiquei só e vim.

— Mas que é que tens?

— Nada... Nada...

— Fala!

— Não sei... Um pressentimento...

— Que é?

— Não sei, Benevenuto; não sei. Está me parecendo que vão tomar o lugar de papai e de Numa.

— É possível, mas não compreendo esse teu desgosto. Se fossem empregos, se por isso a tua situação financeira fosse abalada, vá; mas continuas no mesmo; que tem que o teu marido seja ou não deputado?

— É um desaforo! É um desaforo!

— Desaforo como? Essas funções são mesmo transitórias, tu sabes disso, minha filha.

Numa e a Ninfa

— Mas... O que me aborrece é essa Anita, a mulher de Forfaible!

— Que tem ela?

— Quer fazer o marido governador.

— Ah! Ele é de Sepotuba?

— É... Não sabias?

— Ela acaba de dizer que têm lembrado muito o nome dele para governar o Estado, mas não sabia qual.

— Pois é verdade: são ela e o Salustiano que intrigam. Já o Macieira...

— Sê prudente, Edgarda. O teu orgulho te faz cega e apaixonada, o que vem a ser a mesma coisa. As eleições de governador ainda estão longe... Teu pai não se dá por vencido... Faz o Forfaible senador agora, ele se contenta e vocês embrulham o Salustiano.

Sentada na borda da cama, a moça ficou pensando. A sua fisionomia abriu-se por fim num sorriso e disse:

— É verdade!... A Anita fica até contente... Tu és uma **joia**.

E abraçaram-se e beijaram-se por um tempo perdido no mais absoluto silêncio.

Quando Benevenuto deixou Edgarda, o dia ia adiantado e já na rua do Ouvidor estavam de volta os romeiros ao túmulo do almirante Constâncio.

Inácio Costa tinha ainda o seu traje verde e amarelo e na cabeça a esfera azul com estrelas de papel branco. Não trazia mais a terrível lança “À bala”, mas continuava a distribuir os versos que trazia nas fundas algibeiras da vestimenta.

No Café do Rio, muitos como ele se juntaram, discutindo e sempre proclamando a salvação da República. Parecia que queriam voltar aos cruéis dias do florianismo. Na Avenida, da mesma forma, havia grupos de civis discutindo com entusiasmo e era de supor que a excitação e a satisfação lhes tivessem vindo do brilho, da imponência e da majestade do cortejo de D. Florinda, cortejo que mostrou de que maneira Bentes era popular com os dotes do tio morto.

Benevenuto afastou-se cautelosamente daquele fervedouro de patriotas que ele não compreendia, por não querer julgá-los todos interessados e ambiciosos. Havia neles não sei quantas ilusões do poder do governo, da efetiva riqueza da pátria; havia neles tanta maldade, tanta intolerância em nome da República,

que Benevenuto os evitava para não se irritar.

Sentia bem o vago da pátria, o misticismo da **ideia**, a sua força religiosa, e tinha medo que essa sobrevivência mesclada ao delírio republicano não desandasse em violência, em perseguições em nome de Bentes impassível e inerte.

De caminho para casa, viu no bonde que descia o senador Macieira. O homem vinha triste e certamente a tristeza lhe trouxeram as cogitações políticas.

De fato, Macieira tinha jogado mal a cartada. A sua renúncia do cargo dera motivo a que os seus adversários lançassem a candidatura de Contreiras. Seria lógico que os adversários de Macieira, que apoiava e desejava a presidência de Bentes, não a apoiassem nem a quisessem. Os adversários do senador de Palmeiras queriam, entretanto, a presidência de Bentes. Nesse ponto estavam de acordo.

Esperando a chegada da mulher de Lussigny, o senador tinha procurado todas as influências que pudessem afastar o apoio de Bentes às ambições de Contreiras. Bastos tinha falado com franqueza e afiançado que por ora nada podia fazer; que era melhor dar carne às feras e esperar a digestão sonolenta delas para domá-las. Macieira, porém, não tinha esse sangue frio de estrategista político. Fora a Bentes.

— Ora, doutor! — dissera. — O Contreiras não quer nada absolutamente... Nunca se incomodou com política.

Entretanto, as notícias chegavam a ele desoladoras. A oposição se armava e os jornais anunciavam claramente motins de modo a permitir uma intervenção ou impedir que a **assembleia** decidisse livremente.

Macieira punha as mãos na cabeça e pedia a Fuas que escrevesse denunciando o plano dos adversários. No dia seguinte, ele lia o artigo de Bandeiras e também a notícia da remessa de mais um batalhão para a capital das Palmeiras. Macieira corria ao Ministro da Guerra e este lhe dizia:

— Ora, doutor! Não interviremos... É só para garantir as repartições federais.

Na capital do Estado, os encontros se sucediam e o senador dava ordens que aumentassem a polícia. Contreiras até aí estivera calado; um belo dia, porém, apareceu uma declaração sua. Se era para felicidade do povo palmeirense, dizia ele, até agora escravizado a uma imunda oligarquia, punha a sua vida



SCHLESSE

e a sua espada à disposição dos seus patrícios.

Macieira correu a Bentes:

— Ora, doutor! Contreiras é maluco... Não passa daquilo... Palmeiras é seu...

Macieira sossegava um pouco; mas, daí a dias, recebia telegramas que alguns dos seus companheiros, deputados estaduais, tinham aderido a Contreiras. A mulher de Lussigny não chegava; quis adiar a eleição; os deputados simpáticos a Contreiras não deram número e o projeto ficou encalhado. A mulher de Lussigny não chegava...

No dia da eleição, a força federal, que tinha inflado o Estado, espalhou-se em pequenos destacamentos pelos municípios, e Contreiras foi proclamado eleito. Restava o reconhecimento, e a mulher de Lussigny não chegava...

Dias antes da apuração pela **Assembleia** Estadual, os opositores armaram uma passeata de crianças; e por detrás dela começaram a hostilizar a polícia. Os milicianos fizeram fogo e uma das crianças morreu. Macieira foi chamado de assassino, de vampiro e os soldados do Exército alagaram a cidade, ameaçaram os amigos de Macieira, e Contreiras foi reconhecido e proclamado governador do Estado das Palmeiras.

Procurado Bentes, este dissera de forma arrependida:

— Ah! doutor Macieira! Eu não sabia... Achei que o senhor fosse muito popular e estimado no seu Estado... Não está tudo acabado; havemos de harmonizar as coisas.

Macieira admirou-se que Bentes julgasse necessárias a estima e a popularidade para governar um país ou mesmo um Estado.

Toda a cogitação de Macieira vinha desses casos em que o seu incondicional apoio a Bentes tinha sido retribuído com tanta lealdade republicana. O seu poder, outrora sem limites, ia aos poucos se enfraquecendo. Tirado da chefia política de Palmeiras, nada mais conseguia. Xandu continuava a tratá-lo com toda formalidade, mas não fazia as nomeações que pedia. Quem dominava agora era Contreiras, ou melhor, o Castrioto, que governava o coronel agachando-se e bajulando-o.

A última nomeação que fizera Macieira foi a de Bogoloff; e, como este tivesse autoridade para fazer algumas nomeações no Estado, os partidários de Contreiras começaram a atacá-lo. Os jornais não cessavam de trocar os seus planos; na Câmara, os ataques eram mais diretos, e Xandu, cheio de tanto temor

quanto no começo estava de confiança, estremeceu na cadeira de ministro.

A votação do crédito destinado à instalação da Estação Experimental de Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois fora pretexto para um ataque em regra à gestão de Xandu, qualificada de gastadora, fantástica, vítima de “contos do vigário” de estrangeiros audazes como esse tal de Bogoloff, que se fizera um curioso Cristo multiplicador de bois.

O audacioso ministro tinha fé na ciência e ficou pasmo com o ataque que se fazia aos infalíveis processos de Bogoloff. Não podia compreender que não se respeitassem os estudos de um sábio e não se esperassem os resultados deles. O chefe do governo provisório tinha lhe falado a respeito; e Xandu, que, além de preparar no ministério o progresso das indústrias agrícolas, preparava também a sua chefia política do Estado das Tâmaras, temeu pelo seu destino político. Perdido o ministério, não poderia distribuir graças e favores; não conseguiria adeptos, portanto, do partido em que ia ficar à frente.

Xandu, no dia seguinte, não tomou de desgosto e apreensão o seu banho de frio, que tanta atividade lhe dava. Chegou ao seu gabinete amuado, triste, não assinou sequer um aviso e mandou, ao fim de alguns minutos, chamar o Dr. Bogoloff.

Não tardou que o russo viesse em obediência ao chamado do operoso Xandu. Bogoloff tinha altura mediana e tinha uns traços miúdos e sem relevo. Os seus olhos eram de um verde esmaecido, mas seguro na visada e investigadores.

Alegrou-se logo Xandu com a presença do diretor da sua pecuária.

— Sente-se, doutor.

O russo sentou-se à direita de Xandu, por trás de uma pilha de regulamentos e decretos a assinar. O ministro consertou o monóculo e disse com doçura:

— Mandei-o chamar, Dr. Bogoloff, por um motivo muito simples. É um mau hábito do nosso regime que tenhamos de dar satisfações ao público. Bentes, meu eminente chefe, acha isso totalmente prejudicial. Eu também; mas, como não sou chefe supremo, tenho que fazer concessões aos hábitos. Não sei, meu caro Dr. Bogoloff, se tem lido os ataques que têm sido feitos à sua repartição.

— Tenho, doutor; mas os acho tão inofensivos e tão sem base que me supus dispensado de contestá-los.

— Seria assim, meu caro doutor, se toda a população conhecesse as últimas descobertas da ciência... Eu estou perfeitamente certo da verdade dos seus processos, baseados na biologia transcendente; que eles são o resultado de úteis e profundas meditações. Mas essa gente por aí que nada conhece de ciência e não procura examinar a veracidade de seus processos, de que forma obedecem à alta ciência, acreditará nos ataques, nas piadas dos superficiais.

— E que tem isso?

— Que tem, doutor? Tem muita coisa. O seu cargo está entrelaçado com a política.

— Como?

— Pois o senhor não foi nomeado devido aos serviços do senador Macieira? O senhor não é amigo do Macieira?

— Sou?

— Pois bem. Como o senhor não deve ignorar, Macieira deixou com alguns constrangimentos a chefia da política das Palmeiras e, desde que ele não é mais chefe, as nomeações federais para lá não são feitas por propostas dele.

— E que tenho eu com isso?

— Ouça-me. O senhor, doutor Bogoloff, de posse da verba total da diretoria, pode fazer nomeações no Estado e nessas nomeações servir à política de Macieira. Eu sou amigo de Macieira, mas política é política, e estou fazendo demissões lá, para servir a Contreiras.

— Eu, porém, não me oponho...

— Não é isso. Quero-o sempre a meu lado e acho que a glória dos resultados de suas pesquisas vai ser para mim um padrão de valor político e grandeza do meu ministério. **Defenda-se**, doutor, defenda-se!

— Não é difícil. Sei bem que o desconhecimento dos deputados das ciências modernas leva-os a ataques ásperos. Eles não conhecem a citologia experimental e ignoram os mais simples elementos da citomecânica.

— Uma ciência nova, doutor?

Xandu perguntou, virou-se um pouco na cadeira, descansou a cabeça sobre o braço que se apoiava na mesa pelo cotovelo.

— Sim, doutor. São experiências recentes de mecânica celular, que pretendem estabelecer experimentalmente não só o que é uma célula em si, mas o que são os diversos órgãos

celulares e também quais são as relações recíprocas desses órgãos e as relações da célula em presença do meio ambiente ou de outras células.

As rugas aumentavam na testa de Xandu e Bogoloff continuou com método:

— Estudei sempre as experiências feitas para reproduzir artificialmente o protoplasma e as figuras cariocinéticas, a ação dos agentes físico-químicos e os movimentos das plastidas; as relações do núcleo e do citoplasma; as modificações experimentais da mitose e a sedimentação do óvulo.

— Doutor — disse Xandu, mudando de posição —, os seus trabalhos são de um valor incalculável. A minha esperança nas suas experiências é ilimitada!

— Eu, doutor, estudei a adaptação, os tropismos, tatismos, a quimiotaxia, o fotauxismo das plastidas, profundamente.

O ministro recostou-se na cadeira, olhou demoradamente o sábio russo e recomendou:

— Doutor, defenda-se por escrito. Publique no meu relatório, a sair, as linhas gerais do seu plano, mas não divulgue o seu segredo para que não nos roubem a glória. Depois de ter feito isso, a fim de deixar o agudo do momento político, vá viajar pelo Brasil em comissão que lhe encarregarei.

Bogoloff obedeceu à recomendação do seu ministro e apresentou sem demora a defesa escrita dos seus aperfeiçoados projetos zootécnicos. Xandu publicou-o e a ciência nacional respeitou o valor do russo e teve como certos os seus propósitos.

Ficou Bogoloff encarregado de visitar os Estados, de estudar sua pecuária; e de ver se em algum deles já não se procedia espontaneamente conforme as **ideias** técnicas do diretor.

Como não tivesse Bogoloff predileção por este ou aquele Estado, pôs dentro da copa do chapéu vinte pedaços de papel com o nome deles e mandou que um dos seus contínuos tirasse um dos tais pedaços. Caiu por sorte justamente o Estado das Palmeiras, para onde partiu em breve.

Esse Estado, como se sabe, não é dos maiores do Brasil, nem dos menores; é dos médios. Tem uma população de cerca de um milhão de habitantes e uma lavoura de cana-de-açúcar que se arrasta através de dolorosas crises, como a indústria de que ela é base.

A sua capital, a cidade de Tatui, tem uns **cinquenta** mil habitantes e é uma feia cidade de casas baixas, quase sem cal-

çamento, sem esgotos e com uma péssima iluminação pública.

Espanta logo a quem chega, com a quantidade de mendigos e pobres que possui, além da grande porção de gente que exerce ofícios miseráveis, como baleiros, carregadores, vendedores de água, pois não há água encanada.

Possui uma linha de bondes preguiçosos, servida por um único veículo, que só parte dos pontos quando está a meio de passageiros.

Quando o viajante se afasta da zona urbana, o espetáculo é mais miserável ainda. Só há palhoças de sapê, cercadas de pobres roças desanimadas; pelos caminhos encontram-se mulheres públicas meio rotas, carregando as esteiras em que realizam os seus tristes amores.

Pelo tempo que Bogoloff partiu, construía-se um teatro majestoso, num estilo compósito e abracadabrante.

Palmeiras já estava “salvo”, pois tinha à sua frente o coronel Contreiras, filho do venerando José Maria. Essa sua filiação foi um dos grandes títulos eleitorais; e ninguém mais se lembrava desse homem, de sorte que na rua perguntavam:

- Quem é esse Contreiras?
- É filho do venerando Zé Maria.
- Quem é esse Zé Maria?
- Não me lembro bem.

Não se atemorizou Bogoloff em visitar o Estado governado por estadista tão conhecido. Partiu o russo para aquela parte do Brasil, a bordo de um vapor do Lloyd, em fins de ano. De há muito o governo queria “salvar” essa companhia e o remédio já tinha sido achado por Xandu — o seu presidente era um general.

O pacote estava com a partida marcada para 26 de dezembro; como o governo, porém, queria número na Câmara e temia que muitos deputados fugissem nele para os Estados, adiou-a para o dia 30. Bogoloff embarcou ao meio-dia, pois os anúncios diziam que o navio levantava ferros às quatro horas.

Havia congressistas passageiros e, tendo as sessões da Câmara se prolongado até tarde, o vapor só deixou as amarras às nove horas da noite.

Foi, portanto, vendo a cidade iluminada, a se mirar nas águas negras da baía, que o russo atravessou a barra em demanda ao Estado das Palmeiras.

Navegava num mar calmo sob um céu negro em que as

estrelas faiscavam como diamantes nas trevas.

A linha da costa era de longe em longe marcada por fracas luzernas à altura das águas. As águas estavam negras e o mar tinha de noite menos atração e aparentava mais segurança.

A luz manifestava toda a sua fascinação e esclarece os perigos e as suas armadilhas.

De vez em quando, o jorro luminoso do farol da Rasa cobria um instante o navio.

Não havia quase fosforescência e as hélices rodavam ritmicamente.

Bogoloff, no salão, tinha conversado com um tenente que, com uma juvenil atitude de superioridade, não o amedrontava. O russo, habituado a tudo isso, vencera pouco a pouco as desdenhosas respostas do rapaz. Ao fim de algum tempo, ele mesmo perguntou:

— Para onde o senhor vai?

— Para Tatui.

— Vou também. Vou tratar de minha eleição a deputado.

Admirou-se o russo que aquele menino, simples tenente, já quisesse ser deputado e julgou-se obrigado a explicar.

— Vou em comissão do meu ministro.

— Conheço muito o seu ministro. O Xandu é muito trabalhador. Já mesmo fiz-lhe um elogio. Conhece Contreiras?

— Não.

— Dou-me muito com ele; é meu amigo.

— Grande político, não é?

— Grande! Fui eu mesmo quem levantou sua candidatura.

Dei o tombo no Macieira. Contreiras, meu caro senhor, é um Marco Aurélio. Nunca aceitou gratificações de fornecedores.

Bogoloff afastou-se, pensando que esse moço não sabia bem quem era Marco Aurélio. Pois um homem é Marco Aurélio só porque não furtou dez tostões? Então ele deixava de lado a sede de perfeição moral do imperador romano, a sua profunda piedade e a sua ânsia de bondade e fraternidade, para batizar de Marco Aurélio um vaidoso coronel aí qualquer?

Era curioso um tal fato e Bogoloff dirigiu-se pesaroso para a coberta do navio que a noite envolvia e o mar suportava.

Havia poucos passageiros na tolda e, entre eles, não se estabeleceram conversas. Todos tinham mergulhado no insondável mistério daquela noite de trevas sobre o oceano imenso.

De repente, um grito quebrou aquele silêncio:

— Meu binóculo! Ó, comandante! Pare! Pare!

Às perguntas de explicação, ele se limitava a responder:

— Onde está o comandante?

Vendo o capitão, entre o tom de pedido e o de ordem, ele disse:

— “Seu” comandante, é preciso voltarmos ao Rio. **Esqueci-me** do meu binóculo.

O comandante o fez ver que isso era impossível e tal coisa iria causar graves prejuízos à companhia e aos passageiros. O homem enfureceu-se e gritou:

— Sabe com quem está falando?

O comandante disse que não sabia, mas que não havia necessidade de sabê-lo, pois se tratava de medida de suas atribuições, sendo ali a sua autoridade em tudo soberana.

— Pois bem — disse o homem —, tenho imunidades; sou o senador Leiva, amigo de Bastos.

Respondeu o comandante no mesmo tom de voz:

— Vossa Excelência irá me perdoar, sr. senador, mas não posso voltar.

Nisso apareceu um indivíduo metido em boas roupas, de onde desentranha a cabeça, e exclama:

— Que desaforo! Desrespeitar um senador!

O comandante tentou convencer o parlamentar de que se podia servir dos binóculos de bordo, pois os havia muitos; mas o senador intimou:

— Quero o meu binóculo. Não quero outro. Ou o senhor volta e eu voto a autorização para o empréstimo da companhia, ou não volta e eu e a minha bancada faremos uma guerra tremenda ao projeto.

À vista disso, o comandante, que sabia das dificuldades da empresa, tanto assim que não recebia os seus vencimentos havia três meses, virou de bordo e voltou para buscar o binóculo do senador Leiva, amigo de Bastos.

X

Os seguidores de Bentes acharam que o melhor meio de fazê-lo presidente do Brasil era impedir que houvesse eleições na

capital do país. Todas as tendenciosas passeatas de batalhões, a inundação da cidade por valentões e capangas, as ameaças de perda de emprego não lhes deram segurança de vitória; e houve neles, tal era o vigor da população, temor de que se a compressão se efetivasse acabasse ela em trabalho mecânico inesperado, repentino, uma erupção contra o sindicato, que se acovardara diante das baionetas e iludia a própria consciência fingindo entusiasmo.

As seções eleitorais foram, pois, fechadas, os livros não apareceram e o Campelo com Totonho, outros do bando e oficiais foram vistos arrebatando-os dos carteiros do Correio.

Todas as ameaças e espécies de subornos empregaram contra os funcionários postais que tinham de lidar diretamente com os livros eleitorais; e Campelo, dias depois, gordo, barrigudo, desfazendo-se em gorduras, passeava o seu olhar trampolineiro sobre a população, do alto de um automóvel, entre Totonho e Lucrécio **Barba de Bode**.

Pensava este sempre no emprego; Campelo não se fartava de dizer que viesse o “homem” e ele estaria colocado de vez.

O reconhecimento de Bentes, poucos meses depois, foi feito com mais segurança, graças aos votos dos deputados já contados e empenhados; e assim mesmo não deixavam os batalhões de sair às ruas, bandeiras ao vento, rufos de tambores, marchas **heroicas**, a oferecer batalhas ao país inteiro.

O nome de Lucrécio ficara famoso em todo o âmbito da cidade e subúrbios. Não lhe separavam o nome do do general Bentes. Nas próprias notícias dos jornais lá vinham juntos os tópicos que se referiam a ambos.

A ação de Lucrécio foi animada e maravilhosa. Ele destruiu cartazes, apreendeu boletins, rasgou jornais, e, aqui e ali, dava um tiro de revólver.

Foi coisa comum naqueles dias dar tiros de revólver pelas ruas. A polícia nada apurava e o próprio chefe, Juca Chaveco, perguntava aos auxiliares:

— Que foi?

— O Lucrécio deu um tiro ontem.

— Ah! Brincadeira... Pau de fogo às vez queima por si...

Chaveco mostrou-se muito hábil na gestão policial da cidade. Não se podia imaginar que aquele caipira tão simples, tão bonachão, de aspecto tão medroso, procedesse de forma tão profundamente política e atual.

No inquérito dos crimes de Liberato, escreveu o relatório mais original de que se possa ter notícia. Não havia dúvida, dizia ele, que os mortos tinham sido por balas de revólver, mas os revólveres alcançam muito longe e podiam ter sido disparados de outro lugar que não aqueles indicados nos autos. Quanto ao depoimento do médico, devia não ser tido em consideração como os de certas testemunhas por não estarem habituados a depor, não terem a prática suficiente de tão espinhoso ofício.

Chaveco era homem grato e não se detinha em consideração alguma de ordem moral ou intelectual para provar a sua gratidão. Dizia mesmo:

— Amigo é amigo. O compadre não fica má, nem à mão de Deus-Padre... Já fiz muito irrelatório lá na roça...

Lucrécio foi acusado de dar tiros, a polícia pôs-se em campo e afirmou que não era possível que ele tivesse feito semelhante coisa, a não ser com os pés, pois não tinha as mãos.

Barba de Bode apareceu durante alguns dias com os braços dentro do casaco, pedindo, nos botequins que lhe levassem a bebida aos lábios.

A mulher, porém, é que continuava a temer pela sorte do marido. Conhecia seu gênio irritável, habituado, agora, às violências, sem temor; sentia a injustiça da causa a que servia e via bem em torno dela a indignação, a fúria do povo, de toda a gente, contra Bentes, contra Campelo, contra os valentões assalariados, como o marido.

Ela sempre quisera que voltasse ao ofício, que trabalhasse com regularidade, que contasse unicamente com o salário exíguo da oficina; mas o marido, às vezes com bons, outros com maus modos, resistia e metia-se na tal política, no jogo, nas desordens.

Um dia ou outro, voltava para casa com quantias de certo porte e ela, um instante, esquecia os perigos da vida que levava, da maneira injusta que empregava a sua bravura.

Moravam ainda na mesma casa da Cidade Nova e não havia por ela mais abundância do que em outros tempos. Aquela vida era precária; e o dinheiro que Lucrécio recebia ia logo para pagamentos e despesas.

Naquela manhã, Ângela estava à janela esperando que o pequeno passasse vendendo o jornal do bicho. O filho estava na escola e Ângela não pudera mandar buscá-lo cedo. Esperava

que o vendedor passasse quando viu um senhor de certa aparência entrar na venda. Quase todos que passavam na rua ela conhecia e um estranho logo feria sua memória. O senhor saiu da loja trazendo atrás de si o dono, que apontou para ela. O homem aproximou-se; logo que chegou bem junto a ela indagou:

— É aqui que mora o Sr. Lucrécio?

— É. Que deseja?

— Desejo falar com ele.

Imediatamente Ângela pensou que ali estivesse um dos graúdos para os quais o marido trabalhava. Sem demorar, abriu a rótula e o fez entrar para a sala, onde os santos se amontoavam no oratório sobre a cômoda, com o ramo de arruda, na água, ao lado.

— Faça o favor de sentar-se.

Ela olhou o homem, que era claro, cabelos brancos, e uma aparência toda de esforço e trabalho. Vinha vestido de fraque, e as botas eram boas e justas nos pés.

— Meu marido está dormindo, mas vou acordá-lo. Faça o favor de esperar.

Sentado, o visitante olhou a casa, os móveis pobres, tirou o pincenê e enxugou em seguida o suor do rosto. A mulher de Lucrécio voltou logo e ele pode dizer:

— Este Rio está muito mudado. Quase não o conhecia mais... Reformaram quase todo.

— Há muito que não fazem outra coisa senão derrubar casas... E as coisas encarecem de uma forma, meu senhor, que não sei onde iremos parar.

A mulher retirou-se com a entrada de Lucrécio na sala.

— Bom dia.

— Bom dia.

O recém-chegado apressou-se em apertar a mão do dono da casa e ambos sentaram-se em seguida.

— Sou o Dr. Gama Silveira, engenheiro.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo.

— Venho aqui, senhor Lucrécio, pedir-lhe um favor.

— No que for possível, Doutor!

— Estou há muito tempo como engenheiro do governo de Palmeiras... Não sou moço, tenho filhos e não há meios de ser promovido.

— De que partido é o senhor?

— Não tenho partido.

— É por isso.

— Mas sempre fui admirador do general Bentes, seu amigo, e agora era ocasião para me fazer justiça.

— Mas...

— Eu desejava, senhor Lucrécio, que o senhor, junto ao seu grande amigo...

— As nossas relações não são tão grandes.

— Devem ser, pois todos quando falam no nome de um falam no do outro.

— Sou grande admirador dele, grande mesmo; e só.

— É a mesma coisa; e, pelo tempo, já devem ser amigos. Ia dizendo que queria que o senhor se interessasse por mim e me fizesse promover a engenheiro de primeira classe. Vim ao Rio propositadamente para isso... Há vinte anos que me passam a perna, estou envelhecido, preciso educar as filhas e os filhos e o aumento que me traz a promoção seria muito útil. Se o senhor se interessasse, estou certo que a promoção se faria e eu ficaria muito grato ao senhor.

— Há vaga?

— Há.

— Não garanto; mas vou falar aos amigos e farei o possível.

— Posso ir descansado?

— Pode.

O engenheiro tomou o chapéu de chuva e o de cabeça que estavam encostados a um canto, apertou a mão de Lucrécio e saiu para a rua com a cabeça baixa.

Lucrécio, que tinha ficado à janela, lembrou-se qualquer coisa e chamou o engenheiro:

— Doutor! Doutor!

Voltou-se logo o velho funcionário e perguntou:

— Que deseja, senhor Lucrécio?

— O senhor não me deu o nome todo e o lugar que quer.

— Ah! É verdade!

Tirou um cartão da carteira e escreveu rapidamente a lápis o que queria; e seguiu o seu caminho marchando a pequenos passos, sempre de cabeça baixa.

Lucrécio informou à mulher do que o engenheiro desejava. Teve ela uma grande alegria com a importância que o marido ia ganhando, mas, ao mesmo tempo, lembrou-se:

— Você arranja tudo para os outros e não arranja nada

para você.

— Deixe estar, mulher, que a minha vez há de chegar... Quem não tem habilitações tem que esperar.

Vestiu-se Lucrécio e desceu com pressa à cidade, para passar um telegrama empenhando-se com Contreiras pelo engenheiro. Interessava-se muito por aquele homem simples, formado, esquecido, que fora ao seu encontro pedir justiça. Desceu a rua do Ouvidor com pressa; mas logo ao chegar à rua Primeiro de Março, teve que cumprimentar Mme. Forfaible.

A mulher do general não se cansava de andar na cidade e procurava variar a hora dos seus passeios. De fato, as ruas centrais pela manhã têm um aspecto de trabalho e atividade que as veste de modo diferente das outras horas do dia.

Não há conversas das esquinas; as carroças com cargas grosseiras passam por elas e pelas lojas há uma azáfama⁶¹ de lavagem e arrumação.

Na rua Primeiro de Março, porém, mais que nas outras horas, as libras brilhavam nas vitrinas e os bilhetes de bancos podem ser estalados entre os dedos pobres.

Mme. Forfaible chamou Lucrécio e perguntou muito naturalmente:

— Que é que se diz do meu marido?

— Não sei... Não vai ser senador?

— Não queria... Queria que ele fosse ministro! Não dizem nada por aí?

— Que eu saiba não. Mas a senhora sabe que essas coisas, nós, os pequeninos...

— Diga-me uma coisa, Lucrécio: isso que se diz aí da mulher de Lussigny é verdade?

— Que é, minha senhora?

— Que ela influencia muito Bentes.

— Ah! É uma de Paris?

— É essa mesma.

— Dizem que sim, D. Anita. Dizem que ela é quem faz tudo, que o general só faz o que ela quer. Ela já está aí.

— Eu sei. Vou falar com ela. Meu marido há de ser ministro.

Despediram-se e Lucrécio seguiu em direitura à Central dos Telégrafos. Se bem que fosse amigo de Macieira, não estava incompatível com Contreiras, a quem mesmo dissera que não trabalhava em seu favor por ser camarada leal do adversário

⁶¹ Pressa na execução de um serviço.

dele. Não havia nenhum obstáculo em pedir pelo engenheiro que há muitos anos não passava do mesmo lugar, portanto, em tal sentido, telegrafou:

“Exmo. Sr. Coronel Contreiras – Tatuí – Palmeiras – Respeitosamente peço a V. Exa. promover engenheiro Gama Silveira vinte anos preterido – Lucrécio”.

Contreiras, logo que tomou conta do governo do Estado, mandou destruir o jornal da oposição; e, em seguida, fez um inquérito em que o seu delegado procurava demonstrar que haviam sido os proprietários do jornal os autores da destruição.

Para isso, além do seu cinismo em afirmar, o tal delegado empregou a coação e a ameaça sobre os depoentes, pobres operários que eram obrigados a dizer tudo o que convinha à autoridade.

Não contente com isso, dividiu o Estado em vários distritos agrícolas, à frente dos quais pôs um inspetor e meia dúzia de auxiliares; todos gente sua, que se encarregavam de esbordoar aqueles que demonstravam de qualquer modo não concordarem com “o salvador”.

As reclamações choviam e os delegados policiais faziam inquéritos onde diziam que não havia nos casos coisa alguma de política, mas simples rixas por questões de mulheres ou de família.

Havia em Contreiras, como em todos os déspotas de sua escola que se seguiram, um terror extremo diante da lei que violavam. Não tinham coragem de fazê-lo francamente, claramente, ousadamente; mascaravam as suas violências, os seus assassinatos, com manobras legais e outras, falando sempre em liberdade, em ordem, em paz e prosperidade.

Bogoloff, chegando ao Estado, teve vontade de visitar o governador e pediu-lhe uma audiência; mesmo porque, se não o fizesse, corria perigo a sua segurança.

Já começavam a desconfiar “daquele estrangeiro”, isto é, não do súdito russo, mas do indivíduo estranho ao Estado, pois assim chamavam os que não viviam e residiam lá.

Viu-se o Diretor da Pecuária muitas vezes seguido por tipos suspeitos, e à vista disso declarou a sua qualidade de oficial e pediu uma audiência ao governador. Ele concedeu sem muita demora e Bogoloff pode encontrar-se com um homem muito comum, de feições e inteligência. Não pode sacar dele nem uma

ideia sobre a administração e o governo. Só lhe dizia:

— Este Estado, doutor, tem sido muito roubado. Agora as coisas vão entrar nos seus eixos. Sou honesto e não concordo que ninguém roube à minha sombra. Quanto a bois, há por aí muitos, mas esse negócios de bois não é dos mais urgentes. A polícia não está bem instruída...

Quando o russo lhe falou da miséria da população, na lamentável impressão que isso fazia a quem vinha de fora, ele lhe disse:

— É... É... São uns vagabundos. Estou tratando de fundar uma colônia correcional.

Aquele homem não via que era o próprio governo que estava criando aquela situação; que era, além de outras coisas, a quantidade formidável de impostos cobrados pelos governos municipal, estadual e federal, tornando o trabalho infecundo e afastando o emprego de capitais.

Perguntou ao Dr. Bogoloff em seguida pela política central, se Bentes ainda era muito atacado, se lhe faziam muita oposição. Disse-lhe o russo que os jornais do Rio atacavam-no muito e Contreiras observou:

— Sei... Sei... Se eu estivesse lá os fazia calar.

Tomou por aí uma expressão feroz que lembrou ao russo Tamerlão e Gengis Khan.

Despedindo-se do governador, Bogoloff prometeu no dia seguinte ir assistir a uma sessão da Câmara dos Representantes.

— Venha, doutor — disse Contreiras. — O senhor vai ver que Congresso disciplinado! Que ordem! Que obediência! Não é aquela “praia do peixe” do Rio.

A Constituição do Estado, moldada na Federal, estabelecia a independência e a harmonia dos poderes estaduais, que eram o judiciário, o executivo e o legislativo.

O Estado não tinha Senado e o órgão do seu poder legislativo era unicamente a Câmara dos Representantes, que funcionava em uma ala do palácio do governador.

A sala não era apropriada ao seu destino, mas era ampla e bem iluminada; e, como já fosse conhecida a qualidade de Bogoloff, deram-lhe uma espécie de camarote, ao nível do recinto, a que chamavam de tribuna.

O doutor chegou cedo e pode ver a entrada dos deputados. Havia alguns jovens bacharéis e tenentes, muito pimpantes nos seus trajes da moda; e havia também aqueles curiosos tipos de

coronéis de roça, que vinham às sessões em terno de brim, com botas de montar e a açoiteira de couro cru, pendente na mão direita, presa por uma corrente ao respectivo pulso.

Chegavam e espalhavam-se pelas bancadas, conversando e fumando. Junto de Bogoloff, havia dois, um dos quais lia, à meia-voz, um artigo de jornal para o outro ouvir.

Não passavam os congressistas de vinte e tantos, e o russo perguntou a alguns se era aquele o número exato de representantes. Foi-lhe dito que não, que eram quarenta e cinco, mas que só pouco mais da metade frequentavam as sessões. Os outros, acrescentou o informante, ficam nas suas fazendas e mandam unicamente receber o subsídio por seus procuradores.

A sessão custou e ter começo. Afinal o presidente e secretários tomaram seus lugares e a chamada foi feita. Notou Bogoloff que, quase bem perto a ele e ao lado da mesa, um pouco distante, havia uma ampla cadeira de balanço, cujo motivo de estar ali era difícil entender.

Lida a ordem do dia, foi anunciado o expediente, e um deputado gritou do fundo da sala:

— Peço a palavra.

No mesmo instante, a cadeira de balanço foi ocupada. O coronel Contreiras vagarosamente aproximou-se e sentou-se nela. Estava vestido muito simplesmente, com uniforme de cor cáqui, sem colarinho, em chinelas de marroquim e até o dólmã estava desabotoado.

Atendendo o pedido do deputado, o presidente da Câmara falou:

— Tem a palavra o deputado Salvador da Costa.

O deputado não abandonou a bancada e começou com voz cantante:

— Senhor presidente, a cidade de Cubango, uma das mais prósperas do nosso interior, berço de tantas glórias, como Manoel Batista, Francisco Costa, o bravo João Fernandes e outros, acha-se, por assim dizer, completamente isolada do resto do Estado.

Chamo a atenção de V. Exa. e da Câmara para tão grave fato que muito depõe contra a pública administração. As notícias que me chegam, a respeito do estado das estradas que a põem em comunicação com as suas irmãs do nosso torrão natal, são absolutamente desanimadoras. A inspetoria de obras no seu

habitual relaxamento...

Por aí, foi interrompido por um vibrante grito do governador:

— Senta-te, Salvador! Fala agora o João.

O deputado Salvador, abandonando o fio do discurso, desculpou-se:

— Vai me perdoar, senhor coronel doutor governador. Trato pura e simplesmente de uma questão administrativa. Não há política nem intenção de fazer oposição a V. Exa.

Não lhe deu ouvidos o governador e continuou a gritar lá da cadeira de balanço:

— Senta-te, Salvador! Não prestas pra nada! Fala agora o João!

O deputado Salvador ainda esteve alguns minutos em pé, hesitante, sem saber o que fazer, olhando aqui e ali; porém, um berro mais enérgico do coronel presidente fê-lo cair sentado sobre a cadeira, como se houvesse sido derrubado por um raio.

O resto da sessão correu normalmente e não houve mais necessidade da intervenção enérgica do senhor coronel doutor governador. Por fim, um deputado apresentou uma proposição de congratulação com o coronel Firmino, chefe político do município de Cubandê, por fazer anos naquele dia.

Bogoloff deixou o edifício e dirigiu-se ao hotel em que residia; a viagem era curta, mas o trânsito era difícil, pois não dava um passo sem que não encontrasse um pequeno que se propunha a levá-lo a lugares suspeitos.

Resolveu-se a abandonar Tatui e foi despedir-se de Contreiras dias depois. O coronel doutor governador estava em pleno trabalho no seu gabinete. Recebeu-o com prazer.

— Tenho aqui um telegrama de Lucrécio, pedindo pelo Gama Silveira. Vou promovê-lo, mas diga ao Lucrécio que o faço por causa dele, se fosse Bastos não fazia. Não admito a sua intervenção na autonomia do Estado!

Bogoloff não veio diretamente para o Rio. Fez a viagem de volta parando e demorando-se nos portos de escala. Tinha mesmo combinado com Xandu demorar-se o mais possível para lhe dar inteira liberdade no que toca às exigências políticas de Contreiras, evitando assim que a sua gratidão a Macieira tivesse escrúpulos em obedecer a certas ordens.

Bogoloff teve a ocasião de verificar, na sua lenta volta, que todas as cidades do Brasil se parecem, têm a mesma fisionomia,

possuem casas edificadas da mesma forma e até as ruas têm os mesmos nomes e os apelidos das lojas de comércio são os mesmos.

Um país tão vasto, que se desenvolveu através de climas e regiões tão diferentes, é, entretanto, nos seus aspectos sociais, monótono e uno.

Já tinha o russo notado isso na sua viagem para o Estado das Palmeiras, e, na volta, foi que se certificou com vagar.

Quase a um tempo recebeu Lucrécio **Barba de Bode** telegramas de Bogoloff e do secretário do governador, avisando-o que o engenheiro havia sido promovido. A atividade política de Lucrécio estava captada agora em apreender os assovios. A população, roubada nos meios de manifestação de seu querer, virava-se para a terrível arma das crianças — a vaia.

Os partidários do governo sabiam que as casas de brinquedos não tinham mãos a medir na venda de gaitas, apitos, assobios; e os funileiros da cidade haviam deixado outras obras para fabricarem esses inocentes brinquedos de infância.

Todo o trabalho da polícia fardada, civil, oficial, oficiosa, particular, era caçar assovios. Era ver um cidadão com uma gaita, logo lhe tirava; os doceiros escondiam as flautas com que anunciavam os quindins que levavam. Lucrécio, alto, espadaúdo, tórax proeminente, com o seu paletó de alpaca, corria a cidade com o bengalão de pequi arrancando assovios. Uns inutilizava na chefatura, mas outros levava para casa. O filho, quando vinha visitá-los, não se apercebia da proibição e apanhava as gaitas. Dava-as às crianças da vizinhança com uma liberalidade de milionário, essas flautas gritantes e sereias agudas, de forma que a rua onde morava Lucrécio se encarregava de fazer voltar à população os assovios que lhe eram arrebatados pelos policiais.

Fuas Bandeiras, no seu jornal, não se cansava de doutrinar contra o apito, que ele julgava um instrumento vexatório, indigno, mesmo nas mãos dos vigias a altas horas; e como é que se ia usar semelhante arma contra a mais alta autoridade de um país?

Não era só contra o apito que Fuas desenvolvia considerações tendenciosas; o jornalista insinuou mesmo o linchamento de colegas. Como não se podia deixar de esperar, provocada naturalmente pelas medidas que os adeptos de Bentes tinham posto em prática para amordaçar a opinião, a imprensa analisou minuciosamente os méritos de Bentes.

Fuas, na falta de melhor modo de combater essa análise,

lembrou e insinuou que se devia proceder contra esses hereges da mesma maneira que se havia feito outrora com Apulcro de Castro. Não há nada mais infeliz, visto que esse Apulcro foi em vida um difamador profissional, e a sua morte redimiou-o e elevou-o. Havia dito ele, em seu jornal, que um certo capitão era caloteiro e logo todos os oficiais, sargentos, cabos, faxinas se julgaram ofendidos, não pensado duas vezes em vir em grupo matá-lo em plena rua, às barbas da autoridade. Vergonha maior para um país não se concebe e não se compreende a inteligência desses oficiais, soldados, sargentos, cabos, faxinas, que se julgaram ofendidos por ser acusado um capitão de não pagar suas contas.

Apelando para essas honras ultrapassadas de classe, para essas superstições de grupos, Fuas desentranhava com o seu jornal as mais obscuras doutrinas e selava as ameaças mais papuas possíveis.

Com a aproximação da posse de Bentes, essa excitação geral do povo despertou a Câmara dos Deputados, onde as discussões foram acaloradas.

A minoria era diminuta e a maioria se tinha crescido muito com o preenchimento de vagas intercorrentes, por morte ou por outro motivo, de deputados opositores. Nunca se viram deputados mais curiosos, mais imprevistos, sendo alguns mesmo de outra nacionalidade que não a brasileira. Já se tinha visto a apologia da ignorância, já se vira a apologia do assassinato de Apulcro de Castro, agora a Câmara punha em prática a internacionalização da representação do país. Havia deputados turcos, ingleses, belgas, finlandeses e todos eles conservando orgulhosamente a sua nacionalidade de origem e mal falando o português.

As “salvações” dos Estados não tinham continuado, mas os debates na Câmara eram furiosos e apaixonados. A administração, continuando nos seus processos, enchia as galerias de secretas e valentões; e, quando os deputados da oposição se referiam mesmo respeitosa e honrada ao general Bentes, um dos seus seguidores puxava o revólver e apontava-o para o orador, cobrindo-o das mais sujas mentiras.

O presidente da Câmara mandava chamar o entusiasta e dizia-lhe amigavelmente, paternalmente:

— Você não toma juízo, Lucrécio.

Não há nada mais perigoso do que um entusiasmo pago,

e os parlamentares temiam muito os defensores humildes do honrado general Bentes.

Campelo fora eleito deputado em uma das vagas, para enfrentar o célebre orador da oposição Júlio Barroso. A erudição deste, a sua voz cortante, a sua honestidade de proceder e de vida davam força e um prestígio extraordinário às suas orações.

Campelo fazia também discursos; tinha uma voz agradável, mas não tinha nem o saber, nem a força de Barroso. Se se tratasse de canto, podia-se dizer que Campelo tinha uma voz de salão, um bom timbre, mas sem extensão de volume. Quando se anunciava um discurso de Barroso, a Câmara enchia-se; enchiam-se as galerias, os corredores, as tribunas; Lucrecio e seu pessoal ajudavam a encher o edifício, e tal era o poder de sedução do orador, a fascinação da sua palavra, que eles o aplaudiam ingenuamente. Campelo, tendo notado isso, tomou uma decisão. Como deputado, ficava no recinto, bem perto do orador, e de lá fazia sinais a Lucrecio quando devia protestar com o seu pessoal. Assim mesmo, o orador conseguia vencer os obstáculos e ficou resolvido que os governistas o interrompessem com constantes apartes.

A sessão de vinte e cinco de Outubro foi particularmente agitada. Depois de ser lido o expediente, o presidente deu a palavra a um deputado “bentiano”, que explicou a sua atitude votando a favor da rejeição do veto oposto ao projeto de venda da Estrada de Ferro de Mato Grosso. Não era escravo de suas opiniões políticas, dizia; não temia a opinião pública, mas também não temia a oposição facciosa e arruaceira.

JÚLIO BARROSO – Protesto! Peço a palavra!

O presidente tocou os tímpanos e pediu a atenção.

O deputado disse que era uma ofensa à classe que perencia o honrado presidente eleito achar que ele seria capaz...

JÚLIO BARROSO – Que tem uma coisa com outra? Peço a palavra.

O ORADOR – ... capaz de patrocinar traficâncias. O honrado general Bentes pertence a esse grupo de heróis etc. etc.

Acabou o discurso e o presidente deu a palavra ao deputado Júlio Barroso. Houve rumores de cadeiras que se arrastam, de bancadas que caem, e todos tomaram os seus lugares. Os jovens deputados, na idade e nos dias de Câmara, ficaram atentos.

JÚLIO BARROSO – Sr. presidente. Eu não sei, não me entra absolutamente na compreensão, como militar que sou, quando

Numa e a Ninfa

não sou camarada: se quando sou por Huerta contra Carranza, se quando sou por Carranza contra Huerta?⁶²

WILLIS – Não apoiado! A ravem carried of his claws pieces of poisoned meat wich the enraged gardener had throw ipon the ground for his neighbour's cats.

O aparte do deputado Willis foi muito bem recebido; e, a um sinal de Campelo, houve palmas nas galerias a seguir-se às do recinto.

Fez-se um pouco de silêncio e ouviu-se o seguinte aparte:

EDDIN NAZIB – Parque? Né mifahman.

Palmas estrepitosas cobriram a voz do deputado persa, a um aceno de Campelo.

PRESIDENTE – Peço atenção! As galerias não podem se manifestar.

O ORADOR – Em tão premente colisão o meu espírito de classe...

CARACOLES – V. Exa. não pode dizer isso. Poco me faltó para fallecer cuando llegué a casa de Melisa: de todos los poros me brotaba el sudor frio, se me cerraban los ojos, y costó gram trabajo hacerme recobrar el conocimiento.

ABD-EL-CHEFFIF – De acordo. Nehabbeck; ma fchemtche.

Como o aparte anterior, este foi recebido delirantemente. Campelo fez um sinal e houve palmas na galeria.

O ORADOR – ...indaga se é mais militar Carranza ou Huerta e tenho que procurar no Almanack...

THEAMPULOS – Deu palalavéno.

O ORADOR – Sr. presidente, rogo a V. Exa. que mande traduzir para mim o aparte do nobre deputado.

A risada foi geral, e, antes que o presidente pudesse chamar a atenção, a um sinal de Campelo, um cidadão das galerias gritou: “Ignorante! ignorante!”.

PRESIDENTE – Atenção; as galerias não podem se manifestar.

ORADOR – ...tenho que procurar no Almanack, para segurança de minha ação, qual é o mais antigo, qual tem mais medalhas...

⁶² Referência a Pancho Villa, revolucionário que lutou na Revolução mexicana ao lado de Venustiano Carranza e Emiliano Zapata contra Huerta, que se tornara um ditador, derrotando-o em 1914. Após a vitória, Villa e Zapata sentiram-se defraudados por Carranza e se voltaram contra ele. Porém, foram derrotados e Carranza se consolidou no poder.

BUOCOMPAGNI – Ma la impresa era árdua; e non poteva compiersi senza molte ingiustize...

SAKENUSSEN – Si. Jeg holder af Dem.

Acabado de pronunciar o aparte que foi como os demais, ouvido pacientemente pelo orador, houve palmas nas galerias, a um sinal de Campelo.

PRESIDENTE – As galerias não podem se manifestar! Aviso aos senhores deputados que quem está com a palavra é o nobre deputado Júlio Barroso.

ORADOR – Sr. presidente, tenho até agora ouvido com a máxima paciência os apartes políglotas dos meus nobres colegas. Não sei onde estou, não sei se estou na torre de Babel, se isto...

WERNER – V. Exa. sape. Dies alle ist eine Scheisse.

UM SR. DEPUTADO – É isto mesmo.

VÁRIOS DEPUTADOS – Muito bem! Muito bem!

A um sinal de Campelo, um tanto diferente dos anteriores, as galerias prorromperam em entusiásticos vivas.

PRESIDENTE – Atenção. Quem está com a palavra é o nobre deputado Júlio Barroso.

ORADOR – ...se isto é mesmo o parlamento brasileiro, parlamento de um país onde se fala o português. Acho-me, por assim dizer, coagido a suspender as ligeiras considerações que vinha fazendo sobre o espírito de classe. Eu queria mostrar como esse espírito é uma sobrevivência nefasta, como ele já envergonhou nossa civilização. Vejo-me obrigado, porém, a suspendê-las, pois não tenho mais imunidades parlamentares, não podendo falar livremente como fazem aqui os parentes das influências poderosas que recitam...

NUMA – V. Exa. deve ser mais claro nas suas acusações.

ORADOR – Não estou acusando. Estou simplesmente tratando de um modo geral no que toca ao proceder da mesa...

NUMA – Não admito essas insinuações.

ORADOR – V. Exa. quando ora não tem dessas perturbações prejudiciais à memória ou ao fim...

NUMA – Peço a palavra para uma explicação pessoal.

Júlio Barroso continuou a sua oração embora cortado de apartes constantes após a qual foi dada a Numa a palavra para uma explicação pessoal. Toda a Câmara esperou que Numa fizesse um veemente discurso, como faziam crer as suas orações anteriores; mas, ao contrário disso, pronunciou breves palavras,

disse que era honrado, que a sua adesão ao general Bentes tinha sido espontânea e sincera.

A impressão geral foi péssima. Os seus amigos, quando deixou de falar, receberam-no friamente, não lhe deram os cumprimentos de hábito e houve suspensão em todos os espíritos.

É verdade que tinha, alegara incômodo, mas não podia ser ele tão grave que o impedisse de defender-se, e a sua defesa estava em falar com calor, com veemência e paixão. Piterzoon, entre colegas, dissera mesmo:

— Vocês se admiram! Não é coisa do outro mundo. O Numa lá de Roma acertava, quando consultava a Ninfa; com este ocorre a mesma coisa.

O genro de Cogominho deixou a Câmara apreensivo. Ele mesmo tinha provocado aquele incidente, ele mesmo tinha levantado a luva e fora ele mesmo, portanto, quem criara aquele fiasco. Julgou no começo poder pronunciar a sua defesa; não havia estudo a fazer, não havia argumento a responder, entretanto, o hábito que adquirira de discursar depois de estudo apurado tinha-o traído no momento crítico.

Era preciso apagar aquela impressão; no dia seguinte, fosse como fosse, tinha que fazer um discurso sólido, cheio, capaz, por **consequência**, de levantar a sua reputação. Foi logo para casa. Mal entrou, procurou a mulher. Edgarda lia na sua biblioteca. Numa entrou nervoso e ansioso. Olhou um momento com tristeza as estantes cheias de livros. A mulher notou sua fisionomia alterada, a sua angústia quase a nu.

— Que tens, Numa?

O deputado sentiu-se combalido e pôs as mãos na cabeça. Edgarda apiedou-se com aquela atitude do marido.

— Que tens, Numa?

Ele tomou alento, sentiu-se um pouco aliviado, a opressão deixou-o um pouco. Disse:

— Fiz um fiasco.

— Onde?

— Na Câmara.

— Foste falar.

— Fui.

— Que imprudência! Durante muito tempo?

Numa quase chorava. Era a sua carreira, eram as suas ambições que se desfaziam. Pela primeira vez, sentiu alguma coisa profundamente. A mulher também teve a visão do desas-

tre. Estremeceu.

— Falei cinco minutos... Gaguejei.

Numa então contou-lhe toda a história e a necessidade que havia de fazer um discurso no dia seguinte. A mulher concordou e dispôs-se a compô-lo completo e perfeito. Numa descansaria, ficaria mais calmo; e, de madrugada, depois do repouso, iria estudá-lo e estaria resgatado. Jantaram; Numa mais calmo e a mulher mais esperançada. Os criados tiveram ordem de dizer que os patrões tinham saído. O deputado foi dormir e a mulher trancou-se na biblioteca trabalhando na oração do marido.

A noite se fez totalmente. Numa dormiu profundamente as primeiras horas. Tinha os nervos fatigados, todo ele era cansaço e pedia repouso. Dormiu; mas, pelo meio da noite, despertou. Procurou a mulher ao lado. Não a encontrou. Recostou-se. Lembrou-se, porém, da combinação que tinham feito. Teve amor pela mulher, sentiu-a boa e o seu sentimento por ela se separava agora de todo e qualquer interesse, de toda e qualquer ambição. Para que aquela teima? Devia deixar a política, viver simplesmente com a mulher até que a morte o levasse. Mais valia a vida assim do que se disfarçar a todo o instante. Mas para fazer isto? Que seria ele? Nada. Devia continuar, devia não recuar. Era preciso ter destaque, figurar; era preciso que o chamassem sempre de deputado, senador; tivesse sempre consideração especial. Então podia ser assim um qualquer? Subir! Subir! E ele viu o Catete, as suas salas oficiais, o piquete, os batedores, o lugar de S. M. I., o Sr. D. Pedro II...

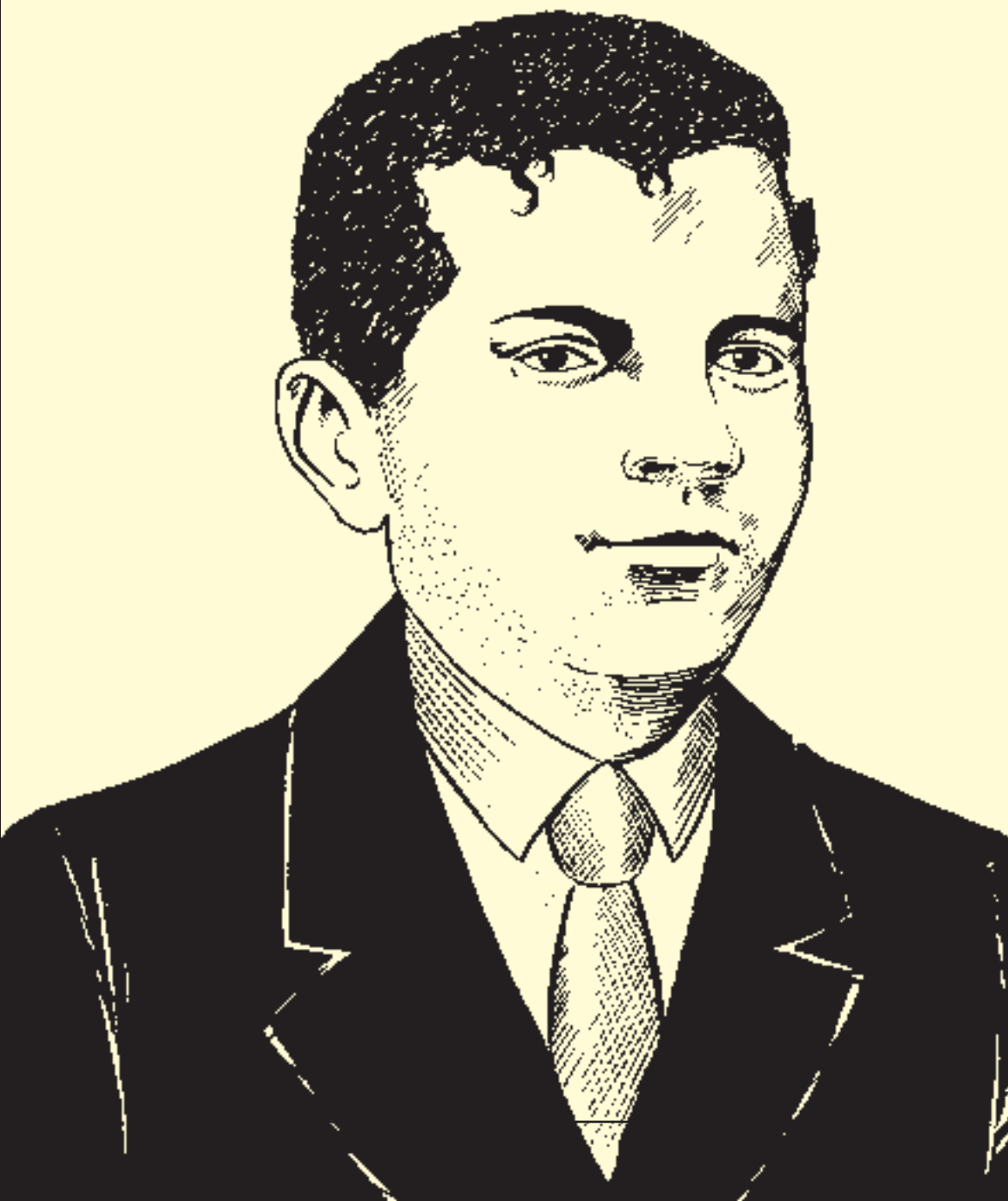
Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecer-lhe com um abraço o trabalho que estava tendo por ele. Calçou as chinelas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até o aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. As lâmpadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi.

Ao aproximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!

E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu **tranquilamente**.



O autor
Lima Barreto



Lima Barreto: vida e obra

A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende-se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recear que esse consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará e sigo o meu caminho.

Lima Barreto,
O destino da literatura

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881. Filho de negros nascidos de escravos, cresceu numa família bastante pobre. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, era tipógrafo; e sua mãe, Amália Augusta, que teve oportunidade de ser educada quando criança, foi professora primária. Ela morreu precocemente quando ele tinha apenas 6 anos de idade, ficando ao pai a responsabilidade de criar os filhos do casal.



A obra de Lima Barreto é marcada por fatos históricos importantes da época, como a Proclamação da República, retratada na imagem. Pobre, mulato, neto de escravos, Lima Barreto sentiria na pele a discriminação de pele e classe social.



Pouco tempo após a perda da mãe, Lima Barreto presenciaria dois grandes momentos históricos que alterariam drasticamente o universo político-social do País: a Abolição da Escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, no ano de 1889. As **consequências** desse período ficariam impregnadas na obra do escritor, que sofreria na pele a discriminação racial e a arrogância da burguesia recém-nascida.

Começou a estudar ainda na cidade de Niterói, mas logo depois foi transferido para a única instituição pública de ensino secundário da época, o conceituado Colégio Pedro II, no centro do Rio de Janeiro, cujos estudantes eram oriundos da burguesia carioca. Em 1897, aluno de destaque, ingressou no curso de Engenharia da Escola Politécnica, no Largo de São Francisco. Nessa época, começou a publicar seus textos em pequenos jornais e revistas estudantis.

No ano de 1903, com o agravamento do estado de saúde de seu pai, que sofria de problemas mentais, resultando em um internamento num sanatório, foi obrigado a abandonar o curso de Engenharia e assumir o sustento dos irmãos, empregando-se então num cargo burocrático no serviço público. Graças à função e às suas colaborações para diversos órgãos da imprensa escrita da época, conseguiu algum sustento financeiro.

Em 1905, Lima Barreto escreve a versão inicial de Clara dos Anjos, livro que só viria a ser publicado postumamente. Nessa mesma época, dá início a dois de seus romances: Recordações do Escrivão Isaías Caminha e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.

O primeiro, seu romance de **estreia**, só foi lançado como livro em 1909, em Portugal, três anos após ter sido publicado em folhetins na revista Floreal. Na obra, Lima Barreto adota os recursos da escrita autobiográfica (já trabalhada por autores como Flaubert e Dostoiévski) e nos presenteia com um retrato maciço e condensado da realidade, retrato este que estará presente em todos os seus escritos, e com uma linguagem impregnada de tipicidades do falar carioca, não se submetendo aos padrões impostos pela elite literária.

A sua produção, distribuída por cinco gêneros (romance,



sátira, conto, crônica e memórias), também se destaca pela amplitude de temas abordados, que vão de críticas sociais a descrições geográficas.

Em 1911, o seu romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, considerado por muitos como o principal representante do pré-modernismo brasileiro, é publicado em folhetins, só sendo lançado como livro em 1915, no mesmo ano da publicação da sua sátira política *Numa e a Ninfa*.

Anos depois, Lima Barreto começou a sofrer com problemas psicológicos e com o alcoolismo, que acabaram levando-o, em 1914, a passar dois meses internado no Hospital Nacional para tratamento psiquiátrico. Em 1919 o escritor volta a ser internado. Em seu *Diário íntimo*, escreve:

De mim para mim, tenho a certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões de que as dificuldades da minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio. Além dessa primeira vez que estive no Hospício, fui atingido por crise idêntica, em *Ouro Fino*, e levado para Santa Casa de lá, em 1916; em 1917, recolheram-me ao Hospital Central do Exército, pela mesma razão; agora, volto ao Hospício.

As experiências desse período também foram narradas pelo próprio Lima Barreto no romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*, no qual expõe os estigmas impressos em toda sua produção literária ficcional. Dentre os personagens de *Clara dos Anjos*, há um cuja descrição coincide com a do próprio escritor:

Leonardo Forbes, um verdadeiro poeta que tivera o seu momento de celebridade no Brasil inteiro e cuja influência havia sido grande na geração de poetas que lhe seguiram. Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais do que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa.

Numa e a Ninfa

Em 1922, seu estado de saúde deteriora-se rapidamente, culminando num ataque cardíaco. O escritor morre com 41 anos, deixando uma rica e vasta produção literária.

Lima Barreto, ao lado de Euclides da Cunha, é considerado um dos mais importantes escritores brasileiros do **pré-modernismo**. Para ele, a arte era um elemento para soldar, ligar a humanidade, estabelecer – como propõe em *Histórias e sonhos* (1920) – a “comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo com que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam, sob o açoite da vida, para maior glória e perfeição da humanidade”.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha resistência a leva a viver e por que essa resistência é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. Vivía na casa uma negra que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto, à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima.

Lima Barreto,
Recordações do Escrivão Isaías Caminha

É com a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em 1909, que Lima Barreto se insere no círculo literário brasileiro do início do século XX, sendo enfim mencionado na imprensa carioca, que, apesar da boa recepção do público, acusou o romance de ser bastante autobiográfico, dentre outras críticas.

De fato, a obra realmente apresenta muitas similaridades com a vida do próprio Lima Barreto. Além do reconhecimento entre a história de vida do narrador e a biografia do autor, vários dos personagens na narrativa foram diretamente inspirados em pessoas que Lima Barreto conheceu e com quem conviveu. É o caso do dono do jornal *O Globo*, Ricardo Loberant, que apresenta características semelhantes a Edmundo Bittencourt, proprietário do *Correio da Manhã*, jornal em que Lima Barreto trabalhou.

Assim, a obra é considerada, por causa dessa correspondência entre ficção e realidade, um romance à clef, ou seja, uma forma narrativa na qual o autor trata de pessoas reais por meio de personagens fictícios.

Na obra, Isaías Caminha, narrador-personagem, é um mulato, de família humilde e provinciana, que deseja um futuro e vê no Rio de Janeiro a chave para uma vida melhor. O pai, branco, ex-padre, “fortemente inteligente e esclarecido”, acaba se sobrepondo à figura da mãe: “Se minha mãe me parecia triste e humilde — pensava eu naquele tempo — era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicar a natureza da chuva...”.

Esse contraste afeta diretamente os planos de Caminha para o futuro, que se vê diante duas opções: permanecer na sua cidadezinha ou deixá-la e ir para o Rio de Janeiro. Uma enfraquecida pela figura da mãe, pela sua ignorância “e de outros parentes dela”; outra fortalecida pela imagem paterna, de triunfo. Sua alma, “de aspirações indefinidas”, o aconselharia: “Vai, Isaías! Vai!... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio!”.

Com uma construção minuciosa dos conflitos, das mazes, angústias, injustiças e atrocidades que perpassam a época, a obra retrata uma realidade severa, brutal, que faz Caminha refletir toda a sua conduta e o leva a compreender o seu eu.

A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar agiram sobre mim de modo curioso: **deram-me** anseios de inteligência. [...] Foi com esses sentimentos que entrei para o curso primário. Dediquei-me precipitadamente ao estudo. Brilhei, e com o tempo foram-se desdobrando as minhas primitivas noções sobre o saber. Tendências se acentuaram em mim; pus-me a desejar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumultuar de desejos, de aspirações indefinidas. Para mim era como se o mundo estivesse me esperando para continuar a evoluir...

Numa e a Ninfa

Após receber, então, o apoio do tio, que consegue uma carta de recomendação de emprego para o sobrinho, Caminha vai para o Rio de Janeiro, com a bênção da mãe:

No dia seguinte, quando me despedi, ela me deu um forte abraço, afastou-se um pouco e me olhou longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor.

Mas, antes mesmo de chegar lá, os contatos iniciais com a cidade grande se encarregariam de dissipar suas ilusões juvenis. Caminha então descobre uma sociedade dominada pelo preconceito e pela desigualdade.

Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem me trazer o troco reclamei: “Oh!”, fez o caixeiro indignado e em tom áspero. “Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, ao meu lado, um rapazola alourado pedia o dele, que lhe foi agradavelmente entregue. O contraste me feriu, e, com os olhares que os presentes me lançaram, a minha indignação só cresceu.

A situação se agrava quando a carta de recomendação, que era a única possibilidade de Caminha conseguir um emprego, mostra-se inútil, já que o doutor Castro, o deputado amigo do Coronel Belmiro, deixa-o na mão, recusando-se a ajudá-lo. A falta de dinheiro, de experiência e de maturidade lançam-no então à própria sorte:

[...] fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade; senti-os por toda a parte, graduando os meus atos, anulando os meus esforços; senti-os insuperáveis e destinados a me esmagar, reduzir-me ao mínimo, a me achatar completamente.

Caminha conhece, assim, o desprezo e a miséria.

É importante destacar as denúncias de corrupção política e econômica que estão presentes em toda a obra e que fazem parte de uma crítica incisiva do autor ao regime republicano. “Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! se o fizessem! Que surpresa!”. Na obra de Lima Barreto, vê-se então uma crítica profunda penetrando várias instituições da sociedade, como o governo e a imprensa.

A Imprensa! Que quadrilha! Fiquem vocês sabendo que, se o Barba Roxa ressuscitasse, agora com os nossos velozes cruzadores e formidáveis soldados, só poderia dar plena expansão à sua atividade se se fizesse jornalista.



Outra instituição contra a qual o autor desenvolve críticas é a ciência:

Os homens têm amor à utopia quando condensada em fórmulas de felicidade; e aqueles militares, funcionários, estudantes, encontravam naquelas afirmações, repetidas com tanta segurança e cuja verdade não procuravam examinar, um alimento para a fome de felicidade da espécie e um consolo para os seus maus dias presentes.

Após ser denunciado pelo dono do hotel em que se hospedava e após exigir na delegacia seus direitos, Caminha é preso por suspeita de roubo: “Fui para o xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo”. Consegue sair da prisão e, sem dinheiro, vê-se obrigado a vender seus livros para pagar as diárias de um cômodo e se alimentar apenas quando não mais suporta a fome.

Disposto a aceitar qualquer emprego — para guardar “dinheiro suficiente que me desse tempo para obter mais tarde um lugar melhor” —, começa a ler anúncios nos jornais. Agrada-se de um numa padaria e vai contente falar com o proprietário, que recusa-o.

— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...

— Foi; é o senhor? — respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.

— Sou, pois não.

O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

— Não me serve.

— Por quê? — atrevi-me.

— Porque não me serve.

Lima Barreto, assim, reserva ao seu narrador um fundo trágico, dando a ele uma dignidade humana superior.

Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.

É válido perceber que essa característica vai estar presente em toda a produção literária do escritor, que vai ter nos temas referidos ao cotidiano, ao doméstico e às baixas classes sociais a fonte para dar esse tratamento épico aos seus personagens.



Caminha dá-se por satisfeito quando, graças ao jornalista Gregoróvitch, consegue ser contratado como entregador do jornal O Globo. Com o cargo, conquista um sustento financeiro e, aos poucos, vai se esquecendo “dos dias de fome passados a vaguar pelas ruas da cidade”.



Edição do Jornal O Globo de 1925.

Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/sonho-drama-8893504>. Acessado em 14/03/2015.

No jornal, conhece as pessoas relacionadas com o meio jornalístico do Rio de Janeiro, como: o diretor Ricardo Loberant, que consegue sucesso com matérias sensacionalistas; Frederico Lourenço do Couto, o Floc, crítico literário que, embora seja tido como homem dotado de cultura superior, apenas consegue escrever as poucas linhas de sua contribuição diária depois de grande esforço intelectual; e Legorace, secretário do jornal, completamente submisso ao proprietário, mas arrogante com seus subordinados.

E, através de seus personagens, Lima Barreto vai questionando a existência. E, ao focalizar alguns grupos representativos da elite da sociedade carioca da época, vai imprimindo à obra um caráter memorialista. Ele também insistia que as preocupações gramaticais e estilísticas não interferissem na naturalidade dos personagens.

Quando se encontrava com qualquer dos empregados do jornal, ficava-se admirado que a folha se imprimisse e se escrevesse diariamente. Floc tinha em pouca conta Losque: um bufão, dizia ele; Bandeira desprezava Floc: um eunuco; e todos como que pareciam querer entre devorar-se até os ossos. Entretanto, quando um fazia anos, a seção competente gemia e os adjetivos mais ternos e mais camaradários não eram poupados. De seção para seção, a guerra era terrível. A revisão dizia que a redação era analfabeta; a tipografia acusava ambas de incompetentes; e até a impressão que não lia nem via originais tinha uma opinião desfavorável sobre todas três.

Numa e a Ninfa

São essas características que fazem do romance uma fonte rica de dados para a história **linguística**, social e cultural do Rio de Janeiro da virada do século.



Isaías então passa a viver num mundo em que os sonhos e ilusões do passado são trocados pela sobrevivência. Vira uma espécie de observador do sucesso alheio, julgando-se superior ao resto do mundo apenas por circular entre seres conhecidos pela inteligência, talento e prestígio social. “Fiquei cheio de orgulho pueril, tratando toda a gente com um desdém sobranceiro, sentindo-me tocado, atingido por um pouco da grandeza que cabia ao doutor Loberant, ao Losque e ao inimitável Floc”.

A condição de entregador muda quando Isaías, após o suicídio de Floc, surpreende o dono do jornal numa noite de orgia (“as mulheres em camisa e os homens também, mas mais descompostos”), que, “envergonhado”, promove-o a repórter.

Assim, aos poucos, Lima Barreto vai traçando a evolução de seu narrador, cuja vida é condicionada pela cor da pele.

Nos meus primeiros meses de reportagem foi quando amei mais ativamente a vida. Não porque me visse adulado pelos almirantes e capitães de mar e guerra, mas porque senti bem a variedade ilimitada da existência, a fraqueza dos grandes, a instabilidade das coisas e o seu fácil deslizar para os extremos mais opostos.

Um dia, envolvido em reflexões, Isaías compara sua vida presente com os sonhos utópicos alimentados na juventude e confessa a impossibilidade de se realizar o “homem que desejara ser”. Deixa então o jornal.

Percebe-se, portanto, que dois aspectos centrais, cruzando-se e entremesclando-se, perpassam a obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*: um que abarca o poder, a discriminação, as angústias, atrocidades e o distanciamento entre as pessoas no início do século XX; e outro que surge da experiência dolorosa de Isaías Caminha — que sofre, é humilhado e ofendido — e que converge para a comunhão dos homens de todas as raças, classes e gêneros.

Em um momento, após Loberant se espantar ao saber que Caminha tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que se educara, este reflete:

Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, pianistas, fanfarrões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos políticos; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas.

Lima Barreto, portanto, ao revelar intensas experiências pessoais e sociais em romances, cria uma forma marcada por extrema lucidez e profunda crítica, que sempre buscará a igualdade entre os seres.

O leitor, ao estabelecer uma relação entre a história de vida do protagonista e a biografia do autor, vê-se diante de um romance de conteúdo autobiográfico que se mescla à mais livre invenção romanesca. E não, como pressupôs alguns críticos, diante de uma obra cheia de “falhas”, referindo-se ao seu exacerbado caráter personalista.

Com Recordações do escrivão Isaías Caminha, Lima Barreto revela que, traduzidas numa criação artística, suas memórias pessoais deixam de lado o caráter confessional e adquirem um efeito simbólico, transpondo o campo de significação do particular para o universal. Até mesmo porque, como o autor afirmou em Impressões de leitura, “o destino da literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ele cumpra ainda mais uma vez a sua missão quase divina”.